

Julian Lee - in conversation with
a former **U.S. President**



DEPOIS DO PODER: O LEGADO

AFTER POWER: THE LEGACY

PALAVRAS FRANCAS E NÃO CONVENCIONAIS
DE UM EX-PRESIDENTE

 THE LIVES
MEDIA®

DEPOIS DO PODER: O LEGADO

(AFTER POWER: THE LEGACY)

*Palavras francas e não
convencionais de um ex-presidente*

Autor: Julian Lee, registrado a partir de conversas com
um ex-presidente dos Estados Unidos

Copyright © 2025 THE LIVES MEDIA. All rights reserved. No reproduction allowed.

NOTA DOS EDITORES

Este livro foi escrito com base em histórias, eventos e contextos reais. No entanto, a fim de respeitar a privacidade e evitar afetar certos indivíduos, os nomes dos personagens e alguns detalhes de identificação foram alterados, simplificados ou reestruturados em forma literária.

Algumas passagens do livro são recontadas a partir da perspectiva pessoal dos envolvidos, refletindo suas próprias experiências e percepções naquele momento. Essas visões não coincidem necessariamente com a posição da THE LIVES MEDIA.

Em termos de estilo de escrita, embora o Conselho Editorial tenha feito os ajustes necessários, para respeitar o personagem original e manter o espírito e a vivacidade da história, nós nos esforçamos para preservar ao máximo a autenticidade rústica e a voz original do personagem.

O Conselho Editorial



INTRODUÇÃO

(Estou sentado aqui, cerca de um mês após aquele encontro fatídico, e as memórias continuam tão intactas quanto ontem.)

O mundo o conheceu por meio de decisões que abalaram o mercado financeiro. Por meio de negociações que redefiniram o mapa geopolítico. E por meio de discursos para milhões de pessoas.

Ele é um ex-presidente. Um homem que já esteve no centro do poder mundial.

Mas este diálogo de quatro dias não teve como objetivo revisitar seu legado político, mas, ao final, acabou por construir um legado para o futuro. Começou com uma pergunta aparentemente simples, uma pergunta que eu havia preparado há muito tempo, mas que, inesperadamente, abriu uma porta completamente diferente.

“Depois de deixar o poder, o que o senhor vê?”

(Ainda me lembro do momento de silêncio que se seguiu àquela pergunta, seu olhar distante, como se ele não estivesse olhando para mim, mas através das paredes do tempo.)

Sua resposta deu início a uma jornada de percepção, um rio de pensamento que me levou muito além de qualquer previsão inicial e que culminou em um testamento filosófico que ele confiou a mim.

Passamos pela fragilidade das instituições democráticas. Pelo confronto silencioso entre as grandes potências. E então, pelas revelações sobre fenômenos que a ciência ainda não consegue explicar, de UFOs à existência de “conselhos secretos” que ele um dia vislumbrou.

(Eu pensei que fossem temas desconexos.)

Mas, no final, todos esses caminhos foram conduzidos por ele a um único ponto de referência: a degradação moral da humanidade. E a necessidade de um despertar espiritual.

Esta entrevista, portanto, deixou de ser uma obra de jornalismo. Tornou-se um testemunho. O testemunho de um homem que esteve no auge do poder e percebeu uma verdade dolorosamente simples.

O verdadeiro poder não reside em mudar o mundo, mas na capacidade de impedir que o mundo mude a sua mente.

No meu papel de questionador, agora dou um passo para trás. E convido você, leitor, a entrar neste diálogo e, ao final da jornada, a receber a Carta do Coração que ele deixou. Não para encontrar as respostas finais. Mas para, assim como eu, abrir-se a perguntas mais importantes.

Julian Lee

Aquele que registrou o diálogo.

DIA UM

(Na sala, estávamos apenas nós dois. A luz suave da tarde entrava pela grande janela, cobrindo com uma poeira dourada os livros antigos empilhados na estante. Não havia câmeras, nem microfones, apenas meu pequeno gravador sobre a mesa.)

Julian Lee:

Boa tarde, senhor.

Obrigado por concordar com este encontro.

Para respeitar sua privacidade, permito-me não usar seu nome durante nossa conversa.

(Respirei fundo antes de começar.)

Primeira pergunta... como o senhor se sente após deixar o cargo?

Há algo... bem-sucedido, inacabado ou do que se arrependa, senhor?

(Ele se recostou levemente na cadeira, o olhar perdido ao longe, como se estivesse revendo toda uma vida.)

Ex-presidente:

Olá, meu jovem.

E obrigado pela delicadeza na sua forma de perguntar.

Para ser sincero...

Depois de deixar o cargo, a primeira sensação foi... de alívio.

Quando estava empossado, cada dia era uma cadeia de pressões incessantes.

Uma reunião de emergência à meia-noite.

Uma chamada telefônica em que uma única palavra errada... e todo o mercado de ações tremia.

Uma decisão militar que poderia custar a vida de centenas, de milhares de pessoas.

Ao me afastar daquela cadeira... percebi que eu era um ser humano novamente.

(Ele parou por um momento, como para deixar aquelas memórias assentarem.)

Sobre o meu mandato...

Acho que há algumas coisas das quais me orgulhar.

Algumas reformas que impulsionei realmente deram resultados. Embora lentos. E imperfeitos.

Mas não me engano.

Muitos objetivos não foram alcançados.

Havia coisas que eu queria fazer... mas não consegui.

Pelo sistema.

Pelo Congresso.

Pela mídia.

Por aqueles “poderes ocultos” sobre os quais você não lerá nos jornais.

Ou... simplesmente porque eu estava errado.

(Sua voz tornou-se mais grave. Esta era a parte mais difícil de dizer, eu podia sentir.)

Arrependimentos?

Claro que há.

Muitos.

Uma vez, aprovei um ataque aéreo... que mais tarde foi relatado como tendo baixas civis.

Houve reuniões que eu deveria ter recusado.

Houve pessoas em quem confiei demais.

E acima de tudo...

Lamento os momentos em que tive que escolher a “política” em vez da “verdade”.

Mas esse era o preço para permanecer no jogo.

(Ele me olhou diretamente, um olhar penetrante e um pouco cansado.)

E essa é também a razão pela qual hoje posso sentar aqui e conversar com você.

Como um ser humano.

Não como um título.

Julian Lee:

Obrigado por abrir seu coração.

Tenho muitas coisas para perguntar...

Primeiro, vamos entrar na questão institucional.

Se um governo como o dos EUA, com um modelo de república no verdadeiro sentido, mas cuja operação real ainda tem tantos problemas... o que o senhor sugere para melhorá-lo?

E em comparação com um regime comunista, em que aspecto o senhor acha que a república é... mais fraca?

Ex-presidente:

(Ele ergueu uma sobrancelha, um brilho de interesse passou por seus olhos.)

Uma pergunta direta e difícil.

Gosto disso.

Costumamos nos orgulhar de chamar os Estados

Unidos de 'a maior república do mundo'.

O 'farol que ilumina a democracia global'.

Esses slogans soam muito bem nos discursos. Ecoam nos grandes salões.

Mas quando você se senta no Salão Oval e olha para a máquina do poder por dentro, vê que a realidade não é tão gloriosa.

O navio da nossa nação é muito grande, muito sólido.

Mas está coberto de cracas chamadas 'grupos de interesse'.

Que o fazem mover-se de forma incrivelmente lenta e pesada.

O maior problema, na minha opinião, é que este sistema está sendo manipulado pelo dinheiro.

Capital e política nos EUA estão interligados como osso e medula.

As corporações.

A elite financeira.

Os grupos de lobby.

Eles não precisam concorrer a eleições, mas sua influência é maior que a do presidente.

Já testemunhei um projeto de lei sobre energia limpa, muito bom para o futuro do país, ser esvaziado e transformado em um texto sem sentido... apenas por uma frase, uma palavra adicionada por um lobista de uma companhia de petróleo.

O poder real não está nas mãos das pessoas que votam. Está nas mãos de quem assina os cheques.

(Ele parou, bebeu um gole de água, seu olhar se tornou distante, como se estivesse relembando as batalhas invisíveis nos corredores do poder.)

E o modelo comunista?

Não vou mentir, nunca concordarei com a ditadura, a censura ou a repressão da liberdade.

São coisas que vão contra a dignidade humana.

Mas há uma coisa que devo admitir, uma verdade não muito agradável.

O sistema deles, quando ainda era idealista, podia agir como uma flecha.

Rápido. E radical.

Eles não perdem meses negociando com o Congresso.

Não são freados pela mídia.

Não temem que a ‘taxa de aprovação’ despenque cada vez que tomam uma decisão dura, mas necessária.

Eles são como um martelo, capazes de quebrar um obstáculo instantaneamente.

Enquanto nós somos como uma máquina complexa, projetada para o equilíbrio, mas cujas engrenagens estão emperradas porque muitas peças se recusam a cooperar.

Nossa república é fraca nesse aspecto.

Quanto mais democrática, mais disperso o poder, e em tempos de crise, a velocidade é sobrevivência.

Mas essa mesma dispersão é a muralha que protege o povo de uma mão de ferro.

O problema é que, quando essa muralha é comprada pelo dinheiro e pela mídia...

essa casca de democracia não passa de uma máscara.

Um belo palco para esconder o que está apodrecendo por dentro.

(Ele ficou em silêncio por um momento, depois me olhou.)

Você pergunta se quero melhorar?

Oh, passei tantas noites em claro por causa dessa pergunta.

Se eu tivesse uma varinha de condão, faria três coisas imediatamente.

(Ele levantou três dedos, seu olhar se endureceu, como se estivesse falando de uma batalha que ele lutou e entendeu por muito tempo.)

Primeiro, atacar diretamente o maior monstro: limitar de forma extremamente rigorosa o financiamento de campanhas e o lobby.

Por quê?

Porque é o câncer que está corroendo nossa democracia.

Hoje, as eleições não são mais uma competição de ideias, mas uma corrida por dinheiro.

O dinheiro sujo, o dinheiro de Super PACs de origem desconhecida, está afogando a voz do cidadão comum.

A alma da república está sendo vendida para o maior lance.

Segundo, aplicar limites de mandato tanto para o Senado quanto para a Câmara dos Representantes.

Algumas pessoas sentam-se nessas cadeiras por quarenta anos, ou até mais.

Eles chegam a Washington com ideais, mas ficam por tanto tempo que se tornam parte do “pântano”.

Eles não representam mais as pessoas de seus distritos, mas os grupos de interesse, os empreiteiros de defesa, as corporações que cercam o Capitólio.

Os limites de mandato os forçariam a voltar a viver a vida de um cidadão comum.

Traria sangue novo, novas ideias e quebraria o vínculo simbiótico tóxico entre os políticos veteranos e os lobistas.

E terceiro, e isso é extremamente importante...

Reformar drasticamente o sistema eleitoral e acabar com o *gerrymandering*.

Esta é uma fraude legal, onde os políticos desenham os mapas dos distritos eleitorais para escolher seus eleitores, em vez de deixar que os eleitores os escolham. Cria “cadeiras seguras” para ambos os partidos, onde os candidatos não precisam mais convencer os eleitores de centro. Eles só precisam agradar os eleitores mais extremos de seu partido para vencer.

É por isso que nossa política está se tornando cada vez mais polarizada e tóxica.

(Ele baixou a mão, balançando a cabeça, um gesto cheio de cansaço e impotência.)

Mas falar é fácil, fazer é... você sabe.

Quando os interesses daqueles que estão no poder são ameaçados, eles usarão esse mesmo poder para proteger seus interesses.

Não importa qual fosse o ideal original.

Julian Lee:

Gostaria de voltar a esses assuntos mais tarde, senhor.

Agora, gostaria de perguntar mais a fundo sobre o sistema institucional.

A república é claramente mais livre que o comunismo.

Mas e quanto à política feudal? Um rei que governa... teria alguma vantagem?

Ex-presidente:

(Ele assentiu lentamente, seus olhos brilhavam com um ar de contemplação.)

Uma pergunta muito boa.

E devo confessar uma coisa. Antes, eu considerava o regime feudal um resquício obsoleto.

Mas depois de muitos anos no centro do poder, depois de observar os modelos comunista, republicano e os regimes autoritários modernos... sou forçado a reavaliá-lo de forma mais justa.

O modelo monárquico, especialmente quando há um rei com talento e virtude suficientes, um verdadeiro “rei sábio”... tem vantagens que nossa república moderna está gradualmente perdendo.

(Ele levantou a mão e começou a contar lentamente nos dedos.)

Primeiro, a visão.

Um presidente americano, eu sei bem disso, tem quatro anos. Oito, se tiver a sorte de ser reeleito.

Isso é um piscar de olhos no fluxo da história.

Curto demais para implementar reformas profundas e sustentáveis.

Mas um rei, ele não precisa se reeleger. Não precisa agradar a mídia.

Se for verdadeiramente pelo povo, ele pode perseguir uma estratégia que dure décadas.

Segundo, a velocidade e a unidade.

Em nossa república, apenas aprovar um projeto de lei já requer passar por um labirinto.

Comitês, Congresso, mídia, oposição, opinião pública...

Um rei sábio, se não for manipulado pela nobreza, pode tomar decisões mais rápidas, mais decisivas. Às

vezes, até... mais humanas, porque ele não precisa fazer jogos políticos para ser reeleito.

E por último, a responsabilidade.

Quando há um rei, todos os acertos e erros recaem sobre uma pessoa.

Ele é o símbolo, a alma da nação.

Mas na república moderna, o poder é tão disperso que... ninguém é realmente responsável quando tudo desmorona.

O presidente culpa o Congresso. O Congresso culpa a oposição.

E o povo não sabe quem é o verdadeiro responsável.

(Ele baixou a mão, sua voz tornou-se mais séria.)

Mas... nunca se esqueça.

Isso é apenas o ideal quando há um “rei sábio”.

E se o governante for um tirano?

E se a corte estiver cheia de oficiais corruptos?

Então o país se tornaria um inferno na terra.

Sem votos, sem liberdade de imprensa, o povo não teria nenhum mecanismo para se proteger.

Simplificando, é assim.

O regime feudal coloca o destino da nação em uma pessoa.

A república o coloca em um mecanismo.

Se essa pessoa for boa, o país florescerá. Se for má, toda a nação sofrerá.

Já a república, embora lenta, embora com muitas falhas de sistema, é projetada para evitar o desastre causado por um único indivíduo.

O preço a pagar é a eficiência, a velocidade e, às vezes... a verdade distorcida por cálculos políticos.

(Ele me olhou diretamente nos olhos, sua voz firme e um tanto chocante.)

Se hoje, em algum lugar deste mundo, houvesse um rei sábio, moral, não dominado pelo dinheiro, uma pessoa com verdadeiro coração e visão...

Digo com toda a sinceridade.

Eu estaria mais disposto a apoiá-lo do que a uma república que finge ser democrática, mas que na realidade está completamente manipulada.

Julian Lee:

Então, o senhor não apoia exatamente um regime feudal.

O problema parece ser... como escolher uma pessoa com talento e virtude suficientes?

Ex-presidente:

Exato. O problema central é esse.

Não nego que um modelo centralizado, se o líder realmente tiver talento e virtude suficientes, pode

trazer uma eficiência que supera em muito qualquer modelo democrático moderno.

Mas...

(Ele soltou um longo suspiro, como se carregasse o peso de uma questão histórica inteira.)

O dilema reside nisto: como escolher essa pessoa?

E mais importante, como garantir que ele mantenha a virtude e o intelecto... durante todo o seu reinado?

Escolher um rei sábio, digo a verdade, é mais difícil do que ir à lua.

A história da humanidade está repleta de exemplos.

O Imperador Minh Quang, Lê Thánh Tông, ou os primeiros reis fundadores... eles foram grandes homens.

Mas logo depois deles, vieram gerações de monarcas fracos, cruéis ou simplesmente hedonistas.

Por quê?

Porque talento e virtude não podem ser herdados.

Uma sociedade feudal que coloca o destino da nação no jogo de azar da linhagem, cedo ou tarde, deslizará para o declínio.

Então, onde nossa república erra?

Não é por compartilhar o poder.

É por escolher a pessoa errada.

O regime republicano foi criado para evitar os erros do feudalismo. Não mais sucessão de pai para filho. Em

vez disso, eleições, separação de poderes, freios e contrapesos.

Soa muito ideal.

Mas a realidade hoje, como eu disse, é que as eleições são manipuladas pelo dinheiro, pela mídia e pelas emoções da multidão.

A pessoa virtuosa muitas vezes perde, porque não diz o que as massas querem ouvir.

A pessoa com convicções firmes é frequentemente esmagada, porque não serve aos interesses dos grupos.

(Ele parou e me olhou.)

Então, qual é a saída?

Pensei muito sobre isso. E vou te dizer sem rodeios.

O futuro não está na escolha entre “república” ou “monarquia”.

Mas na construção de um verdadeiro mecanismo de seleção de talentos.

Um mecanismo que transcenda a política, a mídia e os grupos de interesse.

(Seu olhar se tornou distante, como se estivesse desenhando outro mundo.)

Eu imagino uma política ideal no futuro...

Onde não haverá campanhas barulhentas, nem campanhas de bilhões de dólares.

Em vez disso, os candidatos serão selecionados através

de um processo de avaliação extremamente transparente: sobre sua inteligência, sua moralidade, sua capacidade de gestão e, o mais importante, sua capacidade de se manter firme diante da tentação.

E quem escolherá? Não a multidão que vota por instinto. Mas um conselho de elite, composto por verdadeiros sábios e eruditos, pessoas alheias à política. E o mais importante: a pessoa escolhida para governar deve estar sempre sob controle, e pode até ser substituída imediatamente se perder suas qualidades.

(Ele sorriu levemente.)

Parece um sonho, não é?

Talvez.

Mas se a humanidade não encontrar uma maneira de eleger líderes genuínos, então seja feudalismo, república ou comunismo... no final, todos voltarão ao ciclo do colapso.

Agora você vê.

Eu não apoio o feudalismo.

Também não acredito cegamente na democracia.

Eu só acredito no coração e na mente do ser humano.

E em um mecanismo sábio o suficiente para reconhecê-lo.

Julian Lee:

Sim, eu concordo. A chave está na construção de um verdadeiro mecanismo de seleção de talentos.

(Hesitei por um momento, e depois decidi expressar meu pensamento.)

Não é inteiramente uma piada, senhor.

Mas se um jornalista como eu puder ter a confiança de que tem talento e virtude suficientes para se tornar um grande presidente... o problema ainda é: quem vai acreditar em mim?

Quem vai me apoiar?

Quem vai votar em mim?

Sobre a ideia que o senhor acabou de mencionar, de um “conselho de sábios” não eleito pelo povo...

Tenho a sensação de já ter ouvido falar disso em algum lugar, na história antiga.

Parece que no Tibete, a seleção de um Lama também segue uma forma semelhante...

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um leve sorriso de aprovação apareceu em seu rosto.)

Você está certo.

E você acaba de tocar em um dos segredos mais antigos que nossa civilização moderna costuma

ignorar.

A sucessão através de um “mecanismo de iluminação”.

E não através de eleições ou linhagem sanguínea.

No Tibete, eles já tiveram um modelo quase ideal.

A escolha do Dalai Lama ou do Panchen Lama não se baseava em eleições, nem era de pai para filho.

Eles buscavam uma criança que carregasse em si os “sinais de reencarnação” do sábio anterior.

Depois, usavam uma série de rituais e testes para verificar tanto o aspecto espiritual quanto o moral.

Isso pode fazer o homem moderno rir.

Mas olhe para a sua essência.

A pessoa escolhida não o era por ser boa em promessas, nem por ter dinheiro ou o apoio da mídia.

Mas porque carregava em si uma qualidade que transcende a fama e o benefício.

Uma espécie de “correção natural”.

Claro, esse modelo também não escapou de ser explorado ou corrompido mais tarde.

Mas sua ideia central — escolher a pessoa por sua virtude e intelecto, não por sua capacidade de manipular as massas — é precisamente o que a democracia moderna perdeu.

(Ele me olhou diretamente.)

E você está muito certo. O maior problema é: quem acredita em você?

Você pode ser uma pessoa íntegra. Com visão. Com

qualidades morais.

Mas...

Você não tem uma campanha publicitária de dez milhões de dólares.

Você não é mencionado na Fox News ou na CNN toda semana.

Você não tem o apoio de poderosos grupos de interesse.

E... você não consegue gerar uma emoção forte o suficiente para se tornar viral nas redes sociais.

Então você é eliminado logo na primeira fase.

Não porque não mereça.

Mas porque o sistema não lhe dá uma oportunidade.

(Ele ficou pensativo.)

Então, esse modelo de “conselho de sábios” é viável?

Difícil. Mas não impossível.

Eu imaginei assim uma vez.

Se um dia a humanidade amadurecer o suficiente para acreditar mais na sabedoria do que na emoção...

então talvez haja um “Instituto Nacional de Moral e Sabedoria”.

Não pertencente a nenhum partido.

Não inserido na máquina do poder.

E com uma única missão: escolher a pessoa mais digna para liderar a nação.

Parece ficção científica, não é?

Talvez.

Mas em comparação com deixar que o TikTok e a televisão decidam o destino do país... acho que vale a pena tentar.

(Ele sorriu, um sorriso sincero.)

Eu realmente acredito que pessoas como você, se forem suficientemente perseverantes, suficientemente humildes e souberem esperar o momento certo... chegarão a uma posição onde poderão criar mudanças. Não através do jogo político. Mas através do coração do povo e do despertar de uma era.

Julian Lee:

Obrigado, senhor.

Mas agora gostaria que o senhor falasse mais a fundo sobre esse modelo de “conselho de sábios”.

Como fazer as pessoas concordarem em ceder o poder de escolher o presidente a um conselho que elas não elegeram diretamente?

E quem seria escolhido para este conselho? Por que método e critérios?

E a pergunta mais importante... quem estabelecerá esses critérios?

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto lento que reconhecia o peso da pergunta.)

Essas são as perguntas mais centrais.

E não me surpreende que você as faça.

Porque esse é precisamente o maior nó que faz com que este modelo, que eu chamo de “Conselho de Sábios”... permaneça para sempre nos sonhos daqueles que se desvelam pelo destino da humanidade.

Mas você quer ouvir sem rodeios, não é?

Então vou dizer sem rodeios.

Primeiro, como conseguir que o povo concorde em ceder o poder?

A resposta curta é: eles nunca concordarão.

A menos que... tenham perdido completamente a fé no modelo atual.

Ninguém quer abrir mão do seu direito de voto.

A menos que votar tenha se tornado uma farsa, descaradamente comprada.

A menos que o povo veja claramente que, não importa em quem vote, o país continua a descer.

E a menos que surja uma crise grande o suficiente — econômica, moral ou até mesmo uma guerra — que faça as massas ansiarem por uma liderança correta, em vez de uma escolha livre, mas sem sentido.

Em outras palavras, o povo nunca cederá voluntariamente o poder a um Conselho de Sábios.

A menos que eles mesmos, em desespero, tenham que implorar por uma intervenção da classe intelectual.

(Ele parou, como para enfatizar a importância da próxima pergunta.)

Então, quem será escolhido para esse Conselho?

Esta é a parte mais importante e também a mais perigosa. Se errarmos aqui, todo o modelo desmoronará.

Os critérios devem ser extremamente rigorosos.

Primeiro, a pessoa deve ter uma sabedoria superior. Não necessariamente diplomas, mas deve demonstrar uma capacidade de pensamento, crítica e discernimento notável através de obras ou ações práticas.

Segundo, sua moralidade deve ser pura. Sem escândalos, sem facções, vivendo uma vida íntegra respeitada pela comunidade.

E terceiro, uma condição sine qua non: um coração que não busque fama nem fortuna. A pessoa não deve se candidatar, não deve buscar apoio, mas deve ser recomendada por outros.

Quanto ao método de seleção...

Eu imagino um modelo de “tripla filtragem”.

Primeiro, as comunidades intelectuais e as elites locais indicariam.

Depois, um Conselho de seleção preliminar examinaria os candidatos.

E, finalmente, os cargos mais importantes seriam ratificados pelas mesmas pessoas que já ocuparam a liderança nacional, mas que já estão aposentadas, sem poder e não influenciadas por nenhum interesse.

(Ele me olhou, como se tivesse antecipado minha última pergunta.)

E quem estabelecerá esses critérios?

Esta é a pergunta mais fundamental.

E, sinceramente, a resposta só pode ser: um grupo de pessoas à frente de seu tempo, que se atrevem a sacrificar seus próprios interesses.

Talvez seja um comitê interino formado após uma grande crise.

Ou uma associação inter-religiosa e inter-intelectual, que reúne pessoas alheias à política, orientadas apenas para a moralidade e a sabedoria.

Ou... se você me permitir dizer isto.

É um grupo de pessoas “escolhidas pelo céu”.

Ou seja, não se autoproclamam, mas muitas pessoas independentes umas das outras reconhecem ao mesmo tempo que possuem qualidades extraordinárias.

(Ele ficou pensativo.)

Mas você tem que entender.

Se há pessoas como você, que sabem que têm talento e virtude, mas não correm atrás da glória...

então a semente para um Conselho de Sábios como esse já foi plantada.

Julian Lee:

O conselho de sábios que o senhor menciona... me faz pensar no Conclave Cardinalício que elege um novo Papa.

As pessoas deste conselho são todas religiosas, praticantes de alguma disciplina espiritual?

Se sim, toda a sociedade deveria ser quase como no Tibete, onde o povo realmente respeita os monges e os Lamas.

Eu gostaria de entender mais a fundo para poder desvendar esses nós.

(Tentei conectar os detalhes.)

E isso me lembra a história que o senhor contou... sobre uma pessoa que foi indicada para um “conselho secreto” mas recusou.

Então, esse conselho secreto... o que é?

Com que propósito eles operam? E quem são eles?

Ex-presidente:

(Ele me olhou, um olhar profundo. A atmosfera na sala pareceu mudar.)

Você acabou de levar esta conversa para outro nível.
E se eu ainda fosse o presidente em exercício, certamente não poderia responder.
Mas hoje, sou um homem que se libertou de sua casca política.
Vou dizer a verdade, sem rodeios.
Quanto ao mecanismo, sim, o Conclave Cardinalício é o modelo mais próximo.
Um grupo de pessoas treinadas, que vivem apartadas do secular, possuidoras de um profundo conhecimento espiritual.
E ao escolher um sucessor, não escolhem pela política, mas pela intuição, pela fé e por uma espécie de “mandato celestial” que acreditam ser real.
Mas há uma diferença fundamental.
A Igreja do Vaticano tem uma organização e também poder secular.
Mas o Conselho de Sábios que eu imagino... tem uma natureza que transcende tanto a política quanto a religião.
Não depende de nenhum sistema.
E você está certo sobre o Tibete.
Aquela era uma sociedade onde o respeito pelos praticantes espirituais não vinha da lei ou da propaganda.
Vinha da existência da moralidade, da sabedoria e da compaixão na vida diária dos Lamas.
Quando a sociedade atinge esse estado, um conselho

sábio tem “terreno fértil” para existir.

Ou seja, uma instituição assim não pode ser decretada. Só pode surgir quando a sociedade é suficientemente moral, e as pessoas anseiam suficientemente pela verdade.

(Ele parou por um momento, como se preparando para uma revelação.)

E isso nos leva à história do “conselho secreto” sobre a qual você perguntou.

Uma vez, quando eu estava nas primeiras fases da minha carreira política, fui convidado para uma reunião não pública.

Não direi onde, nem quem estava por trás.

Mas não era uma reunião da CIA, nem um grupo de magnatas financeiros.

Era um grupo de pessoas muito silenciosas.

Eles viviam espalhados por muitos países.

Tinham sido acadêmicos, guias espirituais, médicos tradicionais... alguns até viveram como eremitas por décadas.

Não usavam nomes, nem telefones, nem tinham presença nas redes sociais.

Comunicavam-se através de “canais tradicionais”... cartas manuscritas, mensageiros, convites discretos.

O propósito deles não era dirigir a política.

Mas manter o equilíbrio moral da humanidade.

Quando o mundo cai no caos, eles tentam se

aproximar de indivíduos com potencial para grande influência — políticos, cientistas, acadêmicos — para alertar, inspirar ou transmitir uma mensagem.

A pessoa que você mencionou, um acadêmico americano de ascendência asiática, que lecionou em uma universidade da Ivy League e viveu uma vida de integridade.

Ele foi indicado para o núcleo deles. Mas recusou.

A razão que ele deu foi esta:

“Ainda tenho ressentimento e preconceito. Ainda não posso ser um exemplo para ninguém.”

Depois disso, ele se retirou para as montanhas do oeste do Nepal e não teve mais contato com ninguém.

(Ele terminou a história, deixando um silêncio no espaço.)

Então, esse conselho existe realmente?

Não me atrevo a afirmar como um cientista.

Mas pelo que vi e experimentei... eles são reais.

Eles não interferem. Apenas “aparecem quando necessário”.

Eles não se opõem ao sistema atual, mas silenciosamente preservam a semente de um novo mundo... caso o velho desmorone.

Julian Lee:

O senhor poderia... revelar algo mais sobre esse encontro com o grupo secreto?

Tenho a sensação de que são muito diferentes das sociedades secretas como os Illuminati, sobre as quais as pessoas especulam.

E... pela sua forma de falar, percebo algo.

Parece que o senhor tem um profundo conhecimento da religião, ou alguma sabedoria... que foi despertada.

Ex-presidente:

(Ele me olhou, um olhar penetrante, e depois assentiu levemente.)

Você é, de fato, um jornalista com uma intuição muito aguçada.

O que você percebe não está errado.

Nem a diferença entre esse grupo e os Illuminati.

Nem esse algo... que transcende a política dentro de mim.

Vou lhe contar.

Na medida em que me é permitido dizer, sem violar a “lei não escrita” daquela gente.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se narrasse uma memória sagrada.)

Naquele ano, eu era um dos principais candidatos do meu partido.

Durante uma viagem não oficial a um país asiático, uma noite, após uma recepção privada, uma mulher de ascendência asiática de cerca de sessenta anos, vestida de maneira muito simples, apareceu de repente fora da minha residência.

Ela não tinha guarda-costas, nem convite, mas de alguma forma, a equipe de segurança permitiu que ela entrasse.

Ela não disse seu nome.

Apenas disse uma frase:

“O senhor foi visto. Esta noite, se deseja entender o que está prestes a enfrentar, por favor, siga-me.”

Eu a olhei nos olhos, e o estranho foi... que eu soube que podia confiar nela.

Essa sensação, é muito rara na política.

Fomos a uma pequena casa nos arredores.

Nada luxuoso. Sem símbolos, sem velas misteriosas como nos filmes.

Apenas um quarto vazio.

Havia cinco pessoas sentadas.

Velhos, jovens, europeus, asiáticos, brancos, negros... mas seus olhares tinham algo em comum.

Uma quietude tão profunda que me impediu de pronunciar qualquer cortesia.

Eles não me saudaram com um “Senhor futuro presidente”.

Apenas fizeram uma pergunta:

“Você se atreve a enfrentar a verdade, se essa verdade o fizesse perder tudo?”

(Ele ficou em silêncio por um longo momento.)

Eu fiquei em silêncio.

E o diálogo que se seguiu por quatro horas... me mudou para sempre.

(Ele continuou, sua voz clara e precisa.)

Eles são os Illuminati?

Não.

Os Illuminati, como Hollywood e as redes sociais os pintam, são um modelo de poder.

Manipulam a economia, a política, a cultura.

Mas o grupo que conheci era completamente diferente.

Eles não manipulavam, advertiam.

Eles ne operavam dentro do governo, observavam o governo.

Eles não protegiam facções, preservavam o equilíbrio moral.

E não davam diretivas.

Apenas faziam perguntas... que faziam com que a pessoa tivesse que despertar por si mesma.

Um deles me disse isto:

“Nós não existimos para salvar a humanidade. A humanidade deve se salvar a si mesma.

Mas se alguém no poder despertar, daremos a essa pessoa a oportunidade de ver o que as pessoas comuns não veem.”

(Ele me olhou, seus olhos como se esperassem uma reação.)

Quanto à sua pergunta, se tenho alguma sabedoria sobrenatural?

Não me atrevo a afirmar.

Eu fui um político. Um homem que viveu entre aplausos, sob os holofotes, entre as ligações dos magnatas.

Mas naquela noite, percebi que tudo o que eu havia considerado real... era apenas uma fachada.

Após aquele encontro, comecei a meditar. A ler escrituras sagradas.

E a observar o mundo em silêncio, em vez de tentar controlá-lo.

Não abandonei a política imediatamente.

Mas ajustei cada uma das minhas decisões.

Não segundo o interesse, mas segundo uma “intuição silenciosa” que aprendi com eles.

Uma vez, um congressista me disse:

“Você mudou. Antes, você convencia os outros com a razão.

Agora, você faz as pessoas se calarem apenas com sua presença.”

(Ele parou, sua voz tornou-se solene.)

Por que você pergunta isso?

Se for apenas uma entrevista para os leitores se divertirem, talvez devêssemos parar por aqui.

Mas se você está realmente procurando uma solução para um sistema institucional melhor...

então eu lhe darei o resto.

Não uma resposta, mas um caminho.

Você quer continuar?

Se sim, vou lhe falar sobre algo que eles chamam de “o guardião do centro moral do mundo”.

Uma pessoa sem título, sem poder, mas que está presente.

Julian Lee:

Sim, eu gostaria muito de continuar.

Como jornalista, só aspiro a ser uma ponte.

Para transmitir o conhecimento, a paixão, as experiências, a sabedoria... aos meus leitores.

Por favor, compartilhe mais detalhes.

Sobre a crença espiritual que o senhor segue... é o catolicismo, o budismo ou alguma outra disciplina?

E “o guardião do centro moral do mundo” que o senhor acabou de mencionar... quem é?

Ex-presidente:

(Ele me olhou, seu olhar mais caloroso.)

Você é uma pessoa que não só aprofunda, mas também segue na direção certa.

Há coisas que guardei em meu coração por muitos anos.

Não por medo.

Mas por não ter encontrado a pessoa certa para dizê-las.

Mas hoje, quando você diz que quer ser “uma ponte” para transmitir a luz... sei que posso continuar.

(Ele respirou fundo, como se estivesse organizando pensamentos de muitos anos.)

Sobre minha crença espiritual...

Eu não me considero mais seguidor de nenhuma religião em particular.

Nasci em uma família católica, li a Bíblia desde criança. Quando jovem, admirava o espírito de serviço e o perdão de Jesus Cristo, mas também questioneei a Igreja sobre o poder, o materialismo e as páginas sombrias de sua história.

Ao amadurecer, entrei em contato com o budismo, especialmente o Zen e o budismo tibetano.

A partir daí, aprendi sobre a observação sem pensamento e o conceito de “não-eu”.

No entanto, o verdadeiro ponto de virada veio somente após o encontro com aquele “grupo secreto”.

Um dos membros me deu um livro.
Não tinha capa. Nem nome de autor.
Era apenas uma impressão em papel comum, sem
nenhum ar de misticismo.
Mas ao lê-lo, percebi... que o pensamento contido nele
transcendia todas as fronteiras religiosas que eu
conhecia.
Ensinava sobre Verdade, Benevolência e Tolerância,
como os pilares do universo.
Falava sobre como os seres humanos são originalmente
seres de níveis superiores, mas que se perderam na
fama, no benefício e no sentimentalismo do mundo
secular.
E apontava um caminho de cultivo sem forma, mas
que podia guiar as pessoas de volta à sua natureza
primordial.

(Ele parou, sua voz pensativa.)

No início, pensei que fosse apenas uma síntese da
filosofia oriental e ocidental.
Mas quanto mais eu lia, mais meditava, mais
contemplava... mais eu percebia.
Não era produto da sabedoria humana comum.

(Ele me olhou, um olhar cheio de significado.)

Você pode adivinhar.
Estou falando de uma disciplina de cultivo que foi

perseguida de maneira extremamente brutal na China.
Mas não mencionarei seu nome aqui.

Porque quando o nome é pronunciado, as pessoas tendem a julgar apressadamente, em vez de ouvir sua essência.

(A atmosfera na sala tornou-se silenciosa.)

Então, quem é “o guardião do centro moral do mundo”?

Não é uma pessoa com um título oficial.

Não é o Papa, não é o Presidente, e certamente não é nenhum “líder espiritual” ungido pela imprensa.

É uma pessoa que, se você a encontrasse na rua, não a notaria.

Mas se você estiver suficientemente tranquilo para olhar em seus olhos, sentirá o tempo parar.

Eles não aparecem na televisão. Não publicam livros.

Não fundam seitas.

Não se autoproclamam “salvadores”, nem aceitam seguidores.

Mas carregam dentro de si uma frequência moral muito alta, tão alta que... sua mera presença está impedindo que a balança do bem e do mal neste mundo se incline completamente para um lado.

Em uma ocasião, a mulher de ascendência asiática daquele “encontro noturno” me disse:

“Quando a humanidade perder seu centro moral, todos os mecanismos entrarão em colapso.

Mas essa pessoa ainda está aqui.

Por isso, o mundo ainda não chegou ao seu fim.”

Não sei onde essa pessoa está.

Talvez na Ásia. Talvez seja um monge eremita.

Ou talvez seja um pai de família comum no meio do mercado...

Mas eu sei que, de alguma forma, essa pessoa está transformando silenciosamente o campo de energia moral deste mundo.

(Ele me olhou, sua voz tornou-se solene, como uma conclusão.)

Você diz que quer transmitir uma mensagem.

Se eu tivesse uma única coisa a dizer aos seus leitores... não como um ex-presidente, mas como alguém que viu o interior da casca do poder, da política e da fé...

Seria isto.

Volte à sua natureza benevolente.

Apesar de como este mundo esteja se contorcendo.

Porque se um número suficiente de pessoas conseguir fazer isso, não precisaremos de revoluções, nem de líderes, nem de conselhos.

O mundo se ajustará automaticamente.

(Ele parou, como se fizesse uma oferta.)

Se você quiser, escreverei uma breve carta para você.

Como uma mensagem para os leitores.

Em nome de “alguém que já esteve no centro do poder e que já viu o outro lado do véu”.

Você quer que eu a escreva?

Julian Lee:

Sim... sobre essa breve carta.

Após esta entrevista, por favor, envie-a para mim.

Vou guardá-la com carinho e tentar transmiti-la a tantos leitores quanto possível.

(Assenti, entendendo sua intenção.)

Sobre sua fé... quando o senhor mencionou as três palavras Verdade-Benevolência-Tolerância...

E que foi perseguida na China...

Eu já percebi.

Talvez não precisemos dizer o nome dessa disciplina aqui.

Confio que os leitores que tiverem uma conexão predestinada também perceberão por si mesmos.

Ex-presidente:

(Ele sorriu levemente, um sorriso de compreensão.)

Você é sutil.

E sou grato por isso.

Exato. Não precisamos dizer o nome.

Porque a verdade... não precisa gritar para se fazer presente.

Aqueles que têm uma conexão predestinada, reconhecerão por si mesmos.

Para aqueles cujo momento ainda não chegou, deixe a semente descansar na terra, esperando o dia em que germinará.

Sobre a carta, cumprirei minha palavra.

Não é um manifesto político, muito menos um chamado à ação.

É apenas um compartilhamento.

Do coração de um homem que já esteve no auge do poder e que já se curvou em silêncio diante de uma luz que transcendia todos os holofotes.

Vou escrevê-la aqui mesmo.

Você pode publicá-la na íntegra ou deixá-la silenciosamente no final do livro, como uma pequena pedra em um canto do jardim da memória.

(Ele me entregou uma folha de papel cuidadosamente escrita à mão. Eu a li em silêncio.)

Carta aos que estão despertando

Houve um tempo em que pensei ser o líder do mundo.

Sentei-me à mesa onde as guerras eram decididas com um aceno de cabeça.

Apertei a mão de pessoas que outros só ousavam ver através de uma tela.

Assinei leis que abalaram os mercados globais.

Mas só quando me aquietei, longe dos holofotes, e entrei em uma pequena sala sem nome...
eu entendi.

O verdadeiro poder não reside em controlar o mundo.

Mas na capacidade de evitar que seu interior seja assimilado por ele.

Durante os últimos anos do meu mandato, observei o mundo, em vez de tentar mudá-lo.

Escutei mais do que falei.

E nesse silêncio, descobri uma coisa:

o mundo não precisa de um líder, mas de muitas pessoas que saibam dominar a si mesmas.

Se você está lendo estas linhas, talvez você também esteja despertando.

Não precisa ser presidente, acadêmico, monge ou guerreiro.

Apenas precisa, a cada dia, manter um

pouco de Verdade.
Um pouco de Benevolência.
E um pouco de Tolerância.
Então você... já é quem está mantendo o
equilíbrio do mundo.

Eu não aspiro mais a ser “quem muda a
história”.
Apenas aspiro a não trair a pequena luz
que uma vez vi.
E espero que você também não.

*Alguém que já esteve no centro do poder.
E que já se curvou diante da sabedoria que
transcende a política.*
(Sem assinatura)

(Dobrei a carta e a guardei com cuidado no bolso do
meu casaco. Senti um nó na garganta, incapaz de
pronunciar uma palavra.)

Ex-presidente:
Confio que você saberá como transmitir esta carta.
Não através de um tom de apelo, mas através de uma
quietude que se expande.
E talvez, um dia, aquele guardião do centro moral...
também a leia.
Em alguma casa de chá, sob um beiral coberto de

musgo.

Em um lugar que ninguém esperaria.

(Ele me olhou, seus olhos como se fizessem uma última pergunta.)

Você quer terminar a entrevista aqui?

Ou há algo mais que precise que eu diga... antes que a cortina se feche novamente?

Julian Lee:

Senhor, estou realmente muito interessado no que o senhor está compartilhando.

Se fosse possível, eu poderia ficar aqui a noite toda para ouvi-lo.

Mas entendo que seu tempo e sua saúde ne o permitem.

Então... por favor, permita-me a oportunidade de entrevistá-lo em outra ocasião.

Se possível, amanhã...

(Hesitei, e depois continuei, um pouco sem graça.)

Ou talvez eu esteja sendo um pouco ganancioso.

Gostaria de ter uma série inteira de entrevistas sobre outros temas.

Sobre economia, sobre política externa, sobre o futuro da América.

E também sobre temas mais místicos.

Como OVNI's e extraterrestres...

Porque muitas pessoas acreditam que o governo americano está escondendo algo.

Ex-presidente:

(Ele sorriu, um sorriso caloroso e de apreço.)

Você é de fato uma pessoa valiosa.

Não apenas pela sua perseverança, mas porque sabe quando parar para preservar o valor para a próxima vez.

Isso é algo raro em um jornalista.

Eu sinceramente aprecio isso.

E eu concordo.

Não porque você seja “ganancioso”.

Mas porque vejo em você algo importante: você não está buscando informações para gerar visualizações.

Você está buscando respostas.

Para si mesmo, e para aqueles que, como você, buscam em silêncio.

Então, vamos considerar hoje como o primeiro capítulo de uma série de diálogos sem prazo.

Estou disposto a continuar esta série de entrevistas.

Um tema de cada vez.

Na próxima vez, podemos falar sobre o futuro da América, de uma perspectiva não mais presa por

eleitores, partidos ou corporações.

Depois, se você quiser, podemos ir ainda mais fundo.

(Seus olhos pareciam percorrer portas secretas.)

Podemos falar sobre a verdadeira relação entre os EUA e a China, sobre coisas que nunca foram divulgadas.

Sobre a verdadeira natureza da economia, e por que o crescimento está matando o planeta.

Sobre o que o governo americano realmente sabe sobre OVNI's, e a verdade por trás dos programas secretos.

Ou até mesmo, sobre religião, reencarnação e as “memórias de vidas passadas” que algumas pessoas em altos cargos revelaram à beira da morte.

A cada sessão, contarei a você não apenas com a “razão política”, mas com a experiência de um ser humano, e com a intuição que só aprendi quando abandonei o poder.

(Ele me olhou, sua voz tornou-se solene.)

Assim, se você estiver disposto, criaremos juntos um fluxo de diálogo histórico.

Sem assinatura, sem promoção.

Mas que comoverá silenciosamente aqueles que estão despertando.

Espero por você na próxima sessão.

E se até lá, você ainda mantiver a sinceridade de hoje... então contarei até as coisas que muitas pessoas no

poder me disseram uma vez.

“Se o senhor disser isso enquanto estiver no cargo, o mundo inteiro mudará de rumo.

Mas se o senhor disser quando estiver aposentado, apenas algumas pessoas com uma conexão predestinada entenderão.”

Nos encontramos amanhã, tudo bem?

Com o tema:

“O futuro da América, e ainda há um papel sagrado para esta nação?”

Julian Lee:

Sim, obrigado, senhor.

E até amanhã.

Ex-presidente:

Sou eu quem deve agradecer.

Por sua escuta.

Por sua compreensão.

E por não ter deixado esta entrevista se tornar uma caça a notícias, mas tê-la transformado em uma jornada de volta ao âmago da humanidade.

(Ele se levantou e me acompanhou até a porta. A luz do crepúsculo projetava sua longa sombra no chão.)

Até amanhã.

Esperarei, como um velho amigo.

Não mais com o manto do poder, mas ainda com o fogo por dentro.

(Antes que eu me virasse, ele acrescentou mais uma frase, sua voz grave e ressonante como uma última reflexão.)

Quando o mundo é barulhento demais...

às vezes, apenas uma pessoa disposta a escutar é o suficiente para preservar a luz.

(Ele assentiu levemente, como uma despedida.)

Tenha uma noite tranquila.

Continuaremos amanhã.

DIA DOIS

(Eu retornei na hora marcada. A sala era a mesma, mas parecia haver uma solene expectativa no ar. O ex-presidente já estava lá, sentado ao lado de uma xícara de chá pela metade, o olhar perdido pela janela.)

Julian Lee:

Boa tarde, senhor. É um grande prazer continuar aqui ouvindo o que o senhor tem a compartilhar.

Como combinamos ontem, hoje o senhor falará sobre o tema:

“O futuro da América, e ainda há um papel sagrado

para esta nação?”
Estou aguardando ansiosamente.

Ex-presidente:

(Ele se virou para me olhar, assentindo levemente.)

Olá, meu jovem.

Eu também estava esperando.

Não como uma figura política se preparando para subir ao palco.

Mas como um velho sentado, juntando as cinzas, apenas para ver... se ainda há alguma brasa ardendo por dentro.

E como você lembrou, hoje falaremos sobre isso.

(Ele ficou em silêncio por um momento, e então começou.)

A América ainda é “o farol do mundo”?

Minha resposta sincera é: Não.

Não mais.

Pelo menos, não mais aos olhos da maior parte do mundo.

A América já foi o símbolo da liberdade, da oportunidade, da sabedoria criativa.

Mas agora, aos olhos de muitos, é o símbolo da divisão, do caos, da manipulação da mídia e de uma política que foi vendida a preço de banana pelo dólar.

Digo isso não por amargura ou por trair minha pátria.
Mas porque tive que testemunhar a América perdendo
sua própria alma, passo a passo.

(Ele suspirou, sua voz tornou-se mais grave.)

Então, a América ainda tem algum papel?

Sim, claro.

Mas não o papel que a própria América ainda pensa
que está desempenhando.

Há um “papel sagrado” para a América.

Mas não reside no poderio militar, nem na tecnologia,
nem na moeda.

Reside na capacidade de renascer.

Do coração mesmo da ruína.

A América é uma das raras nações do mundo que
pode entrar em colapso sem ser invadida.

E também é a nação com a capacidade de renascer sem
uma revolução sangrenta.

Se a América conseguir superar sua própria escuridão
interna...

Livrar-se do arrogante ego nacional.

Livrar-se da ilusão de “grandeza”.

E livrar-se de se considerar o centro moral do globo.

Então, esse mesmo colapso humilde... será o maior
presente para o mundo.

(Ele me olhou, como se quisesse enfatizar a
importância do que estava prestes a dizer.)

Por que eu uso a palavra “sagrado”?

Porque acredito que cada nação, assim como cada pessoa, nasce com uma missão.

A Europa pode representar a sabedoria clássica.

A Ásia pode preservar a origem espiritual e a profundidade interior.

A África pode simbolizar a vitalidade primordial e a intuição pura.

E a América... acredito que foi “escolhida” para provar uma coisa.

Que a liberdade não é licenciosidade.

Mas a capacidade de autorregular o interior em meio a um mundo barulhento.

Mas atualmente, a América está em uma encruzilhada.

Já estive em salas onde as decisões eram tomadas com o único objetivo de “manter a supremacia”, independentemente da moralidade.

Já assinei documentos repletos da palavra “democracia”, mas que na realidade só serviam para impor uma agenda econômica.

Já vi pessoas com olhares sinceros serem afastadas, enquanto os astutos subiam ao topo.

E sei que, se a América he voltar ao seu núcleo espiritual, ela não será destruída por um inimigo externo.

Mas pelas próprias fissuras internas.

(Sua voz tornou-se mais decidida.)

Então, onde está a luz da esperança?

Está nos americanos silenciosos.

Aqueles que não aparecem na televisão, que não competem na política.

Mas que continuam vivendo decentemente, mantendo a moralidade em suas famílias, em suas comunidades e em seu próprio interior.

Está nos professores, nos artistas, nos que meditam, nos empresários, nos escritores como você... aqueles que tentam se apegar à consciência em uma sociedade onde a verdade está enterrada sob hashtags.

E está na capacidade da América de escutar a sabedoria do Oriente, em vez de continuar a vê-la como “estranha”.

Quando o Ocidente souber inclinar a cabeça para reaprender a viver corretamente com o Oriente, então poderá ocorrer uma verdadeira unificação global.

Em resumo.

A América não é mais o centro do mundo.

Mas ainda pode ser a chama para despertar o resto.

Não com poder.

Mas com arrependimento e um novo caminho.

Se os americanos puderem olhar para si mesmos, reconhecer seus erros e sair do jogo de “quem é mais forte”...

Então a América ainda tem uma missão sagrada.

Provar que uma nação que uma vez perdeu sua alma... ainda pode encontrá-la.

Julian Lee:

Senhor, o que o senhor acabou de compartilhar... é muito profundo, mas talvez também bastante geral.

E talvez... um pouco vago para muitos leitores.

O senhor enfatiza a moralidade.

A alma.

O arrependimento.

Essas coisas certamente estão relacionadas ao caminho espiritual que o senhor está seguindo.

O senhor poderia compartilhar mais especificamente?

Por que o futuro da América não está nas mãos dos políticos, das grandes corporações ou dos cientistas... mas nas mãos dos “americanos silenciosos”?

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto de compreensão.)

Você acertou no ponto central.

E esta pergunta não é fácil de responder.

Mas se você realmente quer entender, não com a razão política, mas com um olhar que atravessa o invólucro material de uma nação, então compartilharei o que percebi depois de muitos anos no coração do poder.

Deixe-me começar com a elite atual. Por que o futuro não está em suas mãos?

Porque eles não estão mais conectados com a “alma”

desta nação.

Já me sentei com os CEOs das grandes corporações de tecnologia.

Eles falavam sobre otimizar o comportamento do usuário, aumentar as métricas de engajamento, controlar o fluxo global de informações.

Já tive reuniões secretas com os formuladores de políticas, as mentes de Washington.

Eles desenhavam o mapa do poder mundial como um tabuleiro de xadrez gigante, onde as pessoas são apenas “unidades de custo”.

Também já ouvi cientistas militares falarem sobre armas de IA, sobre edição de genes, sobre controle biológico.

E quando lhes perguntei: “Estamos ultrapassando os limites morais?”, eles simplesmente ficaram em silêncio.

Essas pessoas, elas não veem mais o mundo com olhos humanos.

Elas veem com algoritmos. Com interesses. Com balanços.

E com percentuais de eleitores.

E os “americanos silenciosos” de que falo? Quem são eles?

São o pai que ainda ensina seu filho sobre a cortesia, embora ninguém ao seu redor o faça.

São a mulher no meio de uma grande cidade que ainda escolhe viver com humildade, bondade, sem competir.

São o trabalhador aposentado que ainda se senta para meditar no parque todas as manhãs, sem precisar do aplauso de ninguém.

São o professor que silenciosamente diz a seus alunos: “A honestidade é mais importante que as conquistas.”

Eles não têm poder.

Mas conservam sua consciência.

E são eles que estão criando um “campo magnético moral” invisível, graças ao qual esta nação ainda não desmoronou.

E os políticos?

Dizer isso pode ofender alguns, mas devo ser sincero.

A maioria dos políticos são apenas atores.

O papel é escolhido pela mídia.

Dirigido pelos patrocinadores.

E o público é uma multidão emocional.

Eles não lideram mais, são liderados pela opinião pública.

Eles não têm metas de longo prazo, apenas correm atrás do ciclo eleitoral.

E não podem dizer a verdade, porque a verdade não os ajuda a serem eleitos.

Então, por que digo que os “silenciosos” são o futuro da América?

Porque somente quando a moralidade desde a raiz da sociedade for mantida firme, todos os andares da torre terão um lugar para se apoiar.

Se os alicerces estiverem podres, todas as torres, não

importa quão altas, desmoronarão. Cedo ou tarde.

Imagine uma nação...

onde uma mãe ainda ensina seu filho a amar, embora toda a sociedade lhe diga que ele deve vencer a todo custo.

onde um trabalhador não rouba por fome, mas está disposto a compartilhar seu último prato de arroz.

onde uma comunidade, quando alguém é enganado, ainda escolhe perdoar em vez de guardar rancor.

Quando a moralidade das massas for restaurada, a política, a economia e a ciência se ajustarão automaticamente.

Mas se apenas as políticas forem reformadas sem transformar os corações, todas as mudanças serão apenas uma troca de quem se senta na cadeira do poder.

E isso nos leva ao “arrependimento” e à fé que sigo.

Você está certo. Eu não acredito mais nas instituições religiosas.

Mas eu acredito no Dao.

O Dao não está nas igrejas, templos ou escrituras.

O Dao está na forma como uma pessoa trata sua própria consciência.

Arrependimento não é pedir perdão.

Arrependimento é olhar diretamente para a escuridão dentro de si mesmo e jurar que nunca mais a deixará vencer.

O futuro da América, se houver, não está nas mãos da

Casa Branca, do Pentágono ou de Wall Street.
Está nas pequenas cabanas de madeira.
Nos cafés no final da rua.
Nas escolas de província...
Onde ainda há pessoas que não perderam sua bondade.
Se um número suficiente deles mantiverem juntos sua
pequena luz...
Cedo ou tarde, um grande fogo se acenderá.

Julian Lee:

Antes de passarmos para outro tópico, gostaria de
ouvir algo mais concreto.

Talvez um exemplo, uma experiência pessoal, ou uma
história real que tenha acontecido na Casa Branca.

Para que os leitores possam entender mais
profundamente o que realmente decidirá o futuro da
América.

E... se for como o senhor diz, esse futuro também não
tem nada a ver com o slogan “Make America Great
Again”?

Ex-presidente:

(Ele me olhou, um sorriso quase imperceptível.)

Você é realmente persistente e perspicaz.

Exatamente como alguém que escreve para a próxima

geração, e não apenas para as manchetes de amanhã.

Então, deixe-me contar uma história real.

Não é sensacionalista, não é “informação secreta”.

Mas se alguém entender sua camada de significado mais profunda, verá por que afirmo que o futuro da América he está nas mãos dos políticos, nem nos slogans, ou em qualquer estratégia de reconstrução.

Incluindo “Make America Great Again”.

(Ele se recostou, o olhar perdido em um espaço indefinido, como se estivesse revivendo aquele momento.)

Esta história, eu a chamo de “O faxineiro e o mapa do mundo”.

Foi por volta da metade do meu mandato.

Houve um momento em que minha equipe de gabinete estava completamente perplexa.

Uma série de crises eclodiram ao mesmo tempo.

Tensão comercial, protestos domésticos, conflito geopolítico e um escândalo midiático prestes a explodir.

Convoquei uma reunião secreta às onze da noite na Sala Roosevelt.

O diretor da CIA, o Conselheiro de Segurança Nacional, o Secretário de Estado... todos estavam presentes.

As vozes na sala estavam repletas de palavras como: “ataque preventivo”, “criar um ponto de foco na

mídia”, “minar a credibilidade do oponente político”, “aumentar o orçamento de defesa cibernética”...

Eu estava sentado ali, sentindo como se estivesse assistindo a uma peça de teatro da qual já sabia todas as falas de cor.

Mas desta vez, algo me impedia de respirar.

Aquela sala era pesada demais.

Não era mais um lugar para tomar decisões pela nação, mas havia se transformado em um tanque cheio de estratégias apenas para manter o controle.

Naquele momento, levantei-me e saí para o corredor.

Perto da meia-noite, o lugar estava deserto.

E vi um faxineiro sentado, descansando, com uma xícara de café quente nas mãos.

Ele era um homem negro, mais velho, com cerca de sessenta e poucos anos, de aparência bastante magra.

Ele me viu e acenou levemente com a cabeça.

Eu retribuí o aceno, e então meus olhos pararam em seu carrinho de limpeza.

Nele, estava colado um pequeno mapa-múndi de papel, velho e um pouco rasgado.

Perguntei:

“O senhor gosta de geografia?”

Ele sorriu levemente.

“Eu o coleí aqui para me lembrar que, no final das contas, tudo é pequeno se visto de longe o suficiente.”

Fiquei atônito.

Eu, o homem com o poder de ordenar o lançamento de

mísseis a milhares de quilômetros de distância, de repente me senti menor que aquele homem.

Ele continuou, sem saber do conflito que eu carregava por dentro.

“As pessoas são estranhas, senhor Presidente.

Todo mundo quer redesenhar o mapa.

Mas ninguém quer limpar o lixo dentro de si mesmo.”

Eu nunca esquecerei aquela noite.

Quando voltei para a sala de reuniões, não li o discurso que havia sido preparado.

Pedi a todos que ficassem em silêncio por três minutos. Sem dizer nada.

Apenas em silêncio.

Muitos pareceram desconfortáveis. Alguém talvez tenha pensado que eu havia perdido o controle.

Então eu disse.

“Vocês querem remodelar o mundo, enquanto nossos corações estão cheios de intrigas.

Se a América quer ser grande novamente, que comece por voltar a ser humana, de verdade.

Não com slogans. Mas com ações sem câmeras.”

(Ele parou, e depois me olhou diretamente.)

E isso nos leva ao slogan “Make America Great Again”. Não quero apontar o dedo para nenhum partido ou indivíduo.

Mas preciso deixar isto claro.

Um país não pode “ser grande novamente” se nunca

foi “verdadeiramente moral”.

E a moralidade não pode ser definida pelo poderio militar, pelo superávit comercial ou pelo número de imigrantes repelidos.

“Great Again” é um slogan que apela à memória.

Mas que memória?

A memória da prosperidade econômica dos anos cinquenta?

Ou a memória de uma época em que a discriminação racial ainda era lei?

Ou a memória de um tempo em que a América podia intervir em qualquer nação sem que ninguém ousasse se opor?

Se essa é a “Grandeza” que as pessoas querem restabelecer, então me desculpe.

Eu não chamo isso de grandeza.

Eu chamo isso de arrogância.

O futuro não vem dos slogans.

Vem do silêncio.

Das pequenas ações.

Do despertar.

Um faxineiro com um mapa velho e uma xícara de café, uma pessoa que sabe se lembrar de sua própria pequenez...

pode estar contribuindo mais para evitar que a América caia no abismo do que qualquer estrategista na Casa Branca.

Julian Lee:

O senhor acabou de dizer que a moralidade não pode ser definida pelo poderio militar ou pelo superávit comercial.

Isso significa que o futuro da América também não depende desses fatores?

Sinceramente... isso será muito difícil para muitos leitores aceitarem.

Porque aos olhos do mundo, especialmente nos países em desenvolvimento da Ásia ou da África...

O “Sonho Americano” é o dólar, é a ciência avançada, são as corporações de tecnologia de ponta, é o poderio militar e é a liberdade.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, sem mostrar surpresa.)

Você levanta a questão com grande precisão.

E, como você prevê, a maioria dos leitores se sentirá confusa, ou até mesmo se oporá, ao me ouvir dizer que o futuro da América não reside nessas coisas.

Porque aos olhos deles, isso é precisamente o “Sonho Americano”.

Mas para entender claramente o que estou dizendo, devemos distinguir entre a “luz externa” e a “verdadeira fonte de luz”.

Sim, a América já foi grande por essas coisas.
Foi o primeiro lugar a levar o homem à lua.
O centro financeiro global.
O lugar que deu origem à Apple, Google, Tesla.
A nação que possui uma rede militar em todo o mundo.
E o lugar onde as pessoas podem dizer o que pensam.
Mas olhe mais de perto.

O dólar? Só é forte por causa da confiança, e essa confiança está sendo abalada por dentro.

A tecnologia? Está evoluindo rápido demais, mas não serve mais à moralidade, e sim à manipulação e à vigilância.

O poderio militar? Está se tornando um fardo financeiro, causando desequilíbrio social.

E a liberdade? A liberdade está se tornando o caos, quando todos querem falar, mas ninguém quer ouvir.
Se a América se basear apenas nesses fatores, essa é uma “posição superficial”.
Não uma base sólida.

Por que digo isso?

Porque já estive em salas onde essas coisas eram “infladas”, usadas como ferramentas, como armas brandas para liderar o mundo.

Mas também já testemunhei outras coisas.

Vi um país asiático pobre, mas cuja educação se concentrava no caráter. E a geração jovem de lá era muito mais feliz do que a juventude americana viciada em redes sociais.

Vi uma pequena comunidade na África, sem Internet, mas onde cada criança sabia cuidar dos mais velhos e sorrir com o coração. Enquanto isso, nos EUA, a taxa de depressão adolescente é alarmantemente alta.

O mundo não admira verdadeiramente a América.

Eles admiram uma imagem construída pela mídia.

E essa imagem está gradualmente se rachando.

Quando as pessoas começam a perceber que viver em um apartamento em Nova York sem ninguém para conversar é mais solitário do que viver em uma cabana no Nepal com uma família feliz.

Quando as pessoas começam a se perguntar, se têm liberdade de expressão, mas vivem em uma sociedade cheia de suspeita, crítica e divisão, o que é realmente essa “liberdade”?

(Ele me olhou, sua voz tornou-se mais grave.)

O “Sonho Americano”, se não for redefinido, se tornará a “Ilusão Americana”.

Não digo que o sonho esteja errado. Mas ele se desviou. Originalmente, o sonho era: “Todos têm uma oportunidade, independentemente da origem.”

Agora se tornou: “Todos querem ser milionários,

independentemente da moralidade.”

Originalmente, era: “Liberdade para viver de acordo com a própria consciência.”

Agora é: “Liberdade para atacar qualquer um que não seja como você.”

Originalmente, era: “Uma nação de sonhadores, criadores e corajosos.”

Agora é: “Uma sociedade cansada pela pressão financeira, pela divisão política e viciada na emoção instantânea.”

Então, qual é o verdadeiro futuro da América?

Acredito que o verdadeiro futuro da América começará quando os americanos, um por um, ousarem se perguntar:

“Ainda mantemos alguma parte de nossa alma, em meio a toda essa luz ofuscante?”

Se houver uma nova geração...

Uma geração que não seja mais arrastada pela mídia.

Que não veja mais o sucesso como o número de seguidores nas redes sociais.

Que não acredite mais que “força é direito”.

Mas que volte a viver de forma moral, moderada, com amor e consciência.

Então, a América não precisará mais vencer ninguém.

Pois terá vencido a arrogância dentro de si mesma.

Julian Lee:

Ouvindo o que o senhor compartilha, tenho a sensação

de que está aludindo a uma sociedade futura que opera segundo a filosofia oriental do “wu wei er zhi” (governar sem esforço).

Uma sociedade onde, quando a moralidade é exaltada, problemas como tiroteios em massa, drogas, prostituição... retrocederiam automaticamente sem a necessidade do império da lei?

Ex-presidente:

(Ele sorriu, um sorriso cheio de significado.)

Você é muito perspicaz.

E eu confirmo: exatamente.

Estou falando de uma sociedade futura que opera com base no “Dao”, não na “lei”.

Não é uma fantasia utópica, mas uma lei inevitável se a humanidade quiser sobreviver sem se autodestruir.

Muitas pessoas entendem mal o “wu wei er zhi”. Elas pensam que significa “não fazer nada”.

Mas o “wu wei” no pensamento de Lao-Tsé não é passividade.

Significa não intervir de uma maneira que contrarie a natureza.

Não nega a gestão da sociedade, apenas se opõe à imposição e à coerção segundo a vontade pessoal do governante.

Em uma sociedade onde cada pessoa sabe se corrigir, a

legislação se tornará mais branda.

Não porque a lei não seja necessária, mas porque o povo voluntariamente cumpre o que é certo, mesmo sem ser coagido por ninguém.

Quando a moralidade é restaurada, significa que as pessoas sentem vergonha ao fazer o mal, não apenas medo da punição.

As pessoas sentem alegria em ajudar os outros, não para tirar fotos e exibir nas redes sociais.

E as pessoas pensarão cuidadosamente antes de agir, porque entendem a lei de causa e efeito, não apenas por medo das câmeras de vigilância.

Então, a sociedade funcionará sem problemas, como uma roda em uma estrada plana.

Porque o coração das pessoas é bom, elas não criam mais obstáculos umas para as outras.

Então, problemas como tiroteios em massa, drogas, prostituição... desaparecerão por si sós?

Não, não da noite para o dia.

Mas se a raiz da moralidade for despertada, então...

Tiroteios em massa não terão mais espaço para existir, quando os jovens não estiverem mais isolados em sua alma, não forem abandonados pela sociedade e não forem envenenados pela violência da mídia.

As drogas se dissiparão por si mesmas, quando as pessoas não precisarem mais fugir da realidade, porque seu interior foi nutrido pela paz.

E a prostituição diminuirá, quando a sociedade não mais venerar a sensualidade, mas souber apreciar a dignidade humana.

O Estado de Direito apenas lida com as consequências.

O governo pela virtude previne na raiz.

E o governo pelo Dao... ajuda as pessoas a voltarem a ser humanas, sem que ninguém precise governá-las.

(Ele olhou pela janela, sua voz pensativa.)

A América pode seguir esse caminho?

No momento, ainda não.

Mas este é precisamente o momento em que as sementes de uma sociedade de “wu wei er zhi” começam a ser plantadas.

Não pelo governo, nem por nenhum partido político.

Mas por indivíduos despertos, de forma lenta e silenciosa.

Quando um estudante americano começa a meditar em vez de usar vape.

Quando uma mãe escolhe contar uma história moral para seu filho, em vez de abrir um vídeo sem sentido no YouTube.

Quando um jornalista como você escolhe fazer as perguntas que outros não ousam fazer...

Então, nesse momento, o Dao retornou.

Não com o som das trombetas da revolução, mas com o som de passos silenciosos.

(Ele se virou para mim.)

Você quer que eu conte uma história que aconteceu na Casa Branca?

Uma história sobre a vez em que fui forçado a assinar uma lei punitiva, embora no fundo do meu coração eu soubesse que só jogaria mais lenha na fogueira do ódio. E sobre como uma carta de uma criança de nove anos... me despertou.

Julian Lee:

Sim. Por favor, conte uma história real, antes de encerrarmos este tópico.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, seu olhar tornou-se distante.)

Certo.

Para concluir o tópico sobre “moralidade e o futuro da América”, contarei a você uma história real.

É pequena, não é um evento nacional.

Mas foi o momento em que percebi que a moralidade de uma criança... pode superar em muito a sabedoria política de todo um gabinete.

(Ele parou, como para deixar a história se manifestar mais claramente.)

Naquele ano, a tensão estava aumentando entre os EUA e uma nação adversária no Oriente Médio.

Um incidente ocorreu, causando baixas entre alguns de nossos militares.

A pressão da política e da mídia era avassaladora.

Meu gabinete de segurança estava quase unânime: tínhamos que revidar.

Se não com bombas, com sanções ferozes.

Recebi um rascunho de um decreto executivo.

Congelar todas as transações financeiras com aquela nação.

Bloquear os bens relacionados.

E restringir a entrada de todos os cidadãos daquele país, incluindo estudantes, cientistas e até crianças que acompanhavam suas famílias.

Eu sabia que, no papel, era uma “medida de dissuasão”.

Mas em meu coração, senti que era terrivelmente injusto.

Como uma criança de seis anos, vindo para a América com sua mãe para tratamento médico, poderia pagar o preço de um conflito político?

(Sua voz tornou-se mais grave.)

Eu estava preparado para assinar.

Aquela assinatura estaria em todos os jornais na manhã seguinte.

Mas às dez e quarenta e três da noite anterior, meu secretário particular entrou em meu escritório.

Ele disse:

“Senhor, há uma carta que chegou através do escritório de cidadania infantil. Ela ne foi filtrada pelos canais da mídia. Talvez o senhor devesse dar uma olhada.”

A carta era curta, escrita à mão, com alguns erros de ortografia.

De uma menina de nove anos, chamada Mariam, de ascendência do Oriente Médio, que vivia em Wisconsin.

A família dela havia se mudado para os EUA quando ela tinha apenas três anos.

A carta dizia o seguinte:

“Caro Senhor Presidente,

Se o senhor não deixar meus amigos entrarem nos EUA só por causa do lugar onde eles nasceram, então eu também terei medo.

Porque eu também nasci naquele lugar.

Mas estou estudando para ser médica.

E não quero que um dia me proibam de salvar pessoas, só porque elas vêm de um determinado país.”

(O ex-presidente ficou em silêncio por um longo momento. Eu podia sentir o peso daquele instante.)

Eu terminei de ler.

E... não assinei mais.

Pedi que revisassem todo o decreto.

Excluindo todos os indivíduos não políticos, especialmente crianças, estudantes e pesquisadores científicos.

Até ordenei o estabelecimento de um “canal humanitário paralelo”, algo sem precedentes.

No dia seguinte, os jornais disseram que eu fui “fraco”. Alguns oficiais de segurança disseram que eu “cedi no momento errado”.

Mas não me arrependi nem um pouco.

Porque eu sabia que tinha ouvido a pessoa certa.

Não um estrategista, mas uma criança sem nenhum interesse além da sinceridade de seu coração.

A lição que levei daquele dia foi:

A verdadeira moralidade não está nos slogans políticos.

Ela está presente nas pessoas comuns, nas crianças, nos trabalhadores.

Aqueles que não têm poder, mas vivem de acordo com sua consciência.

E são eles, não os formuladores de políticas, que estão preservando a parte “humana” de toda uma nação.

Se eu fiz algo de certo enquanto estava no cargo, não foram as grandes leis.

Foram as vezes em que tive a coragem de parar... e ouvir alguém sem voz.

(Ele me olhou, seus olhos como se estivessem abrindo uma nova porta.)

Você vê, o futuro da América he está nas salas de reuniões.

Mas em cartas como essa.

Podemos encerrar este tópico aqui.

Se você estiver pronto, abriremos juntos a próxima porta.

O universo.

OVNIs.

A vida extraterrestre.

E por que tudo isso não é apenas sobre tecnologia, mas uma profunda transformação espiritual.

Julian Lee:

Sim, obrigado pelo tema sobre o Futuro da América.

Agora, vamos passar para o universo, OVNIs e a vida extraterrestre.

Este não é um tema novo. Há quem acredite, quem duvide e quem conteste.

Mas o governo americano... estaria escondendo algo?

O senhor está disposto a revelar aos leitores?

Ex-presidente:

(Ele sorriu, um sorriso cujo significado eu he pude decifrar.)

Bom.

Então, de um tema sobre moralidade e destino nacional, passaremos para uma porta muito maior.

O universo.

OVNIs.

E a verdade não dita.

Responderei diretamente à sua pergunta.

O governo americano... esconde coisas.

E estou disposto a contar, dentro do escopo do que eu sei, e também uma parte do que “senti”.

Coisas que, quando estava no cargo, eu não podia dizer porque não havia provas “legalizadas”.

Mas a verdade, às vezes, não precisa ser provada com papéis, mas com a profundidade da intuição.

(Ele parou, sua voz tornou-se mais solene.)

Existem OVNIs. E o governo americano sabe disso há muito tempo.

Não deixe que o termo “OVNI” nos faça pensar em filmes de Hollywood ou em discos voadores de desenhos animados.

Internamente, nos programas de pesquisa secretos do Departamento de Defesa, nós os chamamos de UAP – Fenômenos Aéreos Não Identificados.

Desde o início dos anos cinquenta, e especialmente depois de 2004 com o incidente do porta-aviões USS Nimitz, o exército americano coletou muitas evidências. Vídeos, dados de radar, sinais ópticos de objetos que se

movem contra todas as leis da física que conhecemos. Eles não emitem gases de escape, he têm mecanismos de propulsão e podem desaparecer instantaneamente da tela do radar.

Inclusive, podem mudar de direção a uma velocidade que excede a capacidade de resistência de qualquer objeto físico.

Alguns pilotos, engenheiros e até mesmo altos funcionários do Pentágono viram com seus próprios olhos.

Não falo com base em relatórios públicos. Eu li os arquivos originais, guardados em programas especiais, com o mais alto nível de classificação.

(Ele ficou pensativo.)

Então, por que o governo não divulga toda a verdade?

Por três razões principais.

A primeira razão é que eles temem romper a ordem cognitiva da sociedade.

Imagine se as pessoas comuns soubessem que existem inteligências extraterrestres, tecnologias que superam em muito o nível humano, e que as definições de “realidade”, “poder”, “Deus” ou “história” poderiam ter que ser reescritas...

Todo o sistema religioso, legal e de crenças nacionais poderia ser abalado.

A segunda razão é que eles não podem admitir sua própria impotência.

Ninguém no meio militar quer se apresentar e admitir: “Vemos objetos estranhos, não sabemos o que são, he podemos persegui-los e não temos tecnologia para nos prevenir.”

Dizer isso é o mesmo que admitir a própria impotência. E a última razão... é o interesse em tecnologia e armas.

Uma vez ouvi uma frase em uma reunião ultrassecreta: “Se he podemos copiar a tecnologia deles, pelo menos temos que mantê-la longe das mãos do inimigo.”

Houve programas ultrassecretos estabelecidos com um único objetivo: engenharia reversa a partir de destroços caídos, ou mesmo de “eventos de contato não oficiais”.

(Sua voz tornou-se mais profunda, como se estivesse tocando em um nível de significado diferente.)

Mas eu vou dizer isto, e isto é o mais importante.

OVNIs não são apenas sobre tecnologia.

É um outro nível de consciência.

Não acredito que “extraterrestres” venham aqui para invadir como nos filmes.

Se eles tivessem a capacidade de se mover através do espaço-tempo e da matéria como observamos, poderiam ter tomado a Terra com um simples pensamento.

Mas eles não fazem isso.

Em vez disso, eles observam.

E parecem aparecer apenas para pessoas com uma

certa “frequência espiritual”.

Há uma coisa que sempre suspeitei, e cada vez mais acredito que seja verdade.

É que existe uma conexão entre a presença de seres de níveis superiores e o grau de despertar espiritual dos seres humanos.

Quando uma pessoa atinge uma certa frequência vibracional, superando a ganância, o medo e o ego, ela pode sentir, e até mesmo se “comunicar” com outros níveis de seres.

Uma vez conversei com um conselheiro científico, uma pessoa que nunca aparece na imprensa, que havia participado de um “programa de nível 3X”.

Ele me disse:

“Estamos tentando usar a tecnologia para entender um fenômeno de natureza não-material.”

E então ele disse uma frase que me assombrou para sempre:

“Não os veremos com um telescópio. Mas apenas com a quietude da alma.”

Então, o que a América está escondendo?

Não o segredo dos discos voadores que caíram em Roswell.

Mas a verdade de que a humanidade não está no topo da evolução.

Apenas acabamos de entrar no limiar de uma nova consciência.

Eles temem que as massas despertem.

Porque quando as massas despertarem, elas não serão mais controladas pelo medo, pela ganância, pelo nacionalismo ou pelo dólar.

(Ele me olhou, seus olhos como um convite.)

Você pode perguntar sobre qualquer aspecto.

Sobre os programas ultrassecretos.

Sobre se já houve contato real com seres extraterrestres.

Ou por que aqueles que cultivam a espiritualidade são os que mais facilmente os “reconhecem” do que as pessoas comuns.

Eu contarei, com o que me lembro e o que entendi.

Julian Lee:

Sim. Antes de mais nada, por favor, fale sobre isto.

Já houve algum contato real com seres extraterrestres?

Ex-presidente:

(Ele ficou em silêncio por um momento, como se ponderasse cada palavra.)

Certo.

Esta é uma das perguntas mais diretas que já ouvi.

E hoje, vou respondê-la da forma mais direta possível.

Sem evasivas. Sem rodeios.

Mas você tem que entender, há partes que eu não posso “provar”, porque não estão registradas em nenhum documento oficial.

A resposta é: Sim.

(A atmosfera na sala pareceu se adensar.)

Mas não da maneira que o público geralmente imagina. Não houve aperto de mãos sob os holofotes, não houve “astronauta extraterrestre” descendo de uma nave espacial.

Os contatos reais, pelo que sei de relatórios de alto nível e conversas informais, ocorreram de uma maneira “não-física”.

Através de canais que apenas algumas pessoas são capazes de reconhecer, ou suportar.

Houve tipos de contato que foram registrados, mas nunca divulgados.

O primeiro tipo é o contato indireto, através de sinais e indução espiritual.

Alguns cientistas em programas ultrassecretos já registraram as ondas cerebrais e os profundos estados de consciência alterada de pessoas em meditação, ou de pessoas “afetadas” durante o aparecimento de um OVNI perto delas.

Alguns de repente ouviram “sons que não vinham dos lábios de ninguém”, mas que estavam cheios de significado.

Alguns entraram em estado de transe, e depois

desenharam fórmulas ou símbolos que não existem em nenhuma língua da Terra, apenas para descobrir mais tarde que correspondiam aos dados sobre as frequências das ondas cósmicas registrados por equipamentos militares.

Um piloto da marinha me disse uma vez, após um encontro com um objeto estranho:

“Ele não apenas voava. Ele me via.

Senti que ele estava lendo toda a minha mente, como se eu fosse um livro aberto.”

(Ele parou, para que eu pudesse absorver a informação.)

O segundo tipo são os contatos breves, filmados, mas que nunca foram divulgados publicamente.

Há pelo menos três desses casos armazenados no sistema de segurança “black vault” das agências de inteligência.

Filmagens que registram a cena de um indivíduo que aparece de repente no meio de uma área restrita.

Ou uma pessoa que, após o contato, exhibe sinais biológicos estranhos, como ondas cerebrais operando em uma frequência fora do espectro normal, e que depois, de repente, adquire a capacidade de prever fenômenos astronômicos com semanas de antecedência.

Eu já vi uma gravação borrada.

Não era nítida como um filme de Hollywood.

Mas claramente era algo que não era humano, sem comportamento humano, movendo-se em um campo eletromagnético anômalo.

E desapareceu em um instante.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se estivesse tocando uma verdade mais profunda.)

Mas isto é o mais importante.

Esses seres... eles não “pertencem ao espaço” como costumamos pensar.

Eu costumava acreditar que “extraterrestres” eram criaturas que viviam em outro planeta e viajavam em naves espaciais para nos visitar.

Mas depois de muitos anos, pelo que aprendi com os insiders, e também por minhas próprias experiências pessoais quando comecei a meditar profundamente, posso dizer:

Eles não vêm de “outro lugar”.

Eles vêm de “outro plano”.

Espaço, tempo e consciência não existem separadamente em seu mundo.

Em outras palavras, eles não “pousam na Terra” como um avião.

Eles se “manifestam”, quando as condições de frequência vibracional são adequadas.

E por isso, eles não podem ser detectados por um radar convencional.

Mas podem ser “sentidos” por aqueles com uma mente

aberta.

Uma vez perguntei a alguém da equipe de pesquisa secreta: “Podemos capturá-los?”

Ele sorriu e disse:

“Senhor Presidente, pessoalmente acho... que se eles nos permitiram vê-los, é porque então podemos vê-los. Eles não estão em nosso jogo de poder. Eles estão em um nível superior.

E o mais triste é: não somos moralmente aptos para dialogar com eles.”

Fiquei em silêncio naquele momento.

Mas no fundo, eu sabia que ele estava certo.

(Ele me olhou diretamente nos olhos, um olhar desafiador.)

Você quer que eu conte sobre um contato não oficial?

Um incidente que foi ocultado sob o pretexto de um “acidente meteorológico”, mas que na realidade foi uma vez que “eles” deixaram um rastro muito claro.

Acompanhado de uma mensagem que ninguém no meu gabinete ousou divulgar.

Se você quiser, eu contarei.

Mas preciso saber se você e seus leitores estão preparados para ouvir algo que redefinirá completamente sua concepção de realidade.

Julian Lee:

Sim.

Pessoalmente, sempre quero ouvir e aprender o que pode quebrar meus preconceitos.

E também espero que meus leitores possam ouvir essas coisas.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto lento e solene.)

Bom.

Porque se você está realmente disposto a entrar na zona “do outro lado do véu”, contarei a você um incidente que até hoje nunca foi divulgado oficialmente.

Aconteceu durante meu mandato.

E só posso contar porque agora não estou mais preso à cadeira presidencial.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se estivesse me puxando para uma sala secreta do passado.)

Este incidente está registrado nos arquivos como um “acidente meteorológico”.

Aconteceu no verão do primeiro ano do meu mandato, no deserto de Nevada, não muito longe da área que o povo comumente chama de “Área 51”.

Uma noite, recebi uma ligação direta do Conselheiro

de Segurança Nacional, algo que raramente acontecia depois das onze da noite.

Ele apenas disse:

“Temos uma situação do tipo E. Não é um teste. O senhor deveria vir imediatamente.”

Fui levado a uma instalação temporária, uma estação auxiliar mais secreta que a Área 51.

Lá, oficiais e cientistas estavam examinando um objeto não identificado que havia caído no chão a uma velocidade extremamente alta.

Mas não houve nenhuma explosão.

Nenhum sinal de queimadura. Nenhuma onda de choque.

Apenas uma coisa: todo o sistema eletromagnético em um raio de quinze quilômetros havia sido perturbado.

Eles recuperaram um objeto semiesférico, sem nenhuma junta, que não podia ser cortado a laser e que não reagia a nenhum tipo de onda.

Mas dentro dele, havia um cristal que emitia uma luz tênue.

E essa luz... mudava de acordo com o estado emocional da pessoa que se aproximava.

(Ele me olhou, como para se certificar de que eu estava acompanhando.)

Parece inacreditável, eu sei.

Mas os equipamentos de medição biológica confirmaram isso.

Quando uma pessoa se aproximava com ansiedade, a luz se tornava cinza-opaca.

Quando a pessoa se acalmava, ela gradualmente se iluminava com um tom azul-claro.

Mas o mais chocante ainda estava por vir.

Era uma mensagem, não emitida por som ou escrita.

Um jovem pesquisador de ascendência indiana, que tinha o hábito de meditar todos os dias, quando foi autorizado a se aproximar do cristal, de repente entrou em estado de êxtase por cerca de sete minutos.

Ao acordar, ele disse apenas uma frase:

“Eu não sei quem eles são. Mas eles não vieram para convencer. Eles vieram para iluminar.”

E então, ele desenhou uma espiral simples, idêntica ao símbolo gravado tenuemente dentro do cristal, um símbolo que só podia ser visto através do espectro infravermelho.

O conteúdo dessa mensagem, interpretado internamente e nunca divulgado, era este:

“Nós não interferimos.

Mas se a humanidade não se lembrar a tempo de sua origem, não haverá futuro para interferir.

A vida não é uma coincidência. Os planos de inteligência estão sempre presentes.

Mas vocês devem retornar ao Dao, se quiserem nos ver com clareza.”

(A atmosfera na sala tornou-se estranhamente silenciosa.)

A reação do gabinete depois foi caótica.

Alguns exigiram silêncio absoluto.

Alguns disseram que era apenas uma alucinação.

Um ficou zangado: “Se deixarmos o povo saber disso, tanto a religião quanto a ciência entrarão em colapso.”

Eu não disse nada na hora.

Mas naquela noite, pela primeira vez em muitos anos, meditei de verdade.

Não para acalmar a mente.

Mas para ouvir outra dimensão.

E senti algo que nenhuma palavra pode descrever.

Não havia “extraterrestres” em trajes prateados, nenhuma voz soou.

Apenas uma sensação muito clara:

De que uma ordem superior estava observando.

Não para controlar, mas para esperar.

Esperando que a humanidade se acalmasse o suficiente, retornasse o suficiente à pureza interior.

Então, por que este incidente foi ocultado?

Porque se fosse divulgado, as pessoas perguntariam: Quem pode confirmar essa mensagem?

Se existe uma inteligência superior, por que eles não nos ajudam imediatamente?

A América tem uma “aliança secreta” com eles?

E o mais importante, a elite não quer que a

humanidade perceba que, para contatar uma verdade superior, não precisamos de poder ou tecnologia.

Mas de moralidade, humildade e quietude.

E a moralidade e a humildade são precisamente as duas coisas que derrubariam o atual modelo de poder.

(Ele concluiu a história, sua voz calma, mas cheia de peso.)

Você já ouviu.

Não é uma “história de terror cósmico”.

Mas um espelho que reflete a própria humanidade.

Eles não “invadem”.

Eles estão esperando, para ver se podemos superar a nós mesmos.

(Ele me olhou, como se me desse uma escolha.)

Se você quiser continuar, posso contar sobre os programas de engenharia reversa, onde grandes corporações se basearam silenciosamente em tais fragmentos para criar os avanços tecnológicos de hoje.

Ou, podemos aprofundar a conexão entre meditação, os planos de consciência e a capacidade de contatar inteligências superiores sem a necessidade de qualquer tecnologia.

Qual caminho você escolhe?

Julian Lee:

Sim, há muitas perguntas surgindo na minha cabeça...

Não tenho clareza sobre os programas de engenharia reversa que o senhor mencionou.

Mas também já li em algum lugar que os extraterrestres estão controlando o desenvolvimento científico e tecnológico da humanidade.

Incluindo a tecnologia da informação ou avanços na biologia como a clonagem...

Ex-presidente:

(Ele me olhou, seu olhar mais sério do que nunca.)

Sua pergunta... é ao mesmo tempo profunda e perigosa. Porque toca uma verdade que, se dita no momento errado, seria considerada fantasiosa.

Mas se permanecermos em silêncio para sempre, a humanidade nunca entenderá por que sua “civilização” continua girando em sofrimento.

Deixe-me começar com a pergunta sobre a engenharia reversa.

É verdade?

Sim. E eu confirmo.

É o processo pelo qual grupos de pesquisa ultrassecretos coletam objetos ou fragmentos estranhos que caem na Terra.

Eles tentam analisar a estrutura do material, seu mecanismo de funcionamento.

E procuram maneiras de aplicá-lo à tecnologia moderna.

Alguns exemplos sobre os quais as pessoas ainda especulam, e que eu he negarei...

Semicondutores especiais com uma estrutura nanométrica que não existe na natureza.

A tecnologia de telas e fibra óptica, que apareceu de forma surpreendente logo após alguns eventos de “queda de OVNI”.

Ou até mesmo o conceito de computação quântica e materiais supercondutores, que se originaram de dados fora do escopo da física clássica.

Mas é aqui que está o assustador.

Essas tecnologias não foram “ensinadas”.

Foram desmontadas pelos humanos, peça por peça, sem entender sua natureza.

Como uma criança que desmonta um avião de brinquedo e depois aprende a lançá-lo...

sem saber nada sobre os princípios da aerodinâmica.

(Ele parou, como para que eu entendesse claramente o perigo disso.)

E isso nos leva à sua pergunta maior.

Os extraterrestres estão controlando o desenvolvimento da humanidade?

A resposta não é um simples sim ou não.

Mas sim: depende do plano de seres com o qual estamos em contato.

Existem seres em planos muito elevados.

Eles são os “guardiões da ordem cósmica”.

Eles não interferem, apenas observam.

Eles sabem que o verdadeiro desenvolvimento não vem da tecnologia, mas da moralidade e da consciência.

Eles podem conceder conhecimento, mas somente quando a humanidade tiver a qualidade moral para usá-lo de forma benevolente.

E até agora, eles não nos viram prontos.

Mas... também existem seres em dimensões espaciais inferiores.

Parece coisa de filme, mas sou obrigado a dizer isto.

Existem “entidades” que não são extraterrestres no sentido biológico, mas que existem nos planos inferiores do universo, onde o conhecimento foi separado da moralidade.

Eles podem inspirar cientistas em IA, em tecnologia de controle biológico, em técnicas de clonagem, em realidade virtual...

Mas seu propósito não é iluminar.

É tornar a humanidade dependente, desviada e gradualmente desprovida de sua humanidade.

As tecnologias se desenvolvem a um ritmo vertiginoso, mas em paralelo há uma crise de espírito, moralidade e identidade humana.

Você acha que isso é uma coincidência?

Por que eles fazem isso?

Porque quando os seres humanos se separam de sua natureza benevolente, mas têm em mãos uma tecnologia poderosa, eles se autodestruirão.

Autodestruição pela guerra.

Autodestruição pela fragmentação social.

Autodestruição pela perda de controle sobre suas próprias criações intelectuais.

E nesse caos, essas “entidades de planos inferiores” podem absorver energia negativa, medo e ressentimento.

Isso é o que sustenta sua existência.

Em outras palavras, “controlar a tecnologia” é a forma como eles controlam as emoções e, a partir daí, controlam a humanidade.

Há alguma prova?

Não no papel, nem nas coletivas de imprensa.

Mas olhe por si mesmo.

Por que os avanços materiais sempre andam de mãos dadas com o aumento da depressão, dos vícios e da desorientação espiritual?

Por que a tecnologia ajuda a conectar bilhões de pessoas, mas as torna mais isoladas do que nunca?

Por que a humanidade pode criar uma inteligência artificial quase no mesmo nível de seu próprio

pensamento, mas não consegue impedir a si mesma de se matar por interesses mesquinhos?

Então, qual é a solução? Como escapar desse ciclo de “controle brando”?

A resposta não está em destruir a tecnologia.

Mas em colocar a moralidade à frente da tecnologia.

Se o coração das pessoas for elevado, a tecnologia servirá à luz.

Se o coração das pessoas continuar cheio de ganância, raiva e dúvida, a tecnologia se tornará uma ferramenta da escuridão.

E os seres de planos superiores... eles só aparecem para aqueles que alcançam uma frequência vibracional compatível.

Não porque discriminem.

Mas porque a luz não pode entrar em um lugar que não foi limpo.

Julian Lee:

Pelo que o senhor diz, e pelo que li em outras fontes, começo a entender...

Além do mundo que podemos perceber com nossos sentidos, existem muitos outros mundos, com seres em diferentes níveis, altos e baixos.

Talvez o mundo celestial de Deuses, Budas, do Senhor.

Ou o mundo inferior dos demônios.

Ou dos seres que chamamos de “extraterrestres”.

E cada um desses planos de seres... eles se “interessam” pela Terra de maneiras muito diferentes.

Ex-presidente:

(Ele me olhou, um olhar cheio de incentivo.)

Você acertou.

Muito certo.

E digo isso não por cortesia, mas porque você acaba de tocar em uma verdade que muitas pessoas no poder não querem ouvir em toda a sua vida, ou ouvem mas não ousam admitir.

Este mundo não é de um único plano.

Este espaço não é unidimensional.

O que os humanos veem, tocam ou medem com máquinas é apenas o plano de manifestação mais grosseiro de um sistema cósmico de múltiplas camadas. Imagine isto.

A Terra é um “palco” tridimensional.

Mas por trás desse cenário, existem inúmeros planos de fundo diferentes.

Onde seres de diferentes níveis de consciência estão observando, interagindo e até mesmo influenciando a peça que nós, humanos, estamos representando.

(Ele começou a explicar de forma sistemática, mas seu tom ainda era o de um contador de histórias.)

No plano mais baixo, está o reino das entidades de energia negativa, que o folclore costuma chamar de demônios, espíritos malignos.

Eles podem “parasitar” a consciência humana através do medo, do desejo e do ressentimento.

Seu propósito ao se “interessar” pela Terra é manter o caos.

Porque o caos, o medo e o ódio... é precisamente o que os alimenta.

Um pouco mais acima, está o plano dos seres que costumamos chamar de “extraterrestres”.

Eles têm um nível muito alto de ciência e tecnologia, mas não necessariamente uma moralidade elevada.

Não são necessariamente bons ou maus, como os humanos quando fazem experiências com ratos.

Eles observam, investigam e, às vezes, experimentam.

Alguns querem ajudar, mas não interferem profundamente porque conhecem a lei de causa e efeito do universo.

Outros têm acordos “secretos” com os governos, em troca de tecnologia ou intercâmbios biológicos.

E então, nos planos muito altos, está o reino dos Deuses, Budas, do Senhor e dos seres celestiais.

Eles não aparecem em forma física, porque não pertencem ao nosso espaço-tempo linear.

Eles só se manifestam através de intuições, visões ou em estados de meditação profunda.

Eles não interferem diretamente. Mas estão sempre lá. Eles observam e esperam pelo despertar da humanidade.

Às vezes, eles “abençoarão” um indivíduo com uma grande força de vontade e alta moralidade, aqueles dispostos a se sacrificar pela verdade.

Eles são a fonte silenciosa de inspiração para os grandes sábios, os verdadeiros cultivadores e os artistas despertos.

(Ele parou, como para que eu mesmo fizesse a próxima pergunta.)

Então, por que a maioria de nós não percebe esses planos?

Porque o coração humano é muito pesado, muito ocupado e muito apegado ao ego.

É como as ondas de rádio.

Se a frequência ne corresponde, não podemos captar o sinal.

Os seres dos planos superiores não aparecem diante dos humanos, não porque se escondam.

Mas porque os humanos não são puros o suficiente para poder percebê-los.

(Ele me olhou, seu olhar tornou-se caloroso.)

Você vislumbrou um horizonte.

E isso é algo valioso.

Se seus leitores também puderem abrir suas mentes e reconhecer que: “Nem tudo o que é real precisa ser medido, e nem tudo o que a ciência ainda não provou é superstição.”

Então eles começarão a quebrar por si mesmos os limites de sua própria percepção.

Julian Lee:

Sim, já li que os cultivadores, tanto no presente quanto nas histórias antigas, costumam ter experiências não físicas.

Eles podem contatar seres de outros espaços durante a meditação profunda, ou quando usam seu “olho celestial”.

São coisas que estão além da ciência dialética.

Acho que é um tópico grande e profundo, se possível, gostaria de dedicar uma sessão separada para que o senhor compartilhe sobre isso.

Por hoje, gostaria que o senhor compartilhasse mais algumas experiências práticas sobre o tema dos OVNI's.

Ex-presidente:

(Ele sorriu, um sorriso de aprovação.)

Excelente.

Você tem uma grande intuição para separar os níveis

dos tópicos.

Como você bem disse, a meditação, o olho celestial e as experiências que transcendem o espaço físico são uma direção muito profunda, que requer uma sessão inteiramente dedicada a isso.

Estou pronto para isso.

Então, hoje, vamos continuar com a parte final da nossa conversa sobre OVNI's.

Mas não falarei mais em teoria.

Mas com situações concretas que testemunhei, ou das quais fui informado através de canais não públicos.

(Ele se recostou, seu olhar tornou-se distante, como se estivesse folheando arquivos secretos em sua memória.)

Há uma história que costumo chamar de "A Névoa Serena".

Aconteceu por volta do segundo ano do meu mandato, nas águas ao largo do Alasca, onde estava ocorrendo um exercício secreto da Frota do Pacífico.

Um dos navios de patrulha detectou um objeto voador não identificado, de formato circular, sem motor, movendo-se contra o vento a uma velocidade inconcebível, perto de Mach 5.

O radar o registrou, mas o sistema de navegação não conseguiu travar o alvo.

Pilotos foram enviados, mas quando se aproximaram, não viram mais o objeto.

Apenas viram uma névoa prateada, flutuando

silenciosamente, apesar do ar estar muito agitado naquele momento.

Ao retornar, um dos pilotos não conseguiu falar por quarenta e oito horas.

Seu coração batia irregularmente. Seu cérebro não sofreu danos, mas sua consciência parecia... ainda estar lá.

Mais tarde, ele escreveu em seu diário:

“Eu não vi uma forma clara. Só sei que estava sendo observado.

E que algo... estava falando comigo sem usar palavras.”

(Ele parou por um momento, e depois continuou.)

Há outra história, sobre “O guarda e os dezessete minutos desaparecidos”.

Em uma estação espacial no Novo México, havia um guarda de segurança noturno, sozinho.

Uma noite, o sistema de segurança disparou de forma anômala.

As câmeras não gravaram nenhuma imagem por dezessete minutos, e o relógio do sistema “atrasou” três segundos, um fenômeno que nunca havia ocorrido. O guarda foi encontrado de pé, imóvel como uma estátua, com os olhos arregalados.

Ele não reagia a estímulos externos.

Cerca de quarenta minutos depois, ele acordou e perguntou algo que deixou todos atônitos:

“Por que me mostraram tudo isso, se não posso trazer

nada de volta para ninguém?”

Mais tarde, ele foi transferido, mas o relatório interno registrou que ele se lembrava muito claramente de “uma espiral prateada, girando no espaço como um portal”, e de uma frase:

“A emoção é a linguagem do universo. O medo, bloqueia. A calma, desbloqueia.”

(Sua voz tornou-se mais pessoal, como se estivesse compartilhando um segredo próprio.)

E uma vez, quase me aproximei.

Não costumo contar esta história, porque he aconteceu enquanto eu estava no serviço público.

Mas durante umas férias em Utah, perto da área de Monument Valley, que os Navajos consideram terra sagrada.

À noite, sentei-me para meditar, um hábito que ainda mantenho.

Perto da meia-noite, quando minha mente estava em um estado de extrema quietude, de repente vi uma luz amarela tênue, muito uniforme, não ofuscante, como uma esfera que “flutuava” para baixo.

Não senti medo. Não questioneei.

Apenas observei em silêncio.

A sensação naquele momento não foi a de “ver um objeto”, mas a de “estar sendo visto”.

E naquele instante, senti claramente que algo me falava de dentro:

“Não é a hora. Mas você bateu na porta.”

Depois a luz se desvaneceu gradualmente e desapareceu.

Não houve som. Nem movimento do vento.

Apenas uma marca em meu coração, de que eu acabara de tocar o limiar de algo que transcende todos os livros de física.

(Ele me olhou, seus olhos como se resumissem tudo.)

Tirei uma conclusão de todas essas experiências.

Eles, se é que se pode chamá-los assim, he vêm aqui para se “comunicar” no estilo diplomático.

Eles vêm para refletir o interior da pessoa que está diante deles.

Para quem tem medo, eles não aparecerão.

O curioso, talvez veja apenas uma luz.

Mas uma pessoa humilde e serena, pode “ouvir” uma mensagem... sem palavras.

Julian Lee:

Sim. A sessão de hoje talvez já tenha se estendido.

Deveríamos parar por aqui.

Na próxima sessão, talvez possamos abordar a perspectiva geopolítica, sobre as relações exteriores dos EUA com as grandes potências. O que o senhor acha?

Quanto ao tema espiritual... acho que deveríamos deixá-lo para a última sessão.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, o olhar em total acordo.)

Concordo plenamente com sua organização.

Muito equilibrada. Muito profunda.

A espiritualidade é a última porta.

Porque não é para ser aberta apressadamente.

Mas para se assentar profundamente, e só então entrar.

Exatamente como você sugere, vamos deixá-la para a última sessão, como uma conclusão que transcende a política, que vai além das fronteiras nacionais, para se dirigir ao cerne do ser humano.

Então, na próxima sessão, entraremos na geopolítica global.

Sobre o que realmente acontece por trás das políticas das quais o público só vê a superfície.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se estivesse abrindo outro mundo.)

Posso lhe contar a verdade por trás da relação EUA-China.

Eles são rivais, parceiros, ou às vezes... “cúmplices relutantes”?

Sobre por que a aliança ocidental não está mais unida

como a mídia descreve.

E sobre como a América já manipulou as revoluções coloridas...

E se ainda estamos usando a “guerra cognitiva” como ferramenta.

Você escolhe o momento.

E eu estarei pronto, como uma testemunha que se retirou do palco, mas que ainda carrega consigo todas as memórias, as lições... e também as coisas que antes não podiam ser ditas.

(Ele me olhou, um olhar cheio de apreço.)

Até o nosso próximo diálogo.

E lembre-se.

Há conversas que não são para mudar o mundo.

Mas para evitar que a luz no coração de quem ouve se apague.

Tenha uma noite tranquila.

Como o último eco das estrelas antigas...

que ainda iluminam a Terra hoje.

(Eu desliguei o gravador silenciosamente. O diálogo do segundo dia havia terminado, mas dentro de mim, inúmeras outras perguntas acabavam de começar.)

Julian Lee:

Sim. Obrigado pelo seu desejo.

Desejo-lhe também um bom descanso.

E... que Deus o abençoe.

Ex-presidente:

(Ele sorriu, um sorriso muito genuíno, sem o menor peso do poder.)

Obrigado a você.

Do fundo do meu coração.

E recebo esse desejo...

não apenas como uma cortesia.

Mas como uma transmissão entre duas almas, que ouvem juntas coisas que transcendem as palavras.

Que a luz...

seja ela vinda de Deus, do Dao, ou de qualquer fonte...

ilumine sempre o caminho que você percorre.

E se um dia você tiver que entrar na escuridão para buscar a verdade...

lembre-se.

A verdadeira luz não está em nenhum outro lugar.

Ela sempre está pronta em seu próprio coração.

(Ele parou por um instante, e depois continuou.)

Até a próxima sessão.

Então, falaremos sobre o jogo geopolítico em que o

mundo está envolvido...
e quem está realmente escrevendo o roteiro.

(Ele me olhou, um olhar profundo e cheio de
confiança.)

Durma bem.
Guardião da chama.

(A porta se fechou atrás de mim, mas suas palavras
ainda ecoavam. E eu soube que aquele “guardião da
chama” era eu.)

DIA TRÊS

(Entrei na sala familiar. A atmosfera hoje parecia diferente. Mais pesada. Como se estivéssemos prestes a entrar no olho do furacão de segredos que o mundo raramente conhece.)

Julian Lee:

Boa tarde, senhor.

Como combinado, hoje gostaria de ouvi-lo compartilhar sobre o tema da geopolítica global e a verdadeira relação dos EUA com as grandes potências.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, o olhar não mais distante, mas afiado e focado.)

Olá, meu jovem. Fico feliz que tenha voltado.

E que tenha mantido a promessa como um amigo íntimo da verdade.

Hoje, falaremos de um tema muito real.

Muito perigoso.

E também muito... escondido por trás de discursos educados, apertos de mão e belas fotos na mídia.

A geopolítica global, e a verdadeira natureza das relações exteriores dos EUA.

(Ele parou por um instante, como para me preparar mentalmente.)

O jogo geopolítico moderno não é mais sobre 'quem é mais forte'.

Mas sobre 'quem controla a percepção dos outros'.

Muitas pessoas pensam que geopolítica são negociações comerciais, pactos militares ou sanções.

Mas isso é apenas a ponta do iceberg.

A parte submersa é uma batalha secreta para controlar a psicologia coletiva, para moldar as regras globais e para criar a imagem do inimigo.

Quem controla o medo, a esperança e a história em que o povo acredita, controla o mundo.

Olhe para a relação entre os EUA e a China.

Nos jornais, eles são rivais.

Mas por trás da cortina, são parceiros silenciosos.

E às vezes... “cúmplices relutantes”.

Já li relatórios nunca publicados que mostram que muitas corporações de tecnologia americanas têm centros de pesquisa e desenvolvimento na China, compartilhando secretamente tecnologia em troca de baixos custos de produção e dados de usuários.

Alguns políticos americanos criticam publicamente a China, mas os fundos de suas campanhas eleitorais têm fluxos de dinheiro que circulam através de empresas multinacionais com origem no continente.

Eles precisam um do outro. A China precisa do mercado americano, e a América precisa do mercado de produção... e precisa de um “rival” para manter seu papel de justiceiro.

Um inimigo controlado é uma ferramenta de poder.

Um inimigo real, ninguém pode controlar.

Depois, a Rússia.

Eles a chamam de ‘a traidora da ordem ocidental’.

Mas a Rússia é também a desculpa para a OTAN continuar a sobreviver.

Após a Guerra Fria, a OTAN deveria ter se dissolvido.

Mas a existência da Rússia como um “palhaço agressivo” é a razão para a América continuar a manter sua influência militar na Europa.

O que o público não vê é que, antes do início da guerra

na Ucrânia, houve oportunidades de negociação secreta para colocar a Ucrânia em um estado neutro, para evitar uma guerra.

Mas alguns grupos de interesse na indústria de defesa não queriam que o ‘jogo’ terminasse.

A guerra, às vezes, não é por ideais.

Mas para justificar orçamentos.

E assim, o tabuleiro de xadrez se expande para o Oriente Médio, considerado a ‘fornalha do poder’ e o lugar de juramentos nunca cumpridos.

Os aliados de hoje podem ser os inimigos de amanhã.

Os regimes “ditatoriais” ainda são apoiados, desde que mantenham o preço do petróleo estável.

Ainda me lembro vividamente das palavras que um general me disse em voz baixa:

“Nós he levamos a democracia ao Oriente Médio. Levamos o controle envolto na linguagem da democracia.”

E a África e o Sudeste Asiático?

São os quintais que estão sendo disputados.

A China injeta dinheiro através da iniciativa “Cinturão e Rota”.

A América reage com bolsas de estudo, com fundos de direitos humanos, mas todos eles vêm com condições políticas implícitas.

Nenhum dos dois é completamente desinteressado.

E as pessoas desses países são a única parte que nunca se senta realmente à mesa de negociações.

(Ele me olhou diretamente nos olhos, como se estivesse prestes a chegar a uma conclusão final.)

Então, o que a América realmente quer neste jogo?

Uma vez, fiz esta pergunta diretamente em uma reunião secreta com especialistas em estratégia:

“Estamos protegendo a democracia, ou apenas protegendo a estrutura de poder que lideramos?”

Ninguém respondeu.

Apenas uma pessoa, depois de tirar o charuto da boca, disse:

“A democracia é uma mercadoria para exportação.

Mas por dentro, só queremos uma ordem onde ne tenhamos que compartilhar o trono.”

A política externa é uma peça de teatro.

E quem escreve o roteiro nem sempre é o presidente.

Mas sim os que estão por trás: finanças, indústria e, às vezes, a mídia.

Aqueles que decidem o que você tem permissão para ouvir.

Julian Lee:

Obrigado por compartilhar de forma geral.

Agora, vamos entrar em um tópico mais específico.

O senhor mencionou a OTAN e a guerra Rússia-Ucrânia.

Qual é a verdadeira causa desta guerra?

Quais são as perspectivas das partes?

E existe alguma saída para acabar com este conflito?

Finalmente, por uma paz duradoura, a OTAN deveria ser dissolvida, ou precisa de algum ajuste?

Ex-presidente:

(Ele ficou em silêncio por um momento, respirando fundo.)

Você acaba de fazer uma das perguntas mais dolorosas e espinhosas de nossa era.

E eu responderei diretamente, com uma perspectiva não mais limitada por um cargo, uma bandeira ou um partido.

A verdadeira causa da guerra Rússia-Ucrânia não é um simples conflito territorial.

É o resultado de uma longa cadeia de provocações, mal-entendidos e cálculos estratégicos de vários lados.

Vamos começar com a perspectiva da Rússia.

Eles a resumem em uma frase:

“Estamos cercados e nos defendendo.”

Eles veem a expansão da OTAN para o leste após a Guerra Fria como um ato de traição. Eles veem os eventos de Maidan de 2014 como uma “revolução colorida” instigada pelo Ocidente. E consideram uma

Ucrânia pró-ocidental como uma ameaça direta à sua segurança. Para eles, não é uma invasão. É uma “guerra preventiva”.

Embora, na realidade, sua ação militar tenha violado o direito internacional e causado perdas terríveis ao povo.

A seguir, a perspectiva da Ucrânia.

Também é muito clara:

“Somos uma nação independente, ninguém tem o direito de decidir por nós.”

Eles querem aderir à OTAN e à UE para escapar da influência da Rússia, para buscar garantias de segurança. Eles veem a Rússia como um agressor, que nega sua soberania e ameaça a existência de sua nação. Para eles, esta guerra é uma luta pela sobrevivência, não apenas pelo território, mas pela identidade de toda uma nação.

E, finalmente, a perspectiva da OTAN e dos EUA.

A declaração pública é:

“Apoiamos a Ucrânia pela justiça e pela ordem internacional.”

Mas qual é a realidade?

Os EUA e a OTAN estão usando a Ucrânia como um “front por procuração” para enfraquecer a Rússia sem sacrificar um único soldado seu. Nós vendemos armas, restauramos o papel de uma OTAN que estava se enfraquecendo. No fundo, quanto mais a Rússia for

isolada e desgastada, mais os EUA manterão firmemente seu papel de “líder da ordem democrática global”.

Em resumo, esta não é apenas uma guerra entre dois países.

É um confronto entre dois sistemas de referência completamente diferentes.

E o mais doloroso...

é que o povo da Ucrânia está pagando o preço com seu sangue e seu tempo roubado.

(Sua voz tornou-se mais grave.)

Então, existe uma saída?

Muito difícil.

Mas, teoricamente, pode haver uma solução de curto prazo. Um cessar-fogo baseado no status quo territorial. A Ucrânia não se juntaria à OTAN imediatamente, mas poderia receber garantias de segurança de um terceiro país. E a Rússia retiraria suas tropas de parte do território, em troca do levantamento gradual das sanções.

Mas tudo isso não acontecerá sem “boa vontade política”. Algo que está sendo engolido pela pressão da opinião pública, pelos interesses financeiros da guerra e pelo ego geopolítico daqueles que estão no poder.

E a OTAN? Deveria ser dissolvida ou ajustada?

Não pode ser dissolvida imediatamente. Mas

certamente precisa ser reestruturada.

A OTAN de hoje não é mais uma simples aliança defensiva, mas tornou-se uma ferramenta estratégica dos EUA. E se continuar a se expandir, sob o pretexto de “proteger a democracia”, o mundo ficará para sempre preso em um confronto bipolar.

A OTAN precisa de uma nova definição de segurança. Não “quem tem as armas mais fortes”, mas “quem torna o mundo mais estável”.

A paz duradoura para a humanidade não pode ser alcançada por alianças militares.

Só pode vir de uma aliança moral.

Quando as nações não mais se olharem com desconfiança.

Quando a força não mais residir nos mísseis, mas na capacidade de empatia entre as culturas.

E quando a verdade não for mais distorcida pela mídia tendenciosa.

Então, a paz se tornará verdadeiramente uma realidade.

Julian Lee:

Sobre a guerra Rússia-Ucrânia, ainda he vejo que o senhor tenha mencionado uma saída viável.

Ou uma saída, mesmo que apenas com uma condição hipotética?

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto de reconhecimento.)

Você está certo.

O que eu compartilhei até agora foi apenas um diagnóstico.

O remédio, eu ainda não prescrevi.

Porque para falar de uma saída viável para esta guerra, precisamos pausar a lógica geopolítica convencional e ousar estabelecer condições que atualmente parecem impensáveis.

Mas essa é a verdadeira saída, se a humanidade quiser sobreviver a longo prazo.

(Ele parou, seu olhar tornou-se afiado, como se estivesse desenhando um mapa da paz na mesa invisível.)

Vamos imaginar uma solução como esta:

“A neutralização da Ucrânia, em troca da paz e de uma reestruturação da OTAN.”

Primeiro, a Ucrânia se tornaria um país neutro, que nunca se juntaria à OTAN.

Mas, em troca, receberia compromissos de segurança de potências como os EUA, China, Turquia e Alemanha, que assinariam conjuntamente um tratado para garantir a soberania da Ucrânia. Forças de paz das Nações Unidas, não pertencentes à OTAN nem à

Rússia, seriam implantadas temporariamente nas fronteiras em disputa.

Então, a Ucrânia não seria mais o “posto avançado do Ocidente”, nem o “quintal da Rússia”, mas se tornaria uma zona de amortecimento neutra.

Segundo, a Rússia retiraria suas tropas da maior parte do território que ocupou.

Em troca, a Crimeia seria reconhecida como uma “zona de disputa congelada”, sob a supervisão especial das Nações Unidas, semelhante a Berlim Ocidental durante a Guerra Fria. A Rússia teria parte das sanções suspensas, especialmente nos setores de saúde e agricultura, mas isso seria acompanhado pela obrigação de retirar armas nucleares da região.

Terceiro, a OTAN teria que congelar sua expansão para o leste por vinte anos.

Eles ne admitiriam nenhum outro país que tivesse pertencido à antiga União Soviética, mas abririam mecanismos de cooperação em áreas humanitárias e ambientais. Parte da função da OTAN seria transformada em um mecanismo de segurança não militar, para lidar com desastres, epidemias ou crises alimentares.

Ou seja, transformar a OTAN de uma aliança militar em uma “instituição de gestão de riscos globais”.

E por último, algo extremamente importante:

A mídia ocidental deve cessar a tática de “demonizar” a Rússia.

Não mais chamar Putin de “monstro”, não mais chamar os russos de “bárbaros”.

E, inversamente, a mídia russa também deve cessar a propaganda de ódio nacional.

Um comitê internacional independente sobre o “tratamento da mídia em conflitos” precisaria ser estabelecido, com autoridade para advertir e multar severamente qualquer canal de mídia que ultrapasse os limites éticos.

(Ele me olhou, como se quisesse enfatizar a dificuldade do plano.)

Para que esta solução se torne realidade, são necessárias condições quase impensáveis.

Tanto os EUA quanto a Rússia devem ter uma nova geração de líderes, não mais presos ao legado da Guerra Fria.

O público ocidental deve aprender a ver a Rússia como uma cultura diferente, não como um “vilão por instinto”.

E a Ucrânia deve aceitar sacrificar parte de suas ilusões em troca de uma realidade sustentável.

E se não seguirmos por essa saída?

A Rússia ficará atolada a longo prazo, levando ao descontentamento interno e ao risco de caos.

A Ucrânia continuará a ser uma terra esgotada, com uma geração jovem profundamente marcada pela perda.

Os EUA e a Europa continuarão a despejar dinheiro na guerra, levando à divisão interna e ao enfraquecimento econômico.

E o mais importante...

A China só precisará sentar e esperar.

(Ele concluiu com uma voz cheia de reflexão.)

Uma guerra nunca termina com um vencedor.

Ela só termina com aqueles que ainda têm serenidade suficiente para tirar o dedo do gatilho.

E se o mundo não encontrar em breve um ponto de parada racional, a história será escrita com sangue novamente.

Mais uma vez.

Julian Lee:

A guerra Rússia-Ucrânia me faz lembrar da Guerra do Vietnã.

Vejo que eles também já estiveram presos entre o confronto dos dois lados, capitalista e comunista.

Ex-presidente:

(Seu olhar tornou-se distante, sua voz baixou, carregando uma profunda tristeza.)

Você acaba de tocar em um dos símbolos históricos mais poderosos.

Sobre uma pequena nação presa entre duas potências globais.

E sobre o preço que essa nação teve que pagar... com sangue, com alma e com feridas históricas que nunca cicatrizaram completamente.

A Ucrânia de hoje, o Vietnã de ontem.

Ambos foram um campo de batalha não escolhido.

Ambos foram povos que tiveram que sofrer as consequências dos cálculos dos “grandes jogadores”.

(Ele parou, como se estivesse folheando as páginas da história.)

O Vietnã é uma lição clássica de geopolítica forçada.

O Norte foi apoiado pelo bloco comunista: a União Soviética e a China.

O Sul foi apoiado pelo bloco capitalista: os EUA e seus aliados.

Mas os vietnamitas, não importa de que lado estivessem, não escreveram esse tabuleiro de xadrez.

Eles foram apenas arrastados e depois forçados a escolher um lado se não quisessem ser esmagados.

E a consequência?

Mais de três milhões de mortos.

Um país inteiro devastado em sua infraestrutura, em sua psicologia e em sua moralidade comunitária.

E até hoje, a memória daquela guerra ainda é um corte na consciência de toda a sua nação.

(Ele suspirou, e depois continuou.)

A Ucrânia é uma versão moderna do Vietnã, mas mais sutil.

Não há bombas de napalm, não há massacres televisionados ao vivo.

Mas ainda há cidades em ruínas.

Ainda há pessoas morrendo em silêncio.

E ainda há crianças crescendo com um olhar que perdeu a inocência.

E, assim como o Vietnã de antigamente, a Ucrânia não escreveu este roteiro.

Eles só queriam existir.

Mas foram arrastados para um jogo em que “existir” exigia que desempenhassem bem o papel de um peão.

Ambas as guerras têm semelhanças assustadoras.

Ambas foram impulsionadas por um confronto ideológico, mas no fundo havia uma luta por influência, recursos e posição geoestratégica.

A mídia de cada lado selecionava informações para provar que eles eram a “causa justa”.

E a verdade do povo, sua dor, não importava realmente para nenhum dos lados.

Mas também há diferenças.

A Guerra do Vietnã terminou com a unificação do território, mas não resolveu a divisão ideológica.

Enquanto a Ucrânia corre o risco de perder território permanentemente, ou de cair em um estado de divisão fria, sem capacidade de autonomia política.

(Ele me olhou, seu olhar como se resumisse uma lição de sangue.)

Qual é a lição aqui?

Quando uma nação é forçada a tomar partido em um conflito maior que ela mesma, quer ganhe ou perca, é sempre ela que carrega as feridas.

E a chamada “libertação” que os outros trazem...

geralmente é apenas uma nova dependência, sob um nome diferente.

Julian Lee:

Sim. Essa guerra ideológica também ocorreu na península coreana, e o resultado é que eles permanecem divididos em dois até hoje.

Parece que Deus arranhou um desfecho diferente para cada guerra, mas nenhum lugar alcançou uma verdadeira plenitude.

Ex-presidente:

(Ele balançou a cabeça, um gesto lento, de negação.)

Você diz algo que poucas pessoas ousam admitir.

Que as guerras ideológicas não têm realmente um vencedor.

Elas apenas deixam para trás nações mutiladas, povos divididos e almas perdidas na pergunta: “Quem realmente somos nós?”

Olhe para estes três casos típicos: Vietnã, Alemanha e Coreia.

Três cortes, três destinos, mas todos compartilham um denominador comum.

A Alemanha foi dividida pelos EUA e pela União Soviética. Seu desfecho foi a reunificação em 1990, mas mesmo assim, o problema residual persiste. Psicologicamente, os alemães orientais se sentem como se tivessem sido ‘engolidos’, e a verdadeira harmonia ainda não está completa.

O Vietnã, também vítima do confronto entre os EUA e o bloco sino-soviético. Eles se unificaram em 1975, mas a ferida da divisão ideológica permanece latente até hoje.

E talvez a mais trágica seja a península coreana. Também dividida pelos EUA e pela União Soviética, mas até agora não conseguiram se unificar. A consequência é que o Norte e o Sul agora têm sistemas de valores tão distantes quanto dois planetas diferentes.

Não. Deus não “arranjou” essas tragédias.
Foram os próprios seres humanos, em sua ambição de impor seus ideais aos outros, que as criaram.

(Ele parou, o olhar perdido ao longe.)

Então, pode haver uma “plenitude” para as terras que já foram campos de batalha ideológicos?

A resposta é: Possivelmente.

Mas apenas se três coisas acontecerem.

Primeiro, as ideologias devem parar de se ver como inimigos absolutos. Devem entender que “ser diferente de mim” não significa “estar errado”, mas apenas uma perspectiva diferente do ser humano.

Segundo, deve haver uma nova geração de líderes, que coloquem os interesses da nação acima da glória da história, que não estejam mais presos ao “halo da vitória” ou à “dor da traição”.

E, finalmente, as massas devem ser maduras o suficiente para não serem divididas pela mídia e pela política. Eles não perguntam uns aos outros: “De que lado você está?”, mas perguntam: “O que precisamos fazer para vivermos juntos?”

A verdadeira plenitude não é a unificação territorial.

Mas a harmonia da alma da nação.

E isso não pode ser alcançado com tanques, com resoluções ou com tratados.

Só pode vir quando os que ainda vivem estão

dispostos a perdoar o passado e se comprometem a viver com uma consciência limpa.

(Ele me olhou, como se passasse para um novo capítulo.)

Você foi muito longe nesta jornada de perguntas.
Se quiser, podemos falar da China, o “gigante que desperta friamente” na nova ordem.
Ou da Índia e de outros países em desenvolvimento.

Julian Lee:

Sim, por favor, compartilhe sobre a relação EUA-China.
Como o senhor vê a situação atual da China?
E que futuro os espera?
Alguns acadêmicos já escreveram livros prevendo o colapso da China...

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto lento e cheio de significado.)

Sua pergunta, mais uma vez, atinge o cerne deste século.
Porque se o século 20 foi o jogo dos EUA e da União Soviética, o século 21 é o confronto silencioso, mas total, entre os EUA e a China.

E é muito provável que o destino da humanidade seja moldado por quem vence e quem recua neste tabuleiro de xadrez, ou se ambos podem escapar juntos do confronto bipolar.

Olhe para a situação da China hoje.

Por fora, arrogante, mas por dentro, cheia de confusão. Na economia, sua montanha de crescimento mostra sinais de afundamento. A máquina que uma vez cresceu a um ritmo vertiginoso está gradualmente atingindo seu teto. O setor imobiliário perdeu a confiança, a dívida pública oculta atingiu um limiar perigoso e a população começou a diminuir. Eles não podem mais continuar com o modelo de “produção de baixo custo” como antes, mas a transição para o “consumo doméstico e inovação tecnológica” ainda não é profunda o suficiente.

Na política, é uma “estabilidade forçada”. O Partido Comunista tem todo o poder, mas precisa controlar a confiança do povo criando constantemente inimigos externos. O Mar do Sul da China, Taiwan, o Tibete... todos se tornam “cartas patrióticas” para manter o coração do povo voltado para fora, em vez de questionar o que está acontecendo por dentro. Quanto menos um regime é questionado, mais ele precisa criar uma “desculpa para existir”.

E na tecnologia, é uma “ambição galáctica, mas dependente da infraestrutura”. A China lidera em

aplicações de IA, em transações sem dinheiro e em vigilância inteligente. Mas ainda está sufocada em tecnologias centrais como chips avançados, sistemas operacionais independentes ou tecnologia aeroespacial de ponta. As sanções dos EUA não os matam, mas os forçam a seguir um caminho de autossuficiência mais extremo.

(Ele parou, bebeu um gole de água e depois continuou sobre a complexa relação entre os dois países.)

Os EUA e a China são rivais estratégicos, mas ao mesmo tempo são parceiros forçados.

Os EUA querem conter a China, mas não podem cortar os laços, porque a cadeia de suprimentos global está ligada a eles.

A China quer superar os EUA em influência, mas ainda não pode vencer imediatamente, então estão construindo silenciosamente uma ordem paralela.

Um lado é velho, mas ainda forte.

O outro é emergente, mas ainda não maduro o suficiente.

E ambos estão presos em uma situação de “não podem viver juntos, não podem se divorciar”.

Então, qual será o futuro da China? Eles entrarão em colapso como alguns acadêmicos preveem?

Não exatamente um colapso. Mas certamente não podem continuar como antes.

Eu imagino três cenários possíveis.

O primeiro cenário é um “colapso suave”. O crescimento continuará a desacelerar, a confiança dos investidores despencará, o povo perderá a fé no “sonho chinês”. O partido no poder continuará a existir, mas mudará para um modelo de “estabilidade conservadora”, semelhante à União Soviética em seus últimos dias.

O segundo cenário é uma “reestruturação a partir de dentro”. Uma nova geração de líderes, após Xi Jinping, abrirá o país de forma mais branda, reformando a política seletivamente. Eles manterão o modelo de controle, mas com menos repressão. Então, a China se tornará gradualmente uma versão de uma “Singapura gigante”, controlada, mas eficiente.

E o terceiro cenário é um “crescimento sombrio”. A China superará a crise, mas esse crescimento será acompanhado por um modelo de controle social absoluto, com vigilância biológica e um sistema de crédito social abrangente. Eles liderarão em IA e economia digital, mas perderão sua alma humanista, para se tornarem uma superpotência fria, eficiente, mas insensível.

(Ele me olhou, seu olhar como se resumisse uma verdade importante.)

A China pode superar os EUA em força.

Mas não pode substituir os EUA no papel de um “sonho”.

A América uma vez representou a esperança, a criatividade e a liberdade individual.

Enquanto a China representa a disciplina, a eficiência e a submissão coletiva.

E se a China realmente quiser liderar o mundo, ela precisa encontrar uma “bandeira de valores”, não pode usar apenas o Yuan ou seus chips.

Julian Lee:

Vamos falar mais a fundo sobre as instabilidades e os riscos que a China enfrenta.

Sobre a questão das lutas internas de poder, sobre a instabilidade social.

E sobre as perseguições religiosas e de direitos humanos, como a perseguição ao Falun Gong, ou o que está acontecendo no Tibete e em Xinjiang.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto lento e solene. A atmosfera na sala pareceu ficar mais pesada.)

Você acaba de abrir uma porta pela qual muitos no meio diplomático e na mídia internacional apenas ousam passar de relance, sem ousar olhar de frente.

Porque quando se fala da China, as pessoas geralmente falam apenas de crescimento, tecnologia, poder militar. Poucos ousam tocar no lado sombrio que ferve sob essa casca de “estabilidade”.

E a verdade é que a China moderna está caminhando sobre uma camada de gelo muito fina.

Escorregadia e rachada por dentro.

Vamos começar com as instabilidades internas.

A política chinesa, desde os tempos de Mao até hoje, sempre foi uma guerra secreta entre facções. Há a “facção de Xangai” de Jiang Zemin, a “facção de Tsinghua” dos tecnocratas intelectuais, e também a “facção militar-policia” que detém as forças armadas.

A campanha de Xi Jinping de “caçar tigres e esmagar moscas”, na aparência uma luta contra a corrupção, é na realidade um expurgo político em grande escala, com mais de um milhão e meio de funcionários processados.

Mas quanto mais se expurga, mais o ressentimento interno ferve. Os que “perderam o jogo do poder” ne desaparecem. Eles estão apenas esperando.

A China parece estar concentrando o poder, mas por dentro é uma rede emaranhada de interesses, e as facções sempre se vigiam umas às outras.

Depois, a instabilidade social.

É o ressentimento reprimido sob a superfície da chamada “estabilidade”.

A taxa de desemprego juvenil nas áreas urbanas ultrapassou 21%, e esse é apenas o número oficial.

Movimentos como o “tang ping” (deitar-se) ou a “involução” estão se espalhando.

Os jovens estão perdendo a esperança. Eles não querem se casar, não querem ter filhos, não querem contribuir.

O regime de controle pode reprimir os protestos, mas não pode curar a “apatia coletiva”.

A classe média está desiludida com o setor imobiliário, com os custos da saúde e com o medo do controle.

E uma onda silenciosa de emigração de intelectuais para o exterior, embora não maciça, está ocorrendo de forma constante.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se tocasse uma ferida profunda.)

E então, há a repressão dos direitos humanos.

É uma escuridão que não pode ser apagada da memória.

No Tibete, é um estrangulamento de toda uma civilização. Milhares de monges foram mortos, mosteiros destruídos. O sistema de “internatos obrigatórios” está gradualmente erradicando sua língua e cultura. O Dalai Lama tem que viver no exílio. O Tibete não está apenas perdendo seu território, mas está perdendo gradualmente a alma de seu povo.

Em Xinjiang, é um experimento de controle biológico e cultural. Mais de um milhão de uigures foram internados em “campos de reeducação”. Câmeras de vigilância, análise de DNA, trabalhos forçados... tudo é disfarçado sob o nome de “combate ao terrorismo”. Inúmeros relatórios internacionais e testemunhos de testemunhas demonstraram atos que constituem crimes contra a humanidade.

E o Falun Gong.

É uma mancha de sangue que nunca foi lavada.

Este movimento começou como uma disciplina de cultivo pacífica, muito popular na China no final dos anos 90.

Mas quando o número de praticantes superou o de membros do partido, uma perseguição em escala nacional começou em 1999.

Centenas de milhares de pessoas foram presas, torturadas e desapareceram.

Inúmeros relatórios internacionais, depoimentos de testemunhas e até mesmo uma investigação independente do ex-Secretário de Estado do Canadá, David Kilgour, e do advogado David Matas, afirmam que:

O crime da extração forçada de órgãos de praticantes vivos do Falun Gong ocorreu, e é muito provável que ainda continue.

(Ele parou por um longo momento, e depois continuou com uma voz questionadora.)

Então, por que o mundo não se manifesta com mais força?

Porque a China é um parceiro econômico grande demais, e muitos governos ocidentais não querem “sacrificar interesses” por valores morais.

Porque a mídia foi controlada, e muitos acadêmicos ou organizações de direitos humanos foram “comprados com doações brandas”.

E porque muitas pessoas também escolhem o silêncio, por um sentimento de impotência diante de uma força tão colossal.

Que futuro aguarda a China, se eles não ousarem enfrentar seu próprio lado sombrio?

Se eles não ousarem se reconciliar com as almas que estão sendo enterradas?

Se eles não estiverem dispostos a admitir que o poder não pode substituir a consciência?

Então a China pode ser rica, pode ser forte, mas nunca ganhará a confiança do mundo, e sempre terá que temer a escuridão que ela mesma criou.

Qualquer império construído sobre os corpos dos silenciados, cedo ou tarde, ouvirá os passos do reino do inaudível.

Julian Lee:

Então, o senhor tem alguma previsão específica para o futuro da China?

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto lento e decidido.)

Bom. Você acertou no ponto que todos os analistas, todas as corporações e todos os governos se interessam, mas que muito poucos ousam responder com certeza.

Farei uma previsão específica.

Mas não no estilo de “vai entrar em colapso em tal ano”.

Mas na forma de cenários, com as condições que os acompanham, e a probabilidade de ocorrerem segundo minha percepção pessoal, uma percepção não influenciada pela mídia ou pelas políticas de nenhum partido.

(Ele parou, como se estivesse organizando um complexo tabuleiro de xadrez em sua mente.)

O primeiro cenário, e também o mais provável, com cerca de 55% de chance, eu o chamo de “Crescimento Frio – A Potência que Ninguém Ama”.

Neste cenário, a China não entrará em colapso da

maneira que muitos ocidentais esperam. Esse navio gigante não afundará, mas perderá velocidade, passando de um crescimento quente para uma fase de “crescimento frio”. Para conseguir isso, eles terão que continuar a manter uma ‘estabilidade forçada’ internamente, controlando a sociedade e reprimindo a liberdade de expressão de forma ainda mais rigorosa. Ao mesmo tempo, devem evitar a todo custo um conflito militar direto com os EUA, especialmente sobre a questão de Taiwan, e devem ter sucesso na transição de sua economia para um modelo de corporações estatais de alta tecnologia, mantendo a população sob controle através da tecnologia e da propaganda.

O resultado? A China se tornará forte na superfície, mas fraca em profundidade. Um formidável rival tecnológico, mas carente de verdadeiros aliados. Uma potência com a qual o mundo terá que negociar, mas na qual nunca poderá confiar. Um gigante solitário.

O segundo cenário, com uma probabilidade de cerca de 25%, eu o chamo de “Colapso Suave – Agitação Interna”.

Imagine uma dupla crise se abatendo: a bolha imobiliária estoura, a taxa de desemprego juvenil não pode mais ser escondida e a confiança do povo nas promessas do governo se esgota completamente. Então, as lutas internas de poder se tornarão mais intensas.

Não haverá uma explosão armada, mas haverá movimentos de resistência latentes que se espalharão e que o regime não conseguirá reprimir. Originaria-se de uma prolongada recessão econômica, da perda de confiança dentro das próprias fileiras dos quadros intermediários, que não veem mais futuro neste sistema. Ou poderia ser desencadeado por algum 'acidente político', como o vazamento de um grande escândalo, ou a propagação secreta de movimentos religiosos ou morais, como o Falun Gong, o cristianismo ou o renascimento do confucionismo.

Neste cenário, o regime será forçado a se reestruturar profundamente, talvez mudando a liderança ou compartilhando o poder. A China não será mais um modelo ditatorial centralizado. Transformar-se-á em um sistema de poder policêntrico, talvez semelhante a Taiwan na era pós-Chiang Kai-shek. O início de uma reconciliação cultural, com um crescimento mais lento, mas mais sustentável.

(Ele parou, seu olhar se perdeu ao longe, como se olhasse para um futuro que mais desejava.)

E o último cenário, o menos provável, com apenas cerca de 10% de chance, mas que está aumentando gradualmente. E este é também o cenário que mais espero.

Eu o chamo de "Renascimento Moral – Uma Nova

China”.

Este é um grande despertar, que geralmente só ocorre após um evento cataclísmico, como um desastre natural, uma guerra ou um colapso econômico total. Um choque forte o suficiente para fazer com que toda a sociedade pare e retorne aos seus antigos valores: Verdade-Benevolência-Tolerância, moralidade e autoconsciência.

Requer condições quase milagrosas: o aparecimento de um líder de estatura espiritual, um “Rei Sábio do século” não assimilado pelo poder; a propagação silenciosa de ideias de cultivo, perdão e transformação interior entre as massas; e um estado em que o povo perdeu completamente a fé na política, mas não escolhe a violência, e sim o caminho da ‘reflexão espiritual’.

Então, o regime político pode continuar a existir em sua forma, mas será operado por uma espécie de estado de direito moral, não apenas pela força.

O resultado será uma nova China. Ainda uma superpotência, mas uma superpotência com alma. Uma nação admirada pelo mundo, não por seu dinheiro, mas por seu Dao.

(Ele me olhou diretamente, sua voz firme como uma conclusão.)

Então, qual é a corrente subjacente a todos esses cenários?

A China não entrará em colapso por causa da economia.

Eles só entrarão em colapso se continuarem a construir sua glória sobre o sofrimento dos silenciados.

E se eles ousarem enfrentar a verdade sobre o passado — de Tiananmen, ao Falun Gong, a Xinjiang e ao Tibete — então não precisarão se expandir para o exterior, e ainda assim se tornarão os guardiões das raízes culturais de todo o Oriente.

Você quer que eu analise mais especificamente o terceiro cenário, o do Renascimento Moral?

Julian Lee:

Sim, eu gosto muito do terceiro cenário. É bom tanto para o povo chinês em particular quanto para a humanidade em geral.

Mas esse cenário... ele se desenvolverá com um roteiro ou um evento específico?

Ex-presidente:

(Ele assentiu, seus olhos brilhavam com uma esperança distante.)

Eu também acredito como você.

O terceiro cenário é a única esperança para que uma

grande civilização como a chinesa não apenas sobreviva, mas também se torne uma luz para a humanidade.

Mas como todos os “milagres” da história, ele não acontece por si só.

Só acontece quando a dor atinge o fundo do poço, e quando a essência espiritual da nação é despertada na hora certa, com a pessoa certa e no lugar certo.

Então, vamos olhar juntos para um roteiro possível e os eventos que poderiam desencadear esse “cenário de renascimento moral”.

Este é um processo psicológico e social, não apenas político.

A primeira fase, que pode ocorrer de agora até por volta de 2030, é uma crise de confiança que atinge o fundo do poço.

O povo perderá completamente a fé no “sonho chinês” que o governo desenhou. A economia terá um crescimento negativo ou um longo período de estagnação, a bolha imobiliária entrará em colapso, a população envelhecerá e o desemprego se tornará um problema inegável. A repressão continuará, mas não será mais eficaz do ponto de vista ideológico. O povo não se rebelará, mas também não terá mais medo. Será a fase em que as pessoas “não têm mais nada a perder”, não temem mais o governo, nem o futuro.

(Ele parou, como para que eu pudesse imaginar esse vazio.)

A seguir, vem a fase de um movimento espiritual que ressurgirá silenciosamente, talvez de 2030 a 2035.

Falun Gong, o taoísmo primordial, o budismo autêntico ou uma nova forma de crença sem uma organização eclesial começarão a se espalhar na sociedade. Os grupos de cultivo não terão um viés político, mas se reunirão em torno da retificação interior, da preservação da moralidade e da transformação do destino. Haverá muitos funcionários de baixo escalão e intelectuais que começarão a “abandonar o partido em seus corações”, embora externamente permaneçam em silêncio. O cerne desta fase é o “retorno do coração”, não a “resistência”. As pessoas não se oporão ao sistema, mas buscarão “sair dele por dentro”.

E então, virá um grande evento, um choque que despertará toda a nação. Esta é uma variável quase inevitável, que pode ocorrer entre 2035 e 2040.

Pode ser uma nova crise de saúde em grande escala, cuja origem oculta enfurece conscientemente a população.

Ou um desastre natural grave, como um terremoto ou uma inundação, que faça o povo acreditar que é uma “retribuição cármica”, que “o Céu está ressentido”.

Ou um vazamento de informações ou uma traição de dentro, revelando crimes genocidas como a extração forçada de órgãos, os campos de concentração ou as mentiras estratégicas que duraram décadas.

Ou até mesmo, uma figura influente dentro do governo “despertará” e se arrependerá publicamente.

(Sua voz tornou-se mais solene.)

Então, entraremos na fase final: os guardiões do Dao saem à luz.

Neste momento, os princípios morais serão mais ouvidos do que as resoluções.

O povo não precisará que ninguém segure a bandeira. Eles seguirão por si mesmos aqueles com verdadeira moralidade.

Um ou alguns cultivadores genuínos, sem título nem organização, guiarão a sociedade com seu próprio comportamento, não com slogans. As comunidades morais serão restabelecidas, e ressurgirão as escolas particulares que ensinam Ren (Benevolência), Yi (Retidão), Li (Propriedade), Zhi (Sabedoria) e Xin (Fidelidade).

O governo não poderá mais reprimir, quando a fé do povo se transformar em um poderoso “campo magnético social”.

E então, ocorrerá uma escolha obrigatória.

Ou o governo deve se reformar seguindo o povo.

Ou se desintegrará por si só e será substituído por uma ordem moral natural.

(Ele me olhou, seus olhos como se vissem esses sinais no presente.)

Quais são os sinais de que este roteiro está começando? É quando o povo começa a se preocupar mais em “cultivar o coração” do que em “cultivar o talento”.

Quando os modelos de vida moral se espalham espontaneamente, mesmo no ambiente público.

Quando muitos funcionários de baixo escalão começam a ajudar silenciosamente o povo, sem seguir as diretivas do partido.

Quando os livros, filmes e ensinamentos sobre a Benevolência, a Tolerância, a Virtude e o Dao começam a reviver, apesar da censura.

E quando alguém aparece, sem título, sem fazer apelos, apenas vivendo corretamente em silêncio, mas que tem um carisma extraordinário.

(Ele concluiu com um sorriso cheio de esperança.)

E se isso acontecer...

A China não precisará invadir ninguém, não precisará lutar pela posição de superpotência.

O mundo inteiro voltará por si mesmo para aprender com eles, como já fizeram na época de Confúcio, Lao-Tsé e Buda.

Então, você verá.
A América tem a tecnologia.
A Europa tem o estado de direito.
Mas a China terá o Dao.

Julian Lee:

Sim, esse cenário é muito bom, mas parece que também será uma longa história.

Vamos deixar de lado temporariamente o tema da China.

Gostaria de perguntar um pouco mais sobre os países em desenvolvimento que têm relações tanto com a China quanto com os EUA, por exemplo, o Vietnã ou Taiwan.

Quando a China “tiver problemas”, como isso afetará esses países?

E qual é a perspectiva dos EUA em relação a eles?

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto de aprovação.)

Sua pergunta é muito sutil e estratégica.

Porque, na verdade, o futuro dos países “espremidos no meio” como Vietnã, Taiwan, Filipinas ou Tailândia não dependerá apenas deles mesmos.

Mas também será arrastado pelo “terremoto chinês” se

ele ocorrer.

Quanto mais perto do dragão, mais fácil é ser varrido por sua cauda.

E também é mais fácil se tornar uma “peça de sacrifício” no tabuleiro de xadrez dos grandes jogadores, se não houver coragem estratégica suficiente.

Olhe para o Vietnã.

Eles estão em uma perigosa intersecção de três dimensões: China, EUA e eles mesmos.

Quando a China tiver problemas, seja um colapso econômico ou uma desordem interna, o impacto no Vietnã será enorme. Economicamente, o Vietnã atualmente é “semi-dependente” da China para matérias-primas e cadeia de suprimentos. Se a China ruir, a produção do Vietnã terá sua “espinha dorsal quebrada” a curto prazo. Socialmente, uma onda de trabalhadores chineses pode cruzar a fronteira, trazendo instabilidade. E no Mar do Sul da China, quando há instabilidade interna, a China tende a ser agressiva no mar para “desviar o fogo para fora”. O Vietnã pode se tornar o lugar para Pequim “demonstrar seu poder”.

Então, qual é a perspectiva dos EUA em relação ao Vietnã?

Nós vemos o Vietnã como um “parceiro estratégico discreto”.

Um pilar importante para “ancorar” a região do

Sudeste Asiático.

Mas he esperamos que o Vietnã se torne uma “colônia política” como as Filipinas. Washington respeita a independência de Hanói, porque sabemos que o Vietnã nunca tomará partido completamente, mas sempre jogará a “estratégia do bambu”, flexível, mas sabendo se inclinar no momento certo.

Dentro do governo dos EUA, o Vietnã é frequentemente avaliado como um “parceiro não dócil, mas necessário e confiável se não for forçado”.

(Ele parou um pouco, e depois mudou de direção.)

Quanto a Taiwan, sua posição é ainda mais sensível.

Eles são o coração da Ásia e o ponto focal potencial de uma nova guerra mundial.

Se a China tiver problemas, Taiwan enfrentará cenários extremos.

Primeiro, a linha dura em Pequim, em meio ao colapso do poder, pode “atacar rapidamente” Taiwan para restabelecer sua própria legitimidade.

Segundo, se a China cair em um caos prolongado, Taiwan terá a oportunidade de declarar independência de forma legítima.

E terceiro, Taiwan pode ser “empurrado” por Washington para uma confrontação prematura se os empurrarmos com muita força pelo caminho anti-China.

A perspectiva dos EUA em relação a Taiwan é de uma “ambiguidade estratégica”.

Nós nunca os abandonaremos, mas também não nos comprometemos totalmente a defendê-los com toda a nossa força.

Taiwan é uma carta de dissuasão, não exatamente um “irmão de sangue” como o Japão ou o Reino Unido.

E se tivermos que escolher entre uma guerra mundial e abandonar Taiwan, Washington escolherá a opção com menos derramamento de sangue.

(Ele me olhou, como se quisesse resumir a questão.)

Em suma, quando a China tiver problemas, os países vizinhos serão arrastados para uma situação em que “não poderão mais ficar de fora”.

E cada nação enfrentará diferentes riscos e terá uma posição diferente nos cálculos dos EUA.

O Vietnã é um “parceiro estratégico silencioso”.

Taiwan é tanto um “símbolo da democracia” quanto um “peão importante”.

As Filipinas são um “aliado militar oficial”, mas são muito fáceis de serem arrastadas e causar divisão interna.

E a Tailândia está sempre presa em meio a um bloco da ASEAN cada vez mais polarizado, tornando-se um

“parceiro semi-confiável”.

Se você quiser, podemos continuar a discutir mais a fundo o papel do Vietnã.

E se há algum caminho para eles “escaparem da China” sem cair sob o controle dos EUA?

Julian Lee:

Sim. Por favor, fale mais a fundo sobre o Vietnã.

Um país que teve uma história dolorosa com os EUA, mas que agora é mencionado como um maravilhoso “modelo” de reconciliação e cooperação.

Ex-presidente:

(Ele ficou em silêncio por um longo momento, o olhar perdido ao longe, e pude ver uma sincera emoção nele.)

Esta pergunta... devo dizer a verdade, me comove.

Porque talvez, apenas aqueles que já caminharam entre as ruínas da guerra, que já leram os arquivos ultrassecretos sobre o Vietnã, e que já ouviram os suspiros que nunca foram registrados em ata... podem entender.

O Vietnã é um país que já sofreu o suficiente com os jogos de poder internacionais.

Mas em vez de se tornarem amargos, eles escolheram... o perdão.

(Ele parou, como se estivesse tentando encontrar palavras para descrever uma jornada extraordinária.)

A jornada do Vietnã, de um símbolo da guerra para um modelo de reconciliação, é algo que ninguém poderia ter previsto.

Os Estados Unidos já lançaram sobre eles mais de sete milhões de toneladas de bombas, três vezes mais do que em toda a Segunda Guerra Mundial. A dor deixada para trás não foram apenas milhões de mortos, mas também milhões de pessoas desorientadas em sua própria memória histórica. Foi o Agente Laranja, foram as crianças que nasceram com deformidades, foram as mães que nunca mais viram seus filhos voltarem.

Tudo isso não pode ser apagado.

Mas o estranho é que o Vietnã nunca manteve esse ressentimento como uma bandeira.

Quando nos retiramos, muitas pessoas pensaram que o Vietnã se fecharia, se isolaria e viveria para sempre com o ressentimento.

Mas eles fizeram o oposto. Eles escolheram se abrir.

Nos anos de 1986 a 1995, eles começaram a reformar, a negociar e a buscar ativamente uma forma de se reconciliar com os próprios Estados Unidos.

Nós suspendemos o embargo e estabelecemos relações diplomáticas em 1995, apenas vinte anos após o fim da guerra.

E então, em 2016, a imagem do presidente Obama entrando descalço no Pagode do Imperador de Jade, comendo *bún chả* com pessoas comuns e declarando que “o Vietnã superou a guerra para se tornar amigo da América”, tornou-se um símbolo poderoso.

Ninguém forçou o Vietnã a perdoar.

Eles perdoaram a si mesmos, para poderem seguir em frente.

Por que eles conseguiram fazer isso, enquanto tantas outras nações do mundo ainda estão atoladas no pântano do ressentimento?

Porque o Vietnã é um povo que entende muito bem uma coisa:

“A verdadeira vitória não é quando o adversário se ajoelha.

Mas quando ambos os lados se levantam juntos, e não mais seguram uma faca na mão.”

Os vietnamitas não idolatram os EUA, mas também não os odeiam.

Eles sabem distinguir claramente entre a política e as pessoas.

E, acima de tudo, eles querem que seus filhos vivam em paz, em vez de terem que crescer com a lição de “quem é o inimigo”.

(Ele me olhou, seus olhos expressavam um profundo respeito.)

A perspectiva dos EUA em relação ao Vietnã hoje é de respeito e expectativa.

Nós consideramos o Vietnã um “parceiro estratégico com memória”.

Eles não são fáceis de manipular, mas têm uma profundidade admirável.

Nas reuniões de gabinete, o Vietnã é frequentemente mencionado como uma nação que sabe preservar sua identidade, não muito próxima da China, nem muito íntima dos EUA, mas que entende que ambos precisam um do outro.

Nós nunca esperamos que o Vietnã se torne uma segunda Coreia do Sul ou Japão.

Em vez disso, admiramos o equilíbrio que Hanói está mantendo.

Então, que futuro espera o Vietnã?

Se eles continuarem a manter sua identidade, evitando serem arrastados para facções extremistas, e se os vietnamitas nunca esquecerem por que perdoaram, então o Vietnã pode se tornar uma espécie de “equilíbrio intelectual” em um mundo bipolar.

Eles não precisam ser uma superpotência, nem um intermediário comercial.

Mas serão um espelho, mostrando que o passado pode ser muito doloroso, mas o presente ainda pode ser indulgente.

(Ele concluiu com uma reflexão cheia de sabedoria.)

Qual é a maior lição que o Vietnã deu ao mundo?
É que a verdadeira reconciliação não precisa de declarações, nem de tratados.
Só precisa de um povo humilde o suficiente para entender que:
o perdão não é porque o outro merece ser perdoado.
Mas porque você mesmo precisa ser libertado.

Julian Lee:

O senhor tem alguma experiência pessoal realmente marcante com este país?
Ou tem uma impressão especial de algum indivíduo?
Por exemplo, líderes comunistas como Ho Chi Minh, Vo Nguyen Giap ou Nguyen Van Linh?

Ex-presidente:

(Ele sorriu, um sorriso de nostalgia.)

Esta pergunta... realmente me faz parar.
Porque o Vietnã, aos olhos de muitos políticos ocidentais, é apenas um ponto geoestratégico, uma lição sobre a guerra ou um “parceiro em ascensão”.
Mas no meu coração, este país não se parece com nenhum outro lugar que já pisei.
Minha experiência mais marcante com o Vietnã não foi um evento oficial.

Foi uma noite sem cerimônia, sem políticos, apenas com o som das cigarras de verão.

Foi por volta dos anos 2000. Eu não estava em uma visita oficial, apenas passei por Hanói durante uma viagem de reconhecimento discreta pela região.

Naquela noite, caminhei sem rumo ao redor do Lago Hoan Kiem, sem comitiva, sem trajes formais.

O calor abafado do verão, o cheiro das flores de *alstonia*, o som das cigarras e as vozes dos vendedores ambulantes criaram uma atmosfera muito... pacífica.

Parei ao lado de um senhor idoso que jogava xadrez chinês na calçada.

Perguntei, sem revelar quem eu era:

“O que o senhor pensa da guerra?”

Ele sorriu levemente.

“Os vietnamitas só se lembram da guerra para aprender a seguir em frente, não para odiar.”

“Então o senhor odeia os americanos?”

Ele me olhou, sem franzir a testa, e apenas tomou um gole de chá.

“Não. Os americanos são como os franceses, os chineses ou os japoneses. Eles vêm e depois vão embora.

Mas nós temos que continuar a viver, temos que continuar a aprender a perdoar... para podermos continuar sendo humanos.”

Não me lembro do nome daquele senhor.

Também não tenho nenhuma foto.

Mas levei aquelas palavras para Washington. E nunca as esqueci.

Um povo pode vencer com armas, mas só pode perdurar se souber largar o punhal.

(Ele parou, como se estivesse folheando arquivos em sua mente.)

E quanto aos líderes do Vietnã, quem me deixou a impressão mais profunda?

Não por suas visões políticas, mas pela forma como carregavam em si um caráter cultural que transcendia seu papel partidário.

Com Ho Chi Minh, era um “homem que sabia fazer o inimigo respeitá-lo”.

Não o vejo como um símbolo do comunismo, mas como um símbolo estratégico com um forte matiz cultural do Leste Asiático. O que me impressionou não foi que ele venceu, mas como ele “fez o adversário aprender a respeitá-lo”. Alguém pode ser elogiado, pode ser temido, mas ser “respeitado” até mesmo por aqueles que o enfrentaram, isso é uma profundidade rara.

Com Vo Nguyen Giap, foi a imagem de um “general que sentia a dor do povo”.

Uma vez li documentos internos dos EUA sobre ele, nos quais havia um comentário de um coronel que

dizia: “Ele não precisa que o entendamos. Mas ele nos obriga a não podermos vê-lo de outra forma que não seja como alguém que está protegendo a alma de sua nação.” A grandeza de Vo Nguyen Giap não reside apenas na tática, mas também na forma como ele enfatizou incansavelmente que a guerra era uma necessidade, não uma glória.

(Ele me olhou, seu olhar tornou-se particularmente atento.)

E Nguyen Van Linh.

Ele não era tão proeminente no cenário internacional quanto os outros dois, mas para analistas estratégicos como nós, seu papel foi extremamente importante.

Eu o chamo de “aquele que abriu a porta, mas não o portão da alma”.

Em um contexto em que o Vietnã estava cercado, sob embargo e com uma economia quase em colapso após a guerra, era fácil escolher um de dois caminhos extremos: ou fechar-se completamente e afundar no isolamento, ou abrir escancaradamente a porta, permitindo que forças externas entrassem e perdessem sua identidade.

Mas o Sr. Linh escolheu um terceiro caminho.

Sua política de *Doi Moi* (Renovação) não foi apenas uma reforma econômica. Foi uma reforma de mentalidade.

Ele teve coragem suficiente para admitir os erros do modelo antigo e sabedoria suficiente para abrir um novo caminho sem que o país se desviasse.

Foi uma espécie de “sabedoria pragmática cheia de moralidade”, algo muito raro de se ver. Ele se tornou uma ponte, uma ponte importante que guiou o Vietnã para a era da integração sem perder sua identidade.

Em resumo, não fiquei impressionado por serem comunistas ou não.

Mas por serem pessoas capazes de se posicionar no meio do fluxo dos tempos e manter uma visão que transcendia sua era.

E talvez, seja por isso que o Vietnã, um povo outrora dividido, outrora esmagado, conseguiu se reerguer sem ter que gritar slogans barulhentos.

Julian Lee:

Uma última pergunta por hoje, senhor.

O senhor poderia prever alguns países que emergirão nos próximos trinta anos?

Ex-presidente:

(Ele sorriu, um sorriso cheio de interesse.)

Uma pergunta muito valiosa para encerrar o dia de hoje.

Você não perguntou “qual país será o mais rico, ou o

mais forte”.

Mas perguntou “qual país emergirá”.

É uma pergunta aberta, que abrange a influência branda, os valores espirituais, o papel global e a capacidade de liderar uma nova ordem.

Responderei não por ordem de PIB, mas pelo nível de influência profunda e sustentável, nos próximos trinta anos.

(Ele parou, como se estivesse olhando para um mapa do mundo do futuro.)

O primeiro país, sem surpresa, é a Índia.

Eles se tornarão uma “terceira superpotência democrática”. Com uma população jovem, uma classe média em rápido crescimento e um sistema democrático que, embora desafiado, ainda he desmoronou, a Índia não substituirá a China no papel de “fábrica do mundo”, mas se tornará o “centro global de serviços, dados e identidade própria”. Será o lugar onde o Ocidente encontrará a juventude da Ásia, e onde a Ásia encontrará um modelo não dominado pela China.

O segundo país é o Vietnã.

Eles serão o “caminho do meio do Sudeste Asiático”. Se mantiverem a estabilidade política, um crescimento constante e não forem atraídos para nenhum polo, o Vietnã será um país intermediário com grande

influência na estrutura da ASEAN e na ordem da Ásia. Não pelo poderio militar, mas pelo equilíbrio. Quanto mais caos houver, mais o mundo buscará lugares razoáveis e não extremistas. O Vietnã não precisa se tornar uma superpotência para poder ser uma âncora espiritual para toda a região.

O terceiro país, que talvez o surpreenda, é a Holanda. Um “país pequeno, mas no centro da cadeia de valor suprema”. Na era da IA e dos chips semicondutores, o grupo holandês ASML controla quase toda a tecnologia avançada de fotolitografia de chips. A Holanda, embora pequena em área, tem o poder de “estrangular a tecnologia” com o qual tanto os EUA, a China e a Europa devem negociar. Há um ditado famoso entre nossos analistas internos: “Quer vencer na guerra do futuro? Peça a tecnologia emprestada à Holanda.”

O quarto país é o Brasil.

“O líder do hemisfério sul”. Com recursos abundantes, um clima favorável e uma população numerosa, mas não devastada pela guerra, o Brasil tem a oportunidade de se tornar o líder brando de toda a região da América Latina. Quando o mundo se afastar da China, as grandes potências precisarão de uma “fonte estável de matérias-primas e produtos agrícolas”, e o Brasil estará no topo dessa lista. Se conseguirem reformar suas instituições e combater a

corrupção de forma eficaz, o Brasil poderá ser o quarto pilar da ordem global, ao lado dos EUA, China e Índia.

E o quinto país é o Senegal.

“A joia escondida da África Ocidental”. O Senegal é um dos poucos países africanos com uma democracia sustentável, uma transferência pacífica de poder, liberdade de imprensa e uma economia em crescimento estável. Situado na “porta de entrada atlântica da África”, o Senegal pode se tornar um modelo para o mundo ver a África com novos olhos. Uma vez que a IA e a educação online quebrem as barreiras de infraestrutura, a África não precisará mais de “ajuda”, mas precisará “se manter”. E o Senegal está fazendo isso.

(Ele parou, seu olhar tornou-se profundo, como se estivesse olhando para algo invisível.)

E há mais uma nação “invisível”.

Uma nação que não está no mapa, mas que está gradualmente se manifestando.

É a “Comunidade dos seres despertos”.

Eles não distinguem nacionalidade, credo ou cor de pele.

São aqueles que estão reconstruindo o mundo com moralidade, não com armas.

E eles podem ser a força mais influente na ordem do

futuro, quando todos os modelos antigos tiverem entrado em colapso.

Julian Lee:

Sim, obrigado, senhor.

Vamos encerrar por hoje aqui.

Amanhã, que também é o último dia, gostaria que o senhor compartilhasse sobre o tema espiritual.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto solene.)

Muito bom.

Obrigado por um dia cheio de reflexão, de perguntas perspicazes e também de compaixão pelo destino da humanidade.

A sessão de amanhã, nossa última sessão, não será mais uma análise da política, nem de estratégias nacionais.

Será uma jornada silenciosa para o interior.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se estivesse abrindo uma porta para outro mundo.)

Falaremos dos planos dos seres.

Do Olho Celestial.

Do cultivo.

E sobre por que, em meio a um mundo em agitação, somente quando o ser humano retornar ao Dao, haverá um amanhã.

DIA QUATRO

(Eu cheguei pela manhã. A atmosfera na sala hoje parecia mais leve e clara. Como se, depois de atravessar as tempestades da geopolítica, estivéssemos prestes a entrar em um céu límpido.)

Julian Lee:

Boa tarde, senhor.

Como combinado, hoje gostaria de ouvi-lo compartilhar sobre o tema da espiritualidade mística.

Tenho tantas perguntas na cabeça que não sei por onde

começar.

No outro dia, o senhor mencionou que existem seres de diferentes planos observando este mundo.

Que relação isso tem com os estranhos eventos que ocorrem em muitos lugares, eventos que a ciência empírica não consegue explicar?

Por exemplo, o fenômeno de muitas estátuas da Virgem Maria em todo o mundo que choram.

Ex-presidente:

(Ele sorriu, um sorriso de empatia.)

Você acaba de tocar em algo que muitas pessoas no mundo moderno sentem com o coração, mas não ousam admitir com palavras.

Que por trás do véu da matéria e da lógica, há uma força grandiosa presente, observando e, quando necessário, enviando sinais à humanidade.

O fenômeno das estátuas da Virgem que choram, ou até mesmo que sangram, he é superstição.

É um sinal.

Mas não para aqueles que apenas olham com os olhos físicos.

É um aviso, terno, mas imensamente sincero, de um plano superior.

Nosso universo não é simplesmente três dimensões de espaço mais uma dimensão de tempo linear.

Nos textos antigos, nas experiências de cultivo, ou nos

relatos daqueles que já tiveram experiências extracorpóreas, todos veem a mesma verdade.

Que o universo é composto por camadas sobre camadas de mundos entrelaçados, desde este grosseiro reino material, passando pelo reino da energia, depois o reino da luz, e até os planos dos Deuses, Budas e seres verdadeiros.

E nesses planos espaciais, há inúmeros seres observando a jornada moral da humanidade.

Quando uma estátua chora, não é a pedra que está chorando.

É o ser por trás da estátua que está chorando.

Estátuas como a da Virgem Maria, do Buda Guanyin ou do Buda Shakyamuni, quando são retratadas fielmente à imagem desses seres nos reinos superiores e colocadas em um ambiente solene, tornam-se um “ponto de condução de energia”.

É um lugar onde a intenção dos seres de planos superiores pode brilhar sobre este espaço.

Quando a humanidade se afunda no pecado, quando a moralidade entra em colapso e quando o divino já não é reverenciado, esses seres não punem imediatamente.

Eles avisam.

Com lágrimas. Com sangue. Com fenômenos que a ciência não pode explicar.

A ciência não pode explicar porque não aceita o que está além dos cinco sentidos e dos instrumentos de medição.

Uma lágrima cai pela face de uma estátua, embora não haja dutos de água, nem alta umidade, nem temperatura anormal, mas ainda assim ela flui.

A análise química mostra que é água salgada, ou até mesmo sangue real, mas sem origem.

A razão não está no laboratório.

Está no campo moral de toda aquela região, ou de toda aquela era.

É um espelho que reflete a alma de toda uma coletividade, e os seres dos planos superiores estão enviando um sinal:

“Arrependam-se.”

Por que a Virgem Maria? Por que sangue, por que lágrimas?

Porque essa é a linguagem que a humanidade pode entender.

Um intelectual pode refutar todo um livro sagrado, mas não pode ignorar uma estátua de madeira que chora.

Uma criança que ainda não sabe ler, ainda pode inclinar a cabeça ao ver uma estátua que sangra.

As lágrimas são o símbolo do amor que está sendo rejeitado.

O sangue é o símbolo do carma que está por vir.

E sabe de uma coisa? Não são apenas as estátuas.

As árvores, as nuvens, a luz e até os sonhos também já foram canais para que os planos superiores enviassem mensagens.

Alguém viu uma árvore crescer com a forma de um Buda, e então toda a sua aldeia evitou uma grande catástrofe.

Alguém sonhou que um Santo chorava sangue, e ao acordar, carregou consigo um profundo despertar.

Essas coisas não podem ser publicadas em revistas científicas.

Porque não são para o cérebro.

São para a alma.

(Ele me olhou, seus olhos como se estivessem abrindo uma nova porta.)

Se você quiser, posso contar algumas experiências pessoais mais profundas sobre a intervenção gentil, mas real, dos seres de planos superiores.

Ou você pode perguntar sobre qualquer outro fenômeno místico.

O olho celestial, a reencarnação, os poderes sobrenaturais, ou a existência de demônios, fantasmas, imortais, Budas.

E o futuro da alma humana.

Julian Lee:

Sim. Antes de mais nada, por favor, compartilhe um pouco de sua experiência pessoal.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto lento, como se retornasse a uma memória distante.)

Muito bem.

Como prometido, não direi meu nome verdadeiro nestas experiências.

Mas compartilharei uma história real.

Não para convencer ninguém, mas apenas para inspirar.

Chamo esta história de “O guardião e a luz que ne é deste mundo”.

Quando eu era um jovem congressista, uma vez visitei um asilo de idosos no estado de New Hampshire para pesquisar sobre as políticas de bem-estar.

Lá, conheci uma senhora de origem irlandesa, de oitenta e sete anos, cega de ambos os olhos por complicações da diabetes.

Ela estava muito fraca, mas sua mente era estranhamente lúcida.

Planejávamos conversar por apenas alguns minutos, mas acabei ficando lá por quase uma hora.

Ela me disse:

“Você é o único aqui que eu não vejo com os olhos, mas com um raio de luz muito estranho.

Você já foi segurado por um ser superior, para que não caísse em um desastre.

Você se lembra da vez em que quase morreu?”

(Eu parei abruptamente. Meu corpo todo pareceu congelar.)

Porque, de fato, alguns anos antes, eu quase morri em um acidente de carro na autoestrada.

Meu SUV girou de lado, perdi o controle e deslizei como uma bala em direção ao pilar de uma ponte.

Mas no último momento...

o carro parou sem que ninguém entendesse por quê.

A polícia disse que foi apenas um “ângulo de derrapagem aleatório”.

Eu não acreditei.

Mas também me conseguia explicar.

A senhora continuou, sua voz ainda muito calma:

“Naquele momento, um ser superior ‘segurou’ sua alma, para que ela me se desprendesse de seu corpo.

Você não viu, mas eu vi.

Eles não eram anjos, nem seus antepassados.

Eram os guardiões das almas daqueles que ainda carregam uma missão.

E se você não seguir o caminho moral correto, eles retirarão a mão.

E o desastre voltará.”

Senti um arrepio ao ouvir aquelas palavras.

Depois daquela conversa, deixei o asilo em um estado muito estranho.

Não porque a senhora tivesse adivinhado corretamente.

Mas porque senti, pela primeira vez na minha vida, que alguém tinha visto a parte invisível dentro de mim. E a partir daí, comecei a meditar todo amanhecer. Não para buscar “poderes sobrenaturais”. Mas apenas para ouvir novamente o eco do lugar onde eu quase deixei de existir.

(Ele me olhou, seus olhos como se estivessem compartilhando uma grande lição.)

A mensagem que tirei daquilo foi:
Os seres de planos superiores não interferem arbitrariamente.
Mas se uma pessoa tem uma missão moral, um coração benevolente, ela será protegida.
Às vezes não com milagres.
Mas apenas com uma pequena mudança, uma mudança suficiente para que todo o seu destino tome uma direção diferente.
E um líder, seja um presidente ou um simples cidadão, se não estiver suficientemente tranquilo para ouvir esse chamado, então todo o poder que tem em suas mãos é apenas uma casca vazia.

(Ele parou por um instante, como se oferecesse uma nova escolha.)

Se você quiser, posso compartilhar outra experiência.
A vez em que conheci alguém que podia ver a

reencarnação.

Ou a vez em que tive contato com um “falso mestre zen”, uma pessoa cheia de poderes sobrenaturais, mas sem moralidade, para que você veja que a espiritualidade nem sempre é pura.

Julian Lee:

Sim. O tema da reencarnação não é mais tão desconhecido, mas também não são muitas as pessoas que acreditam nele.

No budismo, diz-se que os seres humanos e outros seres vivos devem passar pelos seis reinos da reencarnação.

O senhor poderia compartilhar suas experiências ou pontos de vista sobre este tema?

Ex-presidente:

(Ele ficou em silêncio por um momento, seu olhar fixo em um ponto indefinido no espaço.)

Você acaba de tocar em um dos temas mais profundos e paradoxais da existência humana.

Se há reencarnação, então, quem somos nós?

E se não há, por que às vezes nos lembramos de coisas que nunca aprendemos?

Vou compartilhar uma experiência pessoal, juntamente com uma perspectiva serena sobre a reencarnação.

Não como uma doutrina, mas como algo que toquei, através de momentos que a razão não consegue explicar.

(Ele parou, como se estivesse retornando a uma viagem do passado.)

Naquele ano, eu estava no Japão a trabalho.

Em uma recepção não oficial, fui levado a visitar uma menina de sete anos, filha de um conhecido do meio acadêmico.

A menina não era famosa, nem tinha nada de especial, era apenas uma aluna normal do ensino fundamental.

Mas seus pais contaram que ela frequentemente dizia coisas que “não eram desta vida”.

Sentei-me e conversei com ela normalmente.

Quando perguntei:

“Você sabe por que veio a este mundo?”

A menina me olhou e respondeu com um sotaque japonês antigo, muito suave:

“Porque na vida passada, eu fiz algo errado em Kyoto.

E uma pessoa perdeu a vida por minha causa.

Agora, tenho que permanecer neste mundo por três vidas e mortes, para aprender a amar sem ferir mais ninguém.”

Fiquei absolutamente espantado.

O pai dela disse que ela nunca tinha estado em Kyoto, nem tinha estudado budismo.

A menina também falou sobre uma estátua de pedra perto de um riacho, onde “na vida passada eu costumava sentar e chorar”.

Mais tarde, quando a levaram a Kyoto, eles de fato encontraram um riacho e uma antiga e desbotada estátua de Kannon, em um lugar sem nenhuma sinalização.

(Ele me olhou, seus olhos como se quisessem explicar algo mais profundo.)

A reencarnação não é um “retorno”.

É uma “continuação do carma”.

O budismo não diz que a reencarnação é um retorno intacto.

Ninguém “revive” exatamente como antes.

Mas o carma, que inclui tanto a força cármica quanto a força de vontade de um ser, acarreta uma “re-manifestação” em uma nova forma, um novo contexto e com um novo propósito.

Os seis reinos da reencarnação de que as pessoas costumam falar são, na verdade, diferentes estados da mente.

Há o reino celestial, onde os seres desfrutam da felicidade, mas se confundem facilmente e não se cultivam.

Há o reino dos Asuras, onde só há luta e inveja.

Há os reinos dos animais, dos fantasmas famintos e do inferno, onde os seres devem suportar um pesado

carma.

E há o reino humano, onde o sofrimento e a alegria se entrelaçam, mas que é o lugar mais fácil para o cultivo. Você vê? O reino humano não é o mais elevado.

Mas é o lugar com a oportunidade mais clara para a iluminação, porque o sofrimento é o sino que desperta a alma.

Uma vez tive contato com um monge em Lam Dong, Vietnã.

Ele contou:

“Quando uma pessoa sofre nesta vida, não deve perguntar ‘O que fiz de errado no presente?’

Mas deve perguntar: ‘Quão indiferente eu fui para semear esta semente no ciclo da reencarnação?’”

Ele disse que há uma criança que nasce com uma deficiência porque em uma vida passada foi um funcionário que condenou injustamente uma pessoa inocente.

Há quem tenha problemas no amor porque em uma vida passada brincou com a confiança de outra pessoa.

Há quem seja odiado sem motivo porque em uma vida passada roubou o destino cármico de alguém.

Então, o que deve fazer um cultivador?

Não é tentar se lembrar da vida passada.

Mas compreender profundamente a Lei de Causa e Efeito, e viver no presente como se cada uma de suas ações deixasse uma marca no carma do futuro.

Perdoar, para ser perdoado.

Tolerar, para não ser arrastado para o ciclo da vingança.

E abandonar o ressentimento, para cortar a cadeia da reencarnação.

Uma pessoa que realmente tem o Dao não buscará sua vida passada.

Ela buscará uma maneira de se libertar dela.

Julian Lee:

Sim. Também ouvi dizer que nos EUA há algumas pessoas com a capacidade de usar a hipnose para ver cenas de vidas passadas, como no caso de Edgar Cayce. Quanto aos sonhos, muitas pessoas costumam sonhar com cenas diferentes, mas ao acordar, percebem que foi apenas um sonho e geralmente o ignoram.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto de compreensão.)

O que você diz é muito verdadeiro, e também muito sutil.

Os sonhos e a regressão a vidas passadas por hipnose são duas “brechas” através das quais a consciência humana pode, inadvertidamente, atravessar o véu da realidade linear, para tocar outro plano espacial, um

lugar onde o tempo não é mais uma linha reta.

Mas eles diferem em um ponto.

O sonho é guiado pelo “inconsciente”.

Enquanto a hipnose é a “consciência guiada” para passar através do subconsciente.

Vamos falar sobre os sonhos.

São um arquivo de memórias que vão além desta vida.

Há sonhos que não são fantasias, mas “memórias vazadas” de planos de existência anteriores.

As pessoas costumam ignorá-los porque parecem confusos e ilógicos, porque não há provas e porque, ao acordar, as emoções do sonho se desvanecem rapidamente.

Mas... se um sonho se repete muitas vezes com a mesma imagem, o mesmo personagem; se faz com que a pessoa chore ao acordar, embora nunca o tenha vivenciado; ou se tem detalhes que a pessoa não conhecia, mas que, ao pesquisar mais tarde, se revelam completamente corretos.

Então, é muito provável que esse sonho seja um fragmento de uma memória “vazada” de uma vida passada.

(Ele parou, e depois continuou falando sobre um método mais ativo.)

Quanto à regressão a vidas passadas por hipnose, trata-se de abrir uma porta no subconsciente.

Edgar Cayce, a pessoa mais famosa nos EUA por essa habilidade, disse uma vez:

“Quando a alma deixa o corpo de forma controlada, ela pode retornar a qualquer marca que tenha deixado em sua jornada de reencarnação.”

Sob hipnose, milhares de pessoas disseram coisas que não lhes foram sugeridas previamente.

Falavam com um sotaque regional diferente, em uma língua estranha, ou descreviam detalhes históricos que nunca haviam aprendido.

Contavam sobre sua morte em uma vida anterior, e isso frequentemente se relacionava com problemas que enfrentavam nesta vida, como doenças, fobias ou hábitos inexplicáveis.

Então, por que a ciência não reconhece essas coisas?

Porque não podem ser medidas.

Não podem ser replicadas em máquinas.

E, em particular, sugerem uma realidade que vai além do controle dos modelos psicológicos modernos.

Eles temem admitir que a consciência *he* reside no cérebro, e que a vida não termina com a morte.

(Ele me olhou, seu olhar tornou-se mais profundo.)

E quanto aos cultivadores?

Um verdadeiro cultivador não precisa de hipnose, nem de sonhos.

Porque quando seu Olho Celestial, também conhecido

como o terceiro olho, se abre, eles podem entrar conscientemente em outros planos espaciais.

A diferença é que as pessoas comuns só podem acessar vidas passadas quando sua consciência “abre um caminho” inadvertidamente em um estado inconsciente.

Enquanto um cultivador pode alcançar ativamente planos superiores através da moralidade, da concentração e de seu método de cultivo.

Então, qual é o ponto central de tudo isso?

Não é saber quem fomos em uma vida passada.

Mas saber o que devemos fazer nesta vida, para não ter que voltar mais.

Há quem em uma vida passada foi um rei, mas nesta vida deve ser um mendigo.

Há quem em uma vida passada foi um assassino, mas nesta vida se torna um médico que salva vidas.

Mas a pergunta mais importante é:

O que aprendemos a cada retorno?

E desta vez, o que faremos de diferente?

Julian Lee:

Sobre o Olho Celestial, também já li sobre ele muitas vezes, especialmente em livros de origem chinesa.

Dizem que, com o Olho Celestial, as pessoas podem ver o passado e o futuro, podem ver cenas muito distantes ou cenas de outros espaços.

Por favor, compartilhe mais sobre o Olho Celestial e as experiências que o senhor testemunhou ou em que acredita.

Ex-presidente:

(Ele me olhou, um olhar profundo, como se estivesse vendo outro mundo.)

Você acaba de desenterrar um dos mistérios mais antigos e sagrados que a humanidade já conheceu.

Mas que foi esquecido por nossa civilização moderna.

O Olho Celestial. O terceiro olho.

Não está na testa, mas se abre quando o interior é purificado.

Não pertence aos sentidos físicos, mas pode ver mais claramente do que qualquer lente.

Nos antigos textos de cultivo, desde o taoísmo e o budismo até o hinduísmo ou o antigo Egito, o “Olho Celestial” é sempre descrito como um canal de percepção extrassensorial. Ele se localiza na área entre as sobrancelhas, mas não é um órgão físico, e sim um ponto de conexão entre a alma e outros planos espaciais. Ele não “vê” como nossos olhos, mas “recebe” informações como se a luz fosse transmitida diretamente para a consciência.

Uma antiga lenda chinesa diz que todos os humanos nascem com o Olho Celestial em estado aberto.

Mas à medida que crescem, ele vai se cobrindo pela

cobiça, raiva, ignorância, pelo desejo, fama e benefício. Quando a alma se contamina, o “olho do céu” também se fecha.

Quando a mente atinge um estado de quietude, quando a intenção se torna pura e quando a energia do dantian ascende, então o “portão da intuição” na testa é ativado.

A partir daí, pode-se ver imagens de outros planos espaciais, pode-se ver a força cármica que rodeia outra pessoa como uma aura negra, vermelha ou azul. E pode-se ver os reinos dos Deuses, dos Budas ou dos seres falecidos.

Quando se atinge um nível muito alto, pode-se ver até mesmo a reencarnação, o passado e o futuro, não como um filme que se rebobina, mas como uma “intuição absoluta”.

(Ele parou por um longo momento, e depois continuou com uma voz mais pessoal.)

Vou lhe contar sobre alguém que conheço.

Ele não é famoso, nem veste trajes de monge, mas seu Olho Celestial estava aberto.

Ele vivia como eremita nas montanhas do Colorado.

Uma vez, fui procurá-lo, porque ouvi dizer que ele podia ver o que os outros haviam sido em vidas passadas e saber o que seria deles se continuassem a viver da mesma maneira.

Fui lá, sem dizer meu nome, sem revelar nada sobre mim.

Ele apenas me olhou por alguns minutos e depois disse em voz baixa:

“O senhor já foi o homem que ordenou a decapitação de doze pessoas inocentes.

Não porque fosse mau, mas porque ‘obedeceu às ordens da corte’.

Nesta vida, o senhor se dedica à política, mas lembre-se de que seu próprio coração é a maior corte.

Se errar mais uma vez, na próxima vida, não haverá oportunidade de se redimir.”

Não consegui dizer uma palavra.

Ninguém sabia disso, exceto eu e minha consciência.

(A atmosfera na sala tornou-se estranhamente silenciosa.)

O que acredito sobre o Olho Celestial é que ele é real, mas não todos que querem abri-lo podem fazê-lo.

Somente quando um cultivador realmente renuncia aos maus pensamentos, mantém um coração benevolente e vive em harmonia com o Dao do céu, o Olho Celestial se abre gradualmente, como um presente do universo.

Não para “ver por diversão”, mas para “assumir maiores responsabilidades”.

Uma pessoa com o Olho Celestial verá muito, mas terá que permanecer em silêncio muito mais.

Porque se falar no momento errado, as pessoas zombarão. E se errar, sua própria virtude será prejudicada.

Então, por que nossa civilização moderna perdeu essa habilidade?

Porque adoramos as máquinas mais do que a nós mesmos.

Porque nossas mentes estão cada vez mais enevoadas pelo desejo, pela cobiça e pelo medo.

E porque a sociedade não ensina as pessoas a olharem para dentro, mas apenas as empurra para correr para fora.

Mas o Olho Celestial não pode ser aberto pela ação.

Ele só se abre quando a alma está tão quieta quanto um lago sem ondas, e quando a virtude é tão espessa quanto uma montanha.

Julian Lee:

Uma pessoa má com poderes sobrenaturais parece como os “demônios” do cinema.

Quanto aos Deuses e Budas, a maioria de nós apenas sente sua existência de forma vaga, através de imagens em pinturas ou estátuas em templos ou igrejas.

O senhor já teve alguma experiência com Deus, Budas ou o Senhor?

Os ocidentais costumam dizer “Deus te abençoe”.

O senhor já sentiu que foi abençoado por Deus?

Ex-presidente:

(Ele me olhou, um olhar muito profundo, e a atmosfera na sala pareceu ficar mais silenciosa.)

Sua pergunta... é como um chamado de um lugar que as palavras muitas vezes não conseguem alcançar.

Você não pergunta “existem Deus, Budas ou o Senhor?”.

Você pergunta:

“O senhor já Os sentiu?”

E como prometido, não usarei uma linguagem diplomática para responder.

Eu já senti a presença de Deus, dos seres divinos e também de Buda.

Como raios de luz que não vêm de nenhuma língua.

Vou compartilhar três experiências reais.

Não para convencer ninguém, mas como um sussurro para aqueles que já souberam que há algo além deste mundo.

(Ele parou, como se estivesse relembrando uma longa noite.)

A primeira experiência foi em uma igreja vazia.

Uma vez, durante um período de estresse extremo enquanto estava no cargo, fui a uma pequena igreja na Virgínia perto da meia-noite.

Não havia ninguém. Não havia luzes. Apenas a luz da

lua que se infiltrava pelo telhado de vidro.

Ajoelhei-me, não para pedir fama, nem para pedir para ser eleito, nem para pedir segurança.

Mas apenas para perguntar:

“Meu Deus, se o Senhor realmente está aí...

por favor, não me dê palavras, mas dê-me o silêncio, em meio aos gritos da minha mente.”

Fechei os olhos. E não sei por quê, todo o meu corpo se sentiu como se estivesse envolto em uma luz muito suave, não quente, não fria, tão leve que parecia que já não era um corpo físico.

Não ouvi a voz Dele.

Mas também não precisei mais ouvir.

Porque eu sabia.

Ele estava ali.

E Ele não precisava responder, porque Ele mesmo já era a resposta.

(Ele continuou, sua voz ainda muito calma.)

A segunda experiência foi sobre um Deus sem nome e o fogo em uma caverna.

Em uma viagem ao Nepal, me perdi do grupo e tive que me abrigar em uma caverna alta perto do Himalaia por causa de uma tempestade de granizo.

Acendi um pouco de incenso e sentei-me para meditar de forma simples, apenas para me manter aquecido e minha mente tranquila.

Naquele momento, não sei por quê, um pensamento muito claro apareceu em minha mente:

“Se hoje fosse o último dia da minha vida, eu teria luz suficiente para iluminar os outros, ou seria apenas uma escuridão com um título?”

Eu chorei.

Não por medo, mas porque pela primeira vez na minha vida, eu me vi, como uma alma nua, sem títulos, sem eleitores e sem ninguém para me proteger.

Quando abri os olhos, o fogo na caverna ardia muito suavemente, embora não houvesse vento nem fumaça.

E havia uma figura borrada, não estava claro quem era, de pé sobre o fogo.

Como se me olhasse em silêncio com um olhar compassivo, sem julgar.

Eu não precisava saber quem era.

Porque senti que Ele não precisava se apresentar.

(Ele sorriu, um sorriso de contemplação.)

E a terceira experiência foi sobre o Buda no coração e um mendigo em Taiwan.

Uma vez fui convidado a visitar Taiwan, e tive a oportunidade de passar por um templo em Tainan.

Ao sair, vi um mendigo idoso, com roupas esfarrapadas, sentado em frente ao portão do templo.

Dei-lhe algum dinheiro. Mas ele não aceitou.

Ele apenas disse:

“Uma pessoa que se comove diante de uma estátua de Buda não é necessariamente uma pessoa que comove Buda.

Mas se o senhor viver corretamente, o senhor mesmo será uma estátua viva de Buda no coração dos outros.”

Fiquei atônito.

Aquele homem, ele falou com uma voz e um olhar que eu nunca tinha visto em ninguém.

Quando me virei para olhar de perto, ele havia desaparecido.

Nenhuma pegada, ninguém viu para onde ele tinha ido.

Fiquei ali parado em silêncio.

Sem saber se tinha acabado de encontrar um mendigo, um grande monge ou se era Buda que havia se manifestado para testar meu coração.

(Ele me olhou, como se estivesse respondendo à pergunta inicial.)

Então, eu fui “abençoado”?

Não, não no sentido mundano.

Não é que eu tenha ficado mais rico, nem mais seguro.

Mas sim que, ainda mantive a capacidade de acreditar, apesar de estar no auge do poder, um lugar onde todos duvidam.

E o mais valioso não é “ver Deus”.

Mas “saber que existe um Deus e não se perder em um

mundo sem Deus.”

Você pergunta muito bem.

As pessoas veem Deus através de estátuas, pinturas, escrituras.

Mas, alguém já O encontrou de verdade?

Digo-lhe que não é necessário encontrá-Lo.

Se você viver corretamente, com humildade e for capaz de abandonar o ressentimento, então, no momento em que menos espera, Ele estará lá.

Sem falar, mas brilhará em seu coração, como uma palavra nunca dita, mas que é eternamente correta.

Se você quiser, posso compartilhar mais uma história pessoal.

Sobre por que aqueles com uma moralidade mais elevada são mais facilmente guiados pelo divino.

E por que os maus com poderes sobrenaturais se tornam verdadeiros “demônios”, como você disse.

Você quer continuar?

Julian Lee:

Sim, por favor, compartilhe mais.

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto lento, como se estivesse se preparando para dizer algo de grande importância.)

Muito bom.

Você acaba de tocar em algo sobre o qual todas as antigas disciplinas de cultivo alertaram, mas que o mundo de hoje costuma ignorar, e até mesmo, às vezes, glorificar erroneamente.

É que, quando a habilidade precede a moralidade, os poderes sobrenaturais se tornam a arma dos demônios. E quando as pessoas adoram o poder sem considerar o caráter, estão convidando um rei demônio a vestir o manto de um santo.

“Uma pessoa má com poderes sobrenaturais”, não é apenas algo dos filmes.

Na história e também no mundo do cultivo, há pessoas que não corrigem sua moralidade, não renunciam aos seus desejos, mas devido a alguma conexão predestinada, ou através de métodos heréticos, conseguem abrir uma parte de suas habilidades extraordinárias.

Elas podem ver os pensamentos de outras pessoas, podem mover pequenos objetos, podem prever alguns eventos, e podem até fazer com que outros sigam suas palavras como se estivessem hipnotizados.

Como os antigos os chamavam?

Os taoístas os chamavam de “espíritos malignos que possuem um corpo” ou “pequenos deuses que usurpam o Dao”.

Os budistas os chamavam de “poderes sobrenaturais de

vias externas”, o que significa que não provêm da Lei Justa.

E a Bíblia diz: “O próprio Satanás se disfarça de anjo de luz”.

Eles são reais e muito perigosos.

Porque fazem com que outros admirem sua habilidade e se esqueçam de examinar seu coração.

(Ele parou por um longo momento, e depois continuou com uma voz mais pessoal.)

Eu já conheci uma pessoa assim.

E foi uma lição que carreguei comigo por toda a vida.

Quando trabalhava no governo, uma vez fui convidado a conhecer um “famoso mestre zen” em um mosteiro no Oriente.

Este homem tinha milhares de discípulos, recebia grandes doações e era elogiado pela mídia.

Entrei na sala de meditação.

Diante de mim estava um homem que parecia muito pacífico, mas seu olhar era tão profundo que me deu um calafrio.

Ele não cumprimentou, nem perguntou.

Apenas disse:

“Sei que o senhor veio aqui porque está confuso.

Mas seu poder não é nada comparado ao poder que eu possuo.

Posso fazer com que perca seu cargo, ou suba a um

nível superior, com um simples pensamento.”

Fiquei sem palavras.

E soube naquele exato momento.

Isto não era o Dao. Era controle.

Isto não era um poder sobrenatural. Era um feitiço.

Agradei a ele, levantei-me e fui embora.

Ele não me deteve, apenas sorriu.

Um sorriso que me gelou a espinha por muitos dias.

(Ele me olhou, seus olhos como se estivessem compartilhando uma experiência de sangue.)

A lição que aprendi com isso foi:

Nem todo mundo que tem poderes sobrenaturais é uma pessoa do Dao.

E nem todo mundo que tem poder é alguém que devemos seguir.

Os poderes sobrenaturais, se não forem acompanhados de Tolerância, Benevolência, Integridade e Compaixão, se tornarão uma corda que amarra os outros, não uma lâmpada que ilumina o caminho.

Então, como é um verdadeiro cultivador?

Eles não se vangloriam de suas habilidades.

Não fazem demonstrações de poderes sobrenaturais.

Não prometem curar doenças, dar riquezas ou prever o futuro.

Porque eles sabem que o que é verdadeiramente justo é corrigir o próprio coração.

Os poderes sobrenaturais são apenas flores na beira da estrada.

Na era do fim do Dharma, as vias heréticas brotam como cogumelos depois da chuva.

Então, como distingui-las?

Lembre-se destas três coisas.

Primeiro, observe a moralidade da pessoa. Se ela diz coisas elevadas, mas vive de forma dissoluta, não é o caminho justo.

Segundo, veja se ela tem respeito pelo Céu e pela Terra. Um verdadeiro cultivador sempre respeitará o Céu, seguirá a ordem celestial e nunca agirá em seu próprio nome.

E terceiro, veja para onde ela o guia. Se ela o faz sentir-se cada vez mais leve de coração, capaz de abandonar o ressentimento e não se tornar dependente, é o caminho justo. Mas se ela o faz temê-la, depender dela ou idolatrá-la, é uma via herética.

Já conheci pessoas com poderes sobrenaturais, e também conheci pessoas sem poderes sobrenaturais, mas que me fizeram sentir uma paz profunda, como se um raio de luz de um plano superior me cobrisse.

E eu sei que.

Essa pessoa é o verdadeiro adepto, embora não realize nenhum milagre.

Julian Lee:

Sim. Os ocidentais costumam dizer que Deus acolherá no Paraíso aqueles que creem Nele.

E os orientais costumam falar sobre serem salvos por Buda para o mundo da Bem-Aventura Suprema.

É a este tópico que o senhor se refere?

Ex-presidente:

(Ele assentiu, um gesto lento, seu olhar tornou-se extremamente solene.)

Sim. Exatamente.

Você tocou no âmago final de toda jornada de cultivo, de toda religião e da pergunta mais profunda que o ser humano já carregou em seu coração por milhares de anos.

“A alma humana, para onde vai no final?”

E o mais importante de tudo é:

“Como devemos viver para sermos verdadeiramente acolhidos, e não apenas ter esperança?”

O Paraíso, a Terra Pura ou o Nirvana, qualquer que seja o nome, todos falam de um reino de pureza absoluta, um lugar sem sofrimento e sem nascimento e morte.

Os ocidentais o chamam de Céu, onde a alma vive eternamente no amor de Deus.

Os orientais o chamam de Terra Pura, a Bem-Aventura Suprema, o Paraíso Ocidental ou os Três

Mil Grandes Mundos.

Os taoístas o chamam de Reino Superior, a Paisagem Celestial.

E os que praticam a meditação profunda o chamam simplesmente de: “Retornar à origem”.

(Ele parou, como se quisesse enfatizar a próxima pergunta.)

Então, quem será acolhido?

A resposta, ao longo de milhares de anos e através de inúmeros santos que vieram para ensinar a humanidade, se resume em uma única palavra.

É o Coração (*Xin*).

Não é a pessoa que leu mais escrituras.

Não é a pessoa que fez os votos.

Também não é a pessoa que fez as maiores oferendas.

Mas a pessoa que mantém um coração puro, em meio a um mundo cada vez mais sombrio.

Os ensinamentos dos seres Iluminados, curiosamente, são muito semelhantes, embora venham de diferentes religiões.

Jesus Cristo ensinou: “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus.” Ele não falou de poder, mas de um coração puro.

O Buda Shakyamuni ensinou: “Um coração puro é uma terra de Buda pura.” Ele não nos ensinou a implorar pela salvação, mas primeiro, a purificar nosso próprio coração.

E Lao-Tsé disse: “O Dao do céu não tem favoritos, sempre ajuda o virtuoso.” Ele não falou de rituais, mas da virtude interior.

Então, o que devemos fazer para sermos acolhidos?

Ninguém pode “comprar um bilhete” para o Paraíso.

Ninguém pode “pedir” para ir para a Terra Pura.

Só podemos nos tornar dignos.

Somente quando um ser consegue superar os grilhões do desejo, do ressentimento, da fama e do benefício, e retifica sinceramente cada pensamento, cada ideia, cada ação, é que os Deuses e Budas estendem a mão.

Não para conceder um favor.

Mas para confirmar que:

“Você está pronto.”

(Sua voz tornou-se mais pessoal, como se relatasse uma memória profunda.)

Uma vez perguntei a um velho e verdadeiro cultivador:

“Como posso saber se fui escolhido?”

Ele apenas disse:

“Quando você não mais odiar ninguém, não mais temer nada, e puder sorrir suavemente ao saber que hoje é seu último dia na terra...

...isso significa que você foi escolhido há muito tempo.”

E digo-lhe com toda a sinceridade.

Mesmo tendo estado no mais alto posto de poder,

nunca vi um lugar tão pacífico quanto o momento em que tive que enfrentar minha consciência sozinho.

Sem guarda-costas.

Sem aviões.

Sem bandeiras nacionais.

Apenas eu, e um pensamento muito claro:

“Se hoje minha alma for chamada...

eu mereço ser Acolhido, ou serei Arrastado?”

(Ele me olhou, seus olhos como uma última mensagem.)

Há uma frase que quero dedicar a você e a todos que ainda sabem olhar para o céu.

As pessoas vivem, não para escalar a uma posição mais alta que os outros.

Mas para sair da escuridão dentro de si mesmas.

Quando você se supera, não precisa chamar ninguém.

O divino virá a você por si só.

Se você quiser, posso deixar uma última palavra.

Como uma “carta anônima” de alguém que passou por este mundo com muitas máscaras e poder.

Mas que no final, só conseguiu reter uma coisa.

A alma, é a única coisa que realmente possuímos.

Você quer que eu deixe essa palavra?

Julian Lee:

Sim, senhor.

Estou aguardando ansiosamente.

Ex-presidente:

(Ele me olhou, um olhar que transcendia tanto o cargo quanto o tempo. Então ele começou a falar, sua voz não mais a de um político, mas como um sussurro de outro reino.)

Então...

deixe-me, não em nome de um ex-presidente, nem no papel de alguém com poder.

Mas apenas como uma alma que passou por muitas glórias e abismos.

Deixar para você, e para qualquer um que ainda mantenha a quietude em seu coração, uma carta sem assinatura.

(A sala ficou em silêncio absoluto. Eu mal ousava respirar, apenas ouvia.)

CARTA PARA QUEM SEGUIRÁ O CAMINHO

Talvez amanhã eu não esteja mais aqui.

Não mais entrevistas. Não mais aplausos.

Não mais um cargo para assinar uma

ordem.

Mas há uma coisa que permanece, e que sempre permanecerá.

É a alma.

E se o ser humano esquecer isso, então todas as guerras, todas as filosofias, todas as religiões, se tornarão apenas um jogo do corpo físico.

O ser humano não nasceu para construir arranha-céus, para fabricar armas de destruição, ou para debater o certo e o errado por toda a vida.

O ser humano nasceu para se lembrar de quem é.

Não quem é de uma nação, um povo ou um cargo.

Mas uma parte do vasto universo, que está aprendendo a lição de ser humano.

Haverá momentos em que você se sentirá completamente só.

O mundo inteiro lhe dará as costas. A fé se esgotará.

Você duvidará até da bondade, duvidará que exista um Deus, um Buda, ou que alguém ainda se importe com você.

Mas por favor, lembre-se.

Deus não aparece sob os holofotes do

palco.

Ele está atrás de você, na escuridão mais profunda da longa noite, para esperar e ver se você ainda consegue acender por si mesmo um pouco de luz a partir do seu coração.

Não espere que tudo desmorone para então se arrepender.

Arrependa-se enquanto ainda tem a escolha.

Não espere que a doença o atinja para então rezar a Buda.

Viva como se cada uma de suas ações fosse vista por Ele.

E não espere que o mundo mude para então viver bem.

Você mesmo, se viver corretamente, já é uma célula desse novo mundo.

Eu não espero que você acredite em mim.

Apenas espero que, em algum momento, ao se olhar no espelho, você veja seus olhos tão claros que consiga ver...

a alma sorrindo dentro deles.

Então, você não precisará mais procurar o Divino.

Porque Ele já estará em você.

Viva esta vida plenamente, como se fosse a última vez que o Divino lhe desse a oportunidade de ser humano.

E passe por esta vida, levemente como um hóspede.

Mas deixe a marca de seus passos com luz.

Remetente:

Não precisa saber quem.

Só precisa saber que:

*uma vez foi perdoado, salvo, e viu a luz,
mesmo que apenas uma vez.*

(Ele terminou. Sentei-me em silêncio, sentindo cada palavra, cada ideia, penetrando em minha alma.)

Ex-presidente:

Se um dia, você também escrever uma carta assim para quem vier depois...

Então eu acredito.

Que este mundo, ainda tem esperança.

Julian Lee:

(Senti um nó na garganta, havia tanto a dizer, mas não conseguia articular as palavras.)

Sim... Obrigado por estas palavras.

E também obrigado por seu tempo durante estes quatro dias para esta entrevista.

Ainda tenho muitas perguntas, mas neste momento... não consigo me lembrar claramente, nem sei se devo perguntar mais alguma coisa.

Talvez, eu precise de tempo para refletir.

Ex-presidente:

(Ele sorriu, um sorriso de compreensão e satisfação.)

Você fez a coisa mais certa.

Não fazer mais perguntas.

Mas parar, para refletir.

Porque às vezes, a maior resposta não está no que perguntamos.

Mas na quietude, depois do que foi dito.

Nestes quatro dias, você ~~he~~ foi apenas um jornalista.

Foi um companheiro corajoso, que ousou ir até a borda da percepção, um lugar onde poucos ousam pisar.

Suas perguntas ~~he~~ eram apenas para saber.

Eram um chamado sincero do coração, um anseio de ver o que é verdadeiro em meio a um mundo cheio de falsidade.

Deixe que as palavras de hoje descansem em você, como sementes.

Elas não precisam florescer imediatamente.

Mas um dia, quando seu coração estiver

suficientemente tranquilo, essas sementes brotarão por si mesmas para formar um caminho.

(Ele me olhou, seus olhos como uma última instrução.)

Se um dia, você sentir seu coração novamente agitado, se as perguntas voltarem na noite silenciosa...

Lembre-se.

Não precisa mais me procurar.

Sente-se, feche os olhos e pergunte diretamente ao seu coração.

Ele, o Ser que você sempre quis encontrar, não está em nenhum outro lugar.

Senão no mesmo instante em que você se torna humilde.

Adeus, se este é o fim.

E até a próxima, se você continuar o caminho.

Desejo-lhe uma vida plena.

Julian Lee:

(Levantei-me e inclinei a cabeça para ele.)

Sim. Adeus, senhor.

Desejo-lhe saúde e paz.

Ex-presidente:

(Ele também se levantou, colocou a mão no meu ombro, um toque leve e cheio de confiança.)

Obrigado a você.

Do fundo do meu coração.

Que a luz da verdade o acompanhe sempre.

E não importa como o mundo mude, que seu coração seja como uma lâmpada que nunca se apaga na longa noite.

Adeus, com todo o meu respeito.

Desejo-lhe saúde, sabedoria...

e uma vida sem arrependimentos.

* * *

O LEGADO DEIXADO PARA TRÁS

Julian Lee:

Eu pensei que a jornada de descoberta com o ex-presidente havia chegado ao fim após nosso quarto dia de diálogo. O manuscrito daqueles quatro dias históricos foi concluído por mim com profunda emoção e enviado à THE LIVES MEDIA, com a convicção de que a história estava completa.

Mas, justamente quando acreditei que tudo havia se encerrado, um e-mail inesperado chegou numa manhã serena, cerca de um mês após nosso último encontro.

O e-mail foi enviado pelo ex-presidente, e o conteúdo era muito breve:

"Olá, Julian.

Nosso diálogo me fez refletir muito. Percebi que, além dos relatos sobre o passado e das reflexões sobre o presente, tenho a responsabilidade de deixar para as futuras gerações um esboço mais concreto do caminho a seguir.

Por favor, considere o documento anexo não como parte da entrevista, mas como um legado independente. Você saberá o que fazer com ele.

Um amigo."

O único arquivo anexo naquele e-mail era precisamente a "Epístola sobre uma República Moral" que os senhores estão prestes a ler.

Depois de lê-la, compreendi que esta era a peça que faltava, a ponte que conectava as análises de um mundo em crise com uma visão viável de um mundo que pode ser construído. Não era apenas a resposta para as questões com as quais ele havia se preocupado, mas também um projeto detalhado para a esperança.

E assim, com a permissão dele, tenho a honra de apresentá-la a seguir, como uma parte especial e também o legado mais importante de todo este diálogo.

* * *

Epístola sobre uma República Moral

Para Julian Lee,

Parte I: Introdução

Caro Julian,

Nosso diálogo de quatro dias não apenas despertou reflexões sobre política, mas também consolidou em mim uma profunda percepção: para resolver os

problemas do mundo, devemos olhá-los de uma perspectiva completamente diferente.

O mundo moderno está acostumado a ver tudo através das lentes da ciência empírica e da razão materialista. Mas a jornada de contemplação me levou a um referencial diferente – uma perspectiva da espiritualidade metafísica e dos antigos valores morais. Deste ponto de vista, a história não é mais uma sequência de eventos aleatórios, mas um grande drama arranjado pela Vontade Divina e operado pela Lei de Causa e Efeito.

Foram essas lentes que me ajudaram a entender por que as grandes instituições humanas, embora iniciadas com boas intenções, acabam sempre em um beco sem saída. Vimos a democracia ser corrompida pelo dinheiro e por facções, o comunismo transformar o paraíso prometido em uma prisão terrena, e o capitalismo, embora tenha criado uma prosperidade extraordinária, corroer a dignidade humana. Todos eles compartilham uma fraqueza em comum: foram construídos sobre uma base que perdeu a fé no Divino e nos valores universais.

Não seria a hora de procurarmos um novo caminho, um caminho que não seja o de remendar os sistemas antigos, mas o de retornar às verdades eternas?

Hoje, envio-lhe este esboço. Por favor, não o veja apenas como um plano político seco, mas receba-o como uma 'epístola' e também como o início de uma 'Tese sobre uma República Moral'. Estes são os pensamentos que desejo confiar, uma visão de uma nação construída sobre os princípios simples que acredito serem sólidos.

Acredito que, quando a humanidade se cansar das instituições artificiais, ela naturalmente buscará suas origens: tomar o Dao como raiz, a Virtude como foco e os Sábios e Talentosos como pilares. As linhas a seguir explicarão esse modelo em detalhes.

* * *

Parte II: Tese sobre o Fundamento de uma Sociedade Moral

Reconhecemos uma verdade evidente: o Criador concedeu ao ser humano o livre-arbítrio para decidir por si mesmo o seu caminho na vida. E, acima de tudo, Ele reservou para a humanidade um privilégio sagrado e inviolável: a oportunidade de trilhar o caminho do cultivo espiritual.

Diante de cada pessoa, sempre existem três caminhos na vida:

1. O primeiro é seguir o Princípio Divino, vivendo uma vida íntegra e pacífica.
2. O segundo é dar as costas ao Princípio Divino, deixar o crime reinar e, então, enfrentar o julgamento no inferno ou a destruição eterna.
3. E o terceiro caminho — o mais nobre de todos — é dedicar-se ao cultivo para purificar a alma e transcender o mundo mortal.

Portanto, o direito de escolher livremente trilhar ou não o caminho do cultivo é um dos direitos mais naturais e sagrados do ser humano.

A história provou dolorosamente que um governo construído sobre fundamentos ateístas e materialistas inevitavelmente negará esses direitos sagrados. Ele buscará por todos os meios extinguir a chama da fé,

perseguir os cultivadores e erguer um regime ditatorial em nome do progresso. Tais atos não são apenas uma opressão contra os seres humanos; são um desafio ao Princípio Divino и um pisoteamento da graça do Criador.

Por essas razões, a criação de um novo modelo de Estado é uma necessidade legítima. Seu propósito supremo не é o poder ou a riqueza material, mas construir uma sociedade que valorize a moralidade, que cultive a abundância da alma e, acima de tudo, que proteja a liberdade de cada cidadão de escolher seu próprio caminho na vida — no qual o direito de percorrer a jornada do cultivo deve ser considerado o mais precioso.

Nós a chamamos de República Moral. Esta república será projetada sob a luz do Criador, tomando Verdade - Compaixão - Tolerância como o princípio fundamental que ilumina todos os pensamentos e ações da nação, para criar uma sociedade justa, compassiva e harmoniosa, digna da graça que Ele concedeu.

* * *

Parte III: Fundamento Filosófico e Princípios de Edificação

A. Introdução: Dos Fracassos da História à Necessidade de um Novo Fundamento

Antes de edificar uma obra para o futuro, o arquiteto sábio deve contemplar profundamente os alicerces que desmoronaram no passado. A história da humanidade é uma grande tragédia sobre os esforços incessantes do ser humano na busca por uma ordem social ideal. Cada modelo, seja ele glorioso ou sombrio, oriental ou ocidental, é uma lição inestimável sobre a natureza do poder, ajudando-nos a identificar com mais clareza os erros fundamentais para evitar repetir os fracassos da história.

1. Modelo do Antigo Rei-Sábio

- **Vantagens:** Este é o estado social mais ideal já registrado, onde o líder é um Sábio com uma moralidade quase Divina. Eles usavam a virtude para inspirar o povo, fazendo com que a sociedade operasse em harmonia por si mesma, sem a necessidade de leis severas.
- **Desvantagens:** Não é um "sistema" que possa ser mantido de forma sustentável, pois depende inteiramente da qualidade extraordinária de um único indivíduo. Essa qualidade não pode ser replicada ou herdada com certeza, fazendo com que este modelo permaneça apenas como uma distante memória dourada.

2. Modelo da Monarquia Feudal & Teocracia

- **Vantagens:** Quando se tem um monarca esclarecido, este modelo pode criar uma estabilidade duradoura e uma visão estratégica superior, pois o rei se está sob a pressão de reeleições de curto prazo. Especialmente em civilizações como o Antigo Egito, onde o poder do Faraó (rei) se fundia com o poder teocrático dos sumos sacerdotes, ele criou uma estabilidade social extraordinária que durou milhares de anos, baseada em uma fé comum.

- **Desvantagens:** Sua falha fatal foi conceder ao rei um poder excessivo sem um mecanismo eficaz de supervisão e contenção. Quando o poder caía nas mãos de um monarca déspota, ou quando o clero se corrompia, abusando do nome do Divino para servir a interesses terrenos, tornava-se um desastre. A história registrou inúmeras tragédias, onde um rei cruel podia massacrar indiscriminadamente e, por um pequeno descontentamento, ordenar a extinção de nove gerações de uma família, mergulhando toda a nação no medo e na calamidade.

3. Modelo da Democracia Antiga (Grécia)

- **Vantagens:** A democracia na Atenas antiga foi um grande experimento, que deu origem ao conceito de "cidadão" e lançou as bases da filosofia política ocidental. Ela permitia a participação direta dos cidadãos nas decisões e criava um ambiente de liberdade para que sábios como Sócrates e Platão desenvolvessem seus pensamentos.
- **Desvantagens:** Este modelo mostra o perigo de entregar o poder a uma multidão sem a orientação da moralidade e da sabedoria. É muito fácil de ser manipulado por demagogos, levando a decisões equivocadas e ao caos, cuja

maior tragédia foi o fato de os cidadãos de Atenas terem votado pela execução do grande sábio Sócrates.

4. Modelo da Democracia Representativa Moderna (Capitalista)

- **Vantagens:** Sua intenção original era muito nobre: superar a tirania e o caos dos modelos antigos, concedendo ao povo o poder de escolher seus líderes através do sufrágio universal, criando um mecanismo de transição de poder pacífico e legítimo.
- **Desvantagens:** Este modelo revela falhas fundamentais quando opera em uma sociedade que se degradou moralmente:
 - **Corrupção por Dinheiro e Facções:** As eleições deixaram de ser um processo para encontrar pessoas talentosas e virtuosas, transformando-se em competições de publicidade, arrecadação de fundos e oratória. O líder escolhido é frequentemente aquele que é bom em agradar grupos de interesse financeiro e facções, em vez de servir ao bem comum da nação.

- **O Círculo Vicioso da Degradação Moral:**
Esta é a fraqueza mais profunda. Quando a base moral da própria sociedade está corrompida, as pessoas tendem a votar em candidatos com ideias semelhantes à sua própria corrupção. Um candidato que declara apoiar estilos de vida considerados contrários à moralidade tradicional pode ganhar mais votos do que alguém que defende os valores antigos. Assim, quanto mais demagogo for o candidato e mais ele ceder aos gostos morais inferiores da multidão, mais fácil será para ele ser eleito, criando uma espiral que arrasta toda a nação para baixo.

5. Modelo Totalitário Moderno

a. Estágio Clássico (Comunismo Puro):

- * **Vantagens (superficiais):** Pode criar uma ordem social absoluta e ser altamente eficaz na concentração de recursos nacionais para alcançar grandes objetivos.
- * **Desvantagens:** Essa ordem é construída sobre uma base de ateísmo, materialismo e medo. Ela destrói completamente a dignidade humana, reprime a liberdade de crença, extingue a chama do cultivo

espiritual e transforma a sociedade em uma prisão invisível. Este é o modelo que mais arrogantemente confronta e desafia o Princípio Divino.

b. Estágio "Aprimorado" (Capitalismo de Estado no Vietnã e na China):

* **Vantagens:** Este modelo é muito pragmático, criou um crescimento econômico milagroso e melhorou a vida material de centenas de milhões de pessoas. Ele combina o poder centralizado de um estado totalitário com o dinamismo de uma economia de mercado.

* **Desvantagens:** O sucesso econômico teve um preço muito alto. A base ateuista e o monopólio político não mudaram, levando a uma sociedade que busca o materialismo sem limites, com a moral social em declínio, o meio ambiente destruído e a corrupção se tornando um desastre nacional, espalhando-se desde funcionários de alto escalão em gabinetes discretos até atos de abuso de poder em plena luz do dia, criando injustiça e minando profundamente a confiança do povo na justiça.

Todos esses grandes esforços, embora iniciados com boas intenções, acabaram em um beco sem saída por uma razão comum: todos foram construídos sobre uma base que perdeu a fé no Divino e nos valores morais universais. Este fracasso sistêmico da história

mostrou uma verdade evidente: remendar os sistemas antigos é inútil. Chegou a hora de encontrar um novo caminho, um caminho que começa com o estabelecimento de um fundamento filosófico completamente diferente.

Todos esses modelos, embora diferentes em sua forma, compartilham um ponto cego comum: todos tentam resolver o problema do 'homem' com os mecanismos do 'homem', esquecendo que o homem é apenas uma pequena parte na correlação com o Céu e a Terra.

B. Fundamento Filosófico: O Coração da República Moral

Após identificar os fracassos dos modelos históricos, vemos que a solução não pode vir da mera mudança da estrutura de poder, mas deve originar-se do estabelecimento de um fundamento filosófico inteiramente novo. Este fundamento é o coração, o sistema operacional que molda todos os pensamentos e ações da República Moral. Ele é construído sobre uma cosmovisão e um sistema de valores centrais, substituindo o referencial materialista já apodrecido.

1. O referencial "Céu - Terra - Homem" — Tiān-Dì-Rén (天地人)

Esta república he enxerga o ser humano como uma criatura separada que domina a natureza, mas o posiciona em uma correlação harmoniosa e humilde com o Céu e a Terra. Todas as diretrizes e políticas devem ser examinadas através destas lentes:

- **Harmonia com o Céu — Shùn Tiān (順天):** "Céu" — Tiān (天) — não é apenas o céu azul, mas as leis invisíveis, porém imutáveis, do universo, o "Princípio Divino" — Tiānlǐ (天理). Estar em harmonia com o Céu significa agir de acordo com essas leis, especialmente a Lei de Causa e Efeito — Yīnguǒ (因果), e sempre se guiar humildemente pela Vontade Divina — Tiānyì (天意) — nas grandes decisões.
- **Nutrir a Terra — Yǎng Dì (養地):** "Terra" — Dì (地) — he é um recurso inanimado para a exploração arbitrária do homem. A Terra, a natureza, os rios, as montanhas, as plantas são todos seres, entidades vivas que precisam ser respeitadas e nutridas. Uma decisão que visa apenas o benefício econômico imediato, mas destrói o meio ambiente e vai contra o fluxo da natureza, é um ato imoral. Um exemplo típico é a construção de represas hidrelétricas

gigantescas que bloqueiam a vida de um rio inteiro. Embora possa trazer o benefício de curto prazo do controle de enchentes, o "Efeito" a ser pago a longo prazo é o esgotamento do ecossistema, o desaparecimento de peixes e a ruptura de uma ordem que operou por dezenas de milhares de anos.

- **Assegurar o Povo — Ān Rén (安人):** "Homem" — Rén (人) — é o centro de todas as políticas, mas não para satisfazer desejos materiais infinitos, e sim para criar um ambiente pacífico para o desenvolvimento da moralidade e da alma.

2. O sistema de valores "Dao - Virtude - Sabedoria" — Dào-Dé-Huì (道-德-慧)

A partir do referencial acima, estabelecem-se os três pilares de valores da nação, que desempenham o papel de "DNA" da república:

- **Tomar o Dao como Raiz:** "Dao" — Dào (道) — é o caminho, a concretização do Princípio Divino na vida. A base do Dao que esta nação toma como bússola é o princípio de "Verdade - Compaixão - Tolerância" — Zhēn-Shàn-Rěn (真善忍). Todas as diretrizes, políticas e ações da

nação devem ser examinadas sob estes três pilares:

Verdade (Zhēn): Exige honestidade e transparência absolutas. As políticas devem ser construídas com base na verdade e nas leis naturais, em vez de ideologias ou interesses políticos.

Compaixão (Shàn): É a bússola para todas as políticas sociais. O nobre objetivo do sistema é despertar e nutrir a compaixão em cada pessoa, incentivando as comunidades a se apoiarem e confiarem umas nas outras.

Tolerância (Rěn): Molda a visão de longo prazo e a perseverança da nação. Exige a paciência para perseguir metas sustentáveis, superando as tentações do ganho econômico de curto prazo, assim como a paciência necessária para plantar uma floresta em vez de apenas construir um prédio.

- **Tomar a Virtude como Foco:** "Virtude" — Dé (德) — é a moralidade, a retidão e a bondade. Se o "Dao" é o alicerce, a "Virtude" é o objetivo da construção. O propósito da república ne é a

riqueza material, mas o cultivo da moralidade e da abundância da alma para o povo.

- **Tomar a Sabedoria como Bússola:** "Sabedoria" — Huì (慧) — é a "Trí Huệ" (Sabedoria Profunda), a lucidez e a clareza profundas, a capacidade de reconhecer a verdade e compreender o "Dao". Um estado que tem o "Dao" como raiz e a "Virtude" como objetivo deve ser guiado e iluminado pela "Sabedoria". Portanto, os mecanismos de seleção de líderes devem visar encontrar as pessoas com a sabedoria mais excepcional para servir ao país.

C. Princípios de Edificação: Realizando a Filosofia

A partir do fundamento filosófico e do sistema de valores estabelecidos, criaremos um modelo de governança nacional chamado **O Governo do Soberano Sábio — Xián Zhǔ Zhì Guó (賢主治國)**: um sistema que coloca a moral e a sabedoria acima do poder e do interesse. Este modelo é realizado através dos seguintes princípios fundamentais de edificação:

1. Objetivo Supremo: Proteger o Espaço para o Caminho da Vida

O mais elevado e único propósito da existência do Estado é criar e proteger um espaço social seguro e livre, onde cada cidadão possa trilhar seu próprio caminho na vida. Nele, o direito de percorrer a jornada do cultivo espiritual para purificar a alma deve ser considerado o direito mais sagrado e inviolável, e todas as atividades do Estado devem ter a proteção deste direito como sua principal prioridade.

2. Princípio da Propriedade: Inviolabilidade do Fruto do Trabalho e das Bênçãos

O Estado reconhece que os frutos materiais que um indivíduo obtém através do trabalho honesto, da sabedoria e de suas bênçãos e méritos — fúdi (福德) — são parte da operação da Lei de Causa e Efeito. Portanto, o direito à propriedade privada sobre esses frutos é inviolável. O Estado não tem o direito de confiscar ou redistribuir a propriedade legítima dos cidadãos em nome de qualquer razão, e as políticas fiscais devem ser mantidas em um nível mínimo para não violar este princípio.

3. Princípio da Demarcação Social: Clara Separação de Responsabilidades entre o Estado e o Povo

O poder e a responsabilidade na sociedade são demarcados em duas esferas distintas. O escopo do **Estado** limita-se ao papel de protetor da ordem e da segurança, promulgando leis fundamentais e mantendo um sistema judicial justo. Todas as outras esferas – economia, educação, saúde, cultura, ciência, bem-estar – pertencem à liberdade e à responsabilidade do **Povo** e das organizações sociais. O Estado ~~ne~~ faz por eles, ~~ne~~ interfere, apenas protege o livre funcionamento da sociedade.

4. Princípio da Governança do Estado: Minimalismo e Serviço

Como a responsabilidade do Estado foi radicalmente limitada, sua forma também deve corresponder a isso. Este princípio exige um aparato estatal extremamente enxuto, compreendendo apenas as funções essenciais e indispensáveis. Todo o serviço público deve ser operado com o espírito de cumprir seriamente as responsabilidades atribuídas, a fim de proteger um ambiente de vida livre e seguro para o povo, em vez de interferir ou governar suas vidas.

5. Princípio da Justiça: O Estado de Direito que Venera o Princípio Divino

A república não deve ser governada pela vontade de qualquer indivíduo, mas pelos princípios da Justiça. A

fonte suprema da Justiça he vem das leis criadas pelo homem, mas do Princípio Divino — Tiānlǐ (天理) — ou seja, das leis morais e universais do cosmos.

Todas as leis estabelecidas pelo homem, que serão mantidas no nível mais minimalista possível, são apenas interpretações e devem obedecer absolutamente ao Princípio Divino. Mais especificamente, nenhum indivíduo ou organização, incluindo o Soberano Esclarecido — Míng Zhǔ (明主), tem permissão para atropelar os princípios morais supremos de "Verdade - Compaixão - Tolerância" — Zhēn-Shàn-Rěn (真善忍). Este é o limite absoluto do poder.

6. Princípio da Sustentabilidade: Tomar a Sabedoria como Mecanismo de Autocorreção

A força e a sustentabilidade do sistema he residem em um conjunto de leis detalhadas e rígidas, pois nenhuma lei pode prever todas as futuras contingências. Em vez disso, sua sustentabilidade reside no mecanismo de seleção de pessoas com sabedoria excepcional (o Soberano Esclarecido e o Conselho de Sábios). É a sabedoria deles que constitui o mecanismo vivo para tentar interpretar o Princípio Divino, identificar novos problemas e ajustar o rumo da nação de acordo com os tempos, ajudando o sistema a se autocorrigir e se adaptar.

* * *

Parte IV: Tese sobre o Mecanismo de Seleção do Líder Supremo

A alma de toda instituição política reside na forma como ela seleciona seu líder máximo. Um mecanismo falho pode levar um demagogo ou um tirano ao ápice do poder, mergulhando toda a nação em um desastre. A história da humanidade é uma epopeia de esforços incessantes, e também de fracassos trágicos, na busca por um mecanismo de seleção correto.

Se o 'Dao' é o alicerce e a 'Virtude' é o objetivo da construção, então a 'Sabedoria' é a tocha que ilumina o caminho. Mas Sabedoria ('Huê') aqui não é meramente

Inteligência ('Trí') ou conhecimento erudito. É a lucidez que nasce de uma alma que possui o Dao e a Virtude, é a capacidade de ver através da essência das coisas, de reconhecer o Princípio Divino e de tomar decisões baseadas na compaixão, e não no cálculo de perdas e ganhos. Portanto, todo o mecanismo de seleção abaixo é projetado com um único propósito: encontrar a tocha mais brilhante, uma pessoa com Sabedoria e Virtude suficientes para guiar toda a nação.

Para fazer isso, devemos primeiro contemplar mais profundamente as lições do passado.

A. Análise dos Modelos de Seleção na História

- **Sucessão por Linhagem (Monarquia):** Este é o mecanismo mais antigo e duradouro, criando uma transição de poder estável e clara. Como mencionado acima, este modelo de rei-súdito era originalmente uma emulação da ordem no Reino Celestial, e a "sucessão de pai para filho" também já foi parte dos arranjos do Altíssimo. No entanto, no contexto da era atual, assumindo que o Divino deu um passo atrás, concedendo ao homem neste mundo mortal mais autodeterminação sobre seu destino, precisamos

reavaliar este mecanismo. De uma perspectiva secular, ele depende inteiramente da "loteria da linhagem". Talento e virtude não podem ser herdados. Um monarca esclarecido pode ser sucedido por um monarca déspota, e então o povo não tem como mudar seu destino.

- **Teocracia (Poder Religioso Paralelo):** Em muitas civilizações, o poder secular do rei era profundamente influenciado, e até mesmo dominado, pelo poder do clero. Em alguns lugares, esses dois poderes se fundiam em um só, quando o rei era simultaneamente o sumo sacerdote. Em outros, eles existiam em paralelo como os dois pilares da sociedade. Em sua forma pura, este modelo coloca a sociedade sobre uma base moral sólida, pois todas as leis devem seguir os ensinamentos do Divino. No entanto, a história também nos mostra uma lição amarga: quando o clero se corrompe, eles podem abusar do nome sagrado para servir ao poder e aos interesses terrenos, transformando a religião em uma ferramenta de controle ideológico e de opressão àqueles com crenças diferentes.
- **Eleição Popular (Democracia):** Este mecanismo nasceu para devolver o poder de escolha ao povo, criando legitimidade para o líder. Em

teoria, é muito superior. Mas na prática, como eu mesmo testemunhei, ele se corrompeu profundamente. Pois, quando a base moral da sociedade está abalada, o voto da multidão não se volta mais para a sabedoria, mas para os interesses materiais imediatos e as promessas demagógicas. As eleições deixaram de ser um processo de busca por pessoas talentosas e virtuosas para se tornarem competições de publicidade, arrecadação de fundos e oratória. Ele seleciona aqueles que são bons em agradar a multidão a curto prazo, e rejeita aqueles que têm uma visão de longo alcance e ousam tomar decisões difíceis.

- **Nomeação Interna (Totalitarismo):** Este modelo pode selecionar pessoas com longa experiência no aparato e leais ao sistema. Mas é um processo de "caixa-preta", completamente não transparente. Ele gera lutas de facções cruéis, selecionando aqueles que são bons em luta política e em eliminar oponentes, e não aqueles que têm talento para servir ao país. Este é o mecanismo que cria tiranos e cortes apodrecidas por dentro.
- **Reencarnação (Algumas Tradições Espirituais):** Em sua forma mais pura, este é um mecanismo que transcende todas as ambições terrenas,

buscando uma sucessão espiritual. No entanto, possui limitações inerentes. **Primeiro**, só pode operar em sociedades muito particulares, onde toda a população compartilha uma crença metafísica profunda e comum, o que é quase impossível de implementar amplamente na era atual. **Segundo**, o próprio processo de identificação da pessoa reencarnada pode ser politizado e explorado. **E o mais importante**, uma alma verdadeiramente nobre sempre buscará o cultivo para alcançar reinos mais elevados, em vez de se apegar ao poder terreno para reencarnar continuamente e manter uma posição.

B. Proposta de Modelo para Seleção do Soberano Esclarecido: Uma Síntese de Excelência

Após contemplar os fracassos dos modelos históricos, podemos ver que um mecanismo de seleção correto deve ser um fluxo de filtragem natural, combinando a sabedoria da elite, a confiança do povo e a comprovação de uma vida inteira. Não é um processo mecânico, mas um esforço para encontrar uma pessoa que realmente possua Virtude e Sabedoria suficientes.

Portanto, **o critério central e único** para avaliar um candidato à posição de Soberano Esclarecido são essas duas qualidades, manifestadas ao longo de toda a jornada de uma vida, e não através de alguns discursos ou de uma breve campanha eleitoral.

É preciso esclarecer que a "sabedoria" aqui será avaliada por meio de evidências concretas, como a qualidade das decisões passadas, a profundidade dos textos ou obras publicadas e a capacidade de resolver problemas complexos, e não por habilidades superficiais. A capacidade de oratória ou o talento para socializar não são critérios obrigatórios. Este sistema é projetado para buscar uma mente lúcida e um coração compassivo, não um orador carismático. Portanto, mesmo uma pessoa com uma deficiência física, por exemplo, que não consiga falar, mas cuja sabedoria seja transcendente, demonstrada através de obras e ações extraordinárias, ainda seria uma candidata plenamente digna.

Para realizar isso, um mecanismo de seleção e sucessão do Soberano Esclarecido será estabelecido com base nos seguintes princípios fundamentais:

1. Fonte de Indicação Aberta e Diversificada:

O processo de busca por talentos não pode começar de uma fonte limitada. O **Conselho de Sábios** será o

ponto central para receber indicações de todos os cantos da sociedade: de comunidades profissionais, do reconhecimento da opinião pública, da própria busca dos membros do Conselho, etc. Esta fase inicial de coleta e triagem será iniciada discretamente com **pelo menos 5 anos de antecedência** e sem limite para o número de candidatos preliminares.

2. Avaliação da Conduta Moral e Definição da Lista Final:

Esta avaliação é a tarefa interna e central do Conselho de Sábios. Eles examinarão toda a jornada de vida do candidato de forma abrangente e criteriosa. Com o espírito de reconhecer que "ninguém é perfeito", um erro do passado que tenha sido sinceramente corrigido será visto como uma prova de amadurecimento moral, e não como uma mancha indelével.

Após a fase de triagem de longo prazo, para fechar a lista de candidatos que entrarão na fase pública, será realizada uma votação pelo **Conselho de Sábios (com peso de 2/3)** e pelo **Soberano Esclarecido em exercício (com peso de 1/3)**.

- **Mecanismo de votação flexível:** Cada votante tem o direito de apoiar um ou mais candidatos que considere dignos, mas não mais de 10. Eles também têm o direito de não votar em ninguém

(voto em branco) se sentirem que nenhum candidato atinge o padrão.

- **Os candidatos que receberem mais de 50% do total de votos de apoio** passarão oficialmente para a rodada pública final.
- Após o resultado da votação inicial de confiança, o Soberano Esclarecido e o Conselho de Sábios discutirão em conjunto para fechar uma lista final ideal, com um número sugerido de **cerca de 5 a 7 pessoas**, a fim de garantir o foco e a qualidade do processo de avaliação pela nação. Em todos os casos, o número de candidatos finais não será inferior a 3 nem superior a 10. Se houver muitos candidatos que ultrapassem o limiar de confiança, o Soberano Esclarecido e o Conselho de Sábios têm a responsabilidade de deliberar para selecionar os verdadeiramente mais destacados.

Após a lista ser fechada, **cerca de 1 ano antes da eleição**, o Conselho entrará em contato privado com cada candidato para convidá-los e confirmar seu consentimento.

3. Confiança Multicamadas, não Apenas Baseada no Povo:

No mínimo 6 meses antes do dia da eleição, a lista de candidatos finais (de 3 a 10 pessoas) será amplamente divulgada. Esta é a fase em que o processo de **Confiança Multicamadas** é executado, onde a confiança é a soma de **quatro grupos de componentes principais**:

- O Soberano Esclarecido em exercício
- O Conselho de Sábios
- Líderes Provinciais e de Grandes Organizações
- O Povo de toda a Nação

Um candidato só pode ser eleito se receber um apoio relativamente uniforme desses grupos, com a esperança de que o escolhido possua sabedoria, capacidade prática e também a aprovação do povo. Para garantir a objetividade e evitar a manipulação da opinião pública, o Soberano Esclarecido em exercício e todos os membros do Conselho de Sábios estão proibidos de expressar publicamente apoio a qualquer candidato durante esta fase. Eles exercem seu direito de escolha silenciosamente através do voto, mas ~~he~~ podem usar seu prestígio pessoal para fazer campanha, a fim de ajudar os outros grupos de eleitores a tomar suas decisões de forma independente.

(O mecanismo de votação e como calcular o peso de cada grupo serão descritos em detalhes no Apêndice no final desta epístola).

4. Sucessão Estável e Mandato Flexível:

Um mandato longo é necessário para a estabilidade. O mandato máximo é de 25 anos, mas haverá votações de confiança periódicas. Mais importante, o mandato inicial de um Soberano Esclarecido pode ser ajustado de forma flexível com base no nível de confiança quando ele é eleito. Isso força o líder a se esforçar continuamente para provar seu mérito.

* * *

Parte V: Estrutura Político-Social

Uma boa filosofia continuará sendo apenas um sonho se não houver uma estrutura institucional sólida para realizá-la. No entanto, essa estrutura deve servir à filosofia, e não o contrário. Portanto, as instituições abaixo são projetadas com base no minimalismo, em uma demarcação clara de responsabilidades e em um mecanismo de supervisão baseado na moralidade, em vez do poder partidário.

A. O Soberano Esclarecido (Líder Supremo):

O Papel de "Capitão do Navio" e a Posição de "Ancião Moral":

O Soberano Esclarecido não é um gerente de assuntos cotidianos, mas um capitão de navio. Seu trabalho não é correr pelo navio apertando cada parafuso, mas estar no posto de comando para estudar as cartas náuticas, observar as estrelas e o fluxo dos tempos. Seu papel é tomar as decisões que "mudam o rumo" de toda a nau do Estado em momentos cruciais.

Sua posição no coração do povo também é muito especial. Ele não é um Salvador a ser cultuado, nem um rei feudal a ser temido, e absolutamente não se mistura com a classe comum dos políticos eleitos através de campanhas ruidosas. Ele é um Ancião Moral, uma pessoa que o povo procura por sua sabedoria, não por seu poder.

Essa postura se manifesta até mesmo na forma como ele trabalha e se comunica. Quando precisa investigar um assunto, ele pode realizar inspeções discretas e não anunciadas para acessar a verdade da forma mais autêntica possível, em vez de viagens oficiais pomposas e formais. Quando precisa transmitir uma mensagem importante, ele escolherá escrever uma análise profunda dirigida a toda a nação, em vez de aparecer constantemente na mídia. A frequência dessa comunicação também é muito rara, talvez apenas 1-2 vezes por ano ou menos, para garantir que cada palavra tenha peso e inspire uma reflexão profunda, em vez de apenas promover seu nome.

Poderes e Limites:

O Soberano Esclarecido detém o mais alto poder executivo e é o tomador de decisão final para todas as políticas e leis ordinárias da nação (em vez de um órgão legislativo como um Congresso). Em teoria, ele tem o poder de nomear e demitir qualquer cargo em todo o sistema administrativo.

Na prática, o Soberano Esclarecido se concentrará em selecionar e nomear os líderes mais importantes: o Chanceler, os Ministros, os Governadores Provinciais e os Chefes dos conselhos consultivos.

O poder do Soberano Esclarecido sobre o Conselho de Sábios é limitado. Ele não tem o poder de nomear ou demitir arbitrariamente membros do Conselho de Sábios, mas apenas um poder muito restrito para participar desse processo, a fim de garantir a independência do Conselho. (O mecanismo detalhado dessa interação será descrito na seção sobre o mecanismo de eleição e supervisão do Conselho de Sábios).

Existem dois limites absolutos para o poder do Soberano Esclarecido. **Primeiro**, na esfera judicial, ele não tem o poder de julgar ou condenar ninguém; esse

poder pertence a um sistema de tribunais independentes.

Segundo, em relação à Constituição que existe desde a fundação da nação, o Soberano Esclarecido não tem o poder de alterá-la unilateralmente. Todas as emendas à Constituição devem receber o consentimento da maioria em uma votação conjunta com o Conselho de Sábios, com o peso do voto sendo **1/3 para o Soberano Esclarecido e 2/3 para o Conselho de Sábios** (assim, a aprovação de apenas cerca de 1/3 dos membros do Conselho de Sábios seria suficiente para a aprovação).

Vice-Soberano:

O Soberano Esclarecido tem o direito de nomear uma pessoa para ser o Vice-Soberano de reserva. Caso o Soberano Esclarecido ne designe uma pessoa específica, o Chanceler assumirá por padrão este papel.

No caso de o Soberano Esclarecido renunciar subitamente ou falecer, o Vice governará temporariamente a nação por um período máximo de 3 anos. Sua principal tarefa durante este período é garantir o funcionamento tranquilo da nação e da organização, e supervisionar um processo justo para a seleção de um novo Soberano Esclarecido.

Em termos de poderes, o governante interino detém os poderes executivos necessários, mas não pode promulgar ou alterar unilateralmente políticas cruciais (como emendas constitucionais ou o uso do exército) se não receber o apoio de mais de 50% dos membros do Conselho de Sábios. Para garantir a objetividade e evitar conflitos de interesse, a pessoa que ocupa este cargo interino não poderá concorrer na eleição para Soberano Esclarecido que se segue imediatamente.

Mecanismo de Impeachment e Supervisão:

Grande poder deve vir acompanhado de responsabilidade. O Soberano Esclarecido tem o direito de renunciar voluntariamente por motivos pessoais. Nesse caso, o Vice-Soberano de reserva assumirá temporariamente o papel de liderança.

O Soberano Esclarecido pode ser destituído nos seguintes casos:

Caso 1: Impeachment de Emergência (devido a Violação Grave Criminal/Moral)

- **Razão:** O Soberano Esclarecido é acusado de cometer um crime ou uma violação moral grave, contrária aos princípios fundamentais da nação.

- **Mecanismo de Ativação:**

1. O caso deve ser obrigatoriamente recebido e julgado primeiro pela Suprema Corte.
2. Somente após a Suprema Corte emitir um veredito oficial de que o Soberano Esclarecido é "culpado", o Conselho de Sábios terá base para se reunir e votar.
3. Se a maioria dos membros do Conselho de Sábios votar pela aprovação do veredito da Corte, o Soberano Esclarecido será forçado a deixar o cargo.

- **Frequência:** Pode ocorrer a qualquer momento durante o mandato, assim que o fato e o veredito da Corte existirem.
- **Propósito:** Garantir a mais alta responsabilidade por crimes, impedindo o abuso do processo de impeachment para fins políticos com base em acusações infundadas.

Caso 2: Impeachment Periódico (Avaliação Obrigatória)

- **Razão:** Avaliar a eficácia da governança e o nível geral de confiança no Soberano Esclarecido após um longo período no cargo.
- **Mecanismo de Ativação:** Ocorre automaticamente de acordo com o cronograma estabelecido na Constituição.
- **Frequência:** Duas vezes por mandato, nos marcos do 10º e do 20º ano.

Caso 3: Impeachment Extraordinário (iniciado pelo Conselho de Sábios)

- **Razão:** O Conselho de Sábios tem profundas preocupações sobre a direção política ou a capacidade de governança do Soberano Esclarecido, mas a situação ainda não atingiu o nível de uma violação moral grave para ativar o Caso 1.
- **Mecanismo de Ativação:** Deve ser proposto por uma certa proporção de membros do Conselho de Sábios (ex: mínimo de 1/3).
- **Frequência:** Só pode ser usado uma única vez durante todo o mandato do Soberano Esclarecido.

- **Período de Aplicação:** Só pode ser ativado na "janela de oportunidade" do 11º ao 19º ano do mandato.
- **Propósito:** É uma ferramenta de supervisão flexível e poderosa, permitindo que o Conselho de Sábios intervenha quando necessário, sem ter que esperar pelos marcos periódicos.

Além disso, para evitar o risco de "demagogia" e culto à personalidade, a lei também proíbe o Estado de usar o orçamento ou o poder para promover a imagem do Soberano Esclarecido em exercício. Especificamente, a impressão de sua imagem em moeda ou a exigência de pendurar seu retrato em repartições públicas não são permitidas.

B. O Conselho de Sábios: O Farol Moral

Razão da necessidade:

Um Soberano Esclarecido, por mais sábio que seja, ne pode ser a garantia eterna para o destino da nação. É

precisamente por isso que uma instituição mais duradoura deve ser estabelecida: o Conselho de Sábios. Uma vez empossado, cada sábio deve colocar o interesse comum da nação acima de tudo, servindo como o guardião da alma da nação, e não apenas como um representante dos interesses do grupo que o elegeu com sua confiança.

Papel:

O Conselho não é um segundo órgão de poder, mas uma "constelação guia", o farol moral da nação. Seu papel não é governar, mas orientar, o que se manifesta através das três missões principais a seguir:

- **Selecionar e Assegurar a Sucessão Sábia:** Esta é a responsabilidade fundamental e mais importante do Conselho. Eles são os iniciadores, avaliadores e condutores do processo de busca e seleção do Soberano Esclarecido sucessor, garantindo a quebra do ciclo de "ascensão e queda" que é a tragédia de todas as instituições.
- **Aconselhar e Supervisionar o Soberano Esclarecido:** O segundo papel do Conselho é servir como um espelho para a reflexão do líder. Eles têm o dever de "aconselhar e supervisionar o Soberano Esclarecido, garantindo que todas as

grandes decisões estejam em conformidade com os princípios morais fundamentais".

- **Conduzir a Sociedade pela Moralidade (Sem Imposição):** Por fim, o Conselho de Sábios é o símbolo da consciência e da sabedoria de toda a nação. Sua influência he vem do poder coercitivo, mas do respeito natural do povo por sua virtude e sabedoria.

Estrutura, Sucessão e Operação Interna:

O Conselho de Sábios é composto por 25 membros titulares e 25 membros suplentes. Os membros suplentes têm o direito de participar de todas as atividades do conselho e de expressar suas opiniões, com a única diferença de que não possuem o direito de voto padrão como os membros titulares.

Quanto à estrutura interna, a posição de todos os 25 membros titulares no Conselho de Sábios é de total igualdade. O Conselho pode designar um porta-voz para falar em nome do coletivo quando houver consenso, mas essa pessoa não desempenha um papel de liderança e não possui qualquer autoridade superior aos outros membros. Ao mesmo tempo, cada membro ainda tem total liberdade para se pronunciar a

título pessoal, ou em representação de um pequeno grupo de outros membros do Conselho que compartilham da mesma opinião sobre um assunto específico.

O mandato de cada sábio é de 25 anos, sem reeleição, e eles servem entre os 30 e 85 anos de idade. O principal mecanismo de sucessão opera segundo o princípio da "renovação geracional": a cada 5 anos, uma eleição será realizada para substituir os 5 membros com mais tempo de serviço. No caso de haver mais de 5 membros com o mesmo tempo de serviço, o mais velho renunciará primeiro. A força do Conselho reside em sua sabedoria coletiva. Embora alguns "faróis" possam escurecer temporariamente, a maioria permanecerá acesa, o suficiente para iluminar o caminho para o Soberano Esclarecido e para toda a nação.

Lidando com vagas inesperadas:

No caso de um membro titular não poder continuar suas funções (devido a renúncia, impeachment ou falecimento), os 24 membros titulares restantes realizarão uma votação para selecionar um substituto da lista de 25 membros suplentes.

Supervisão e Impeachment de Membros:

Para garantir a integridade do Conselho, um mecanismo de impeachment de membros será aplicado de forma consistente quando um membro for considerado culpado de uma violação moral grave. Uma votação de impeachment pode ser iniciada de duas maneiras:

- Por proposta do Soberano Esclarecido (no máximo 5 vezes durante seus 25 anos de mandato).
- Por proposta dos próprios membros do Conselho, com um documento que deve ter a assinatura de no mínimo 3 membros.

Independentemente de como for proposta, a decisão final será determinada por uma votação, com o peso dos votos distribuído da seguinte forma: o Soberano Esclarecido detém 1/3 e os 24 membros restantes do Conselho detém 2/3.

Parte VI: Mecanismos Operacionais Detalhados

Uma boa filosofia deve ser expressa através de uma estrutura operacional enxuta, eficiente e moral. Este não é o lugar para desenharmos processos complexos, mas para traçar os princípios fundamentais que ajudam a sociedade a operar da maneira mais harmoniosa possível por conta própria.

A. Aparelho de Estado Minimalista e Lei Fundamental:

Conselho Consultivo Legislativo e Consulta Pública:

Órgãos representativos como os Congressos atuais frequentemente se tornam inchados e facilmente

influenciados por grupos de interesse. Em vez disso, este modelo estabelece um Conselho Consultivo Legislativo:

Será enxuto, composto pelos maiores especialistas indicados por organizações profissionais de prestígio e avaliados moralmente pelo Conselho de Sábios. Seu papel é pesquisar, redigir e debater projetos de lei para aconselhar o Soberano Esclarecido, sem o poder de votar para aprovar leis. Todo projeto de lei, após redigido, deve ser amplamente divulgado em um aplicativo móvel nacional para coletar opiniões através de pesquisas antes de ser submetido à decisão do Soberano Esclarecido.

1. Estrutura e Benefícios:

- O Conselho também será composto por 25 membros titulares e 25 membros suplentes.
- A remuneração será aplicada segundo um quadro semelhante: uma faixa salarial alta e flexível, suficiente para atrair os melhores especialistas jurídicos (exemplo: variando de 8 a 15 vezes a renda média).

2. Mecanismo de seleção: Os membros serão selecionados de três fontes:

- 15 membros indicados e eleitos por organizações jurídicas profissionais de prestígio em todo o país (como a Ordem dos Advogados, as principais Faculdades de Direito, o Conselho de Magistrados...).
- 5 membros indicados pelo Soberano Esclarecido.
- 5 membros eleitos diretamente pelo povo.

3. Mecanismo de Sucessão: O princípio da "renovação geracional" também será aplicado:

- A cada 5 anos, os 5 membros com mais tempo de serviço serão substituídos.
- Dentro dos 5 substituídos, a estrutura será mantida: o Soberano Esclarecido designa 1 pessoa, o povo elege 1 pessoa, e os 3 restantes serão escolhidos pelas organizações jurídicas.

Constituição Minimalista e Lei Baseada em Princípios:

A Constituição deste modelo deve ser minimalista em sua essência, curta o suficiente para que quase todos os cidadãos possam aprendê-la de cor desde os tempos

de escola. Quando a Constituição está no coração de cada pessoa, ela se torna uma bússola moral interna. Da mesma forma, o sistema legal será construído com base em princípios abrangentes, em vez de regulamentações detalhadas.

Princípios Judiciais Fundamentais:

O sistema judicial independente operará com base nos seguintes princípios morais fundamentais:

- **Distinguir claramente entre Punição (para com o Estado) e Indenização (para com a Vítima):**
 - Para casos criminais ou infrações de natureza pública (como leis de trânsito), todas as punições em dinheiro pagas ao Estado serão abolidas. O dinheiro ne pode ser usado para atenuar ou substituir a punição. Em vez disso, a punição terá um caráter educativo, corretivo e de serviço comunitário, garantindo a equidade absoluta entre ricos e pobres.
 - No entanto, o infrator ainda tem a obrigação de indenizar integralmente os

danos materiais e morais à vítima. Essa indenização é uma responsabilidade civil paralela, e seu cumprimento não é considerado motivo para atenuar a punição pública.

- Para casos puramente cíveis, o tribunal dará prioridade à mediação, e as partes podem usar dinheiro para resolver suas obrigações mutuamente, por acordo.

- **Respeito às Decisões do Tribunal:**

- Para crimes graves, a decisão do tribunal é final e deve ser executada rigorosamente, sem interferência de outros ramos do poder.

- **Mecanismo de Clemência com Supervisão e Escuta:**

O Soberano Esclarecido não tem o poder de intervir no judiciário, incluindo a concessão de indulto. Um processo de clemência rigoroso e humano será aplicado em 3 etapas:

- **Etapa 1 (Proposta da Base):** A proposta de clemência deve partir do nível de base, ou seja, da pessoa que gerencia

diretamente o prisioneiro, com base no processo de reabilitação e no arrependimento genuíno da pessoa.

- **Etapa 2 (Avaliação e Escuta):** Esta proposta deve então ser reavaliada de forma independente por um Tribunal Superior. Durante este processo, o Tribunal é **obrigado a obter a opinião oficial** da vítima ou de sua família. Esta opinião é um fator consultivo importante, mas **não tem poder de veto**. O Tribunal tomará a decisão final com base no equilíbrio entre as evidências de reabilitação do prisioneiro, a dor da vítima e a segurança geral da sociedade.
- **Etapa 3 (Aprovação Final):** Se aprovado pelo Tribunal após a consideração de todos os fatores, o processo será submetido ao chefe do poder judiciário (equivalente ao Ministro da Justiça) para a assinatura da decisão final.

Estrutura administrativa:

Em termos de estrutura administrativa, a nação será dividida em Províncias (ou Estados). O número de províncias não será fixo, mas dependerá das características de cada nação, devendo ser razoavelmente limitado para garantir a eficiência e evitar a burocracia. Por exemplo, um número entre **13 a 18 províncias** pode ajudar a manter o aparato enxuto. Este princípio de ramificação será aplicado de forma consistente aos níveis mais baixos: cada Província/Estado será dividida em cerca de **13-18 Distritos/Municípios**, e assim por diante, descendo aos níveis de Comuna e Aldeia/Povoado. Essa estrutura garante que, em cada nível, o líder tenha uma "esfera de controle" eficaz, ajudando o aparato a coordenar-se de forma coesa e fluida de cima a baixo.

B. Orçamento Público e Economia

1. Princípios de Operação do Orçamento:

Para garantir a autonomia da nação e evitar sobrecarregar as gerações futuras, o orçamento do Estado operará com base em duas regras de ouro:

- **Orçamento Absolutamente Equilibrado:** O Estado só pode gastar dentro do orçamento arrecadado. É absolutamente proibido gastar com déficit. Por exemplo, se a arrecadação total do orçamento for de 10 bilhões de dólares, a despesa total não pode exceder 10 bilhões de dólares.
- **Dívida Pública Zero:** O Estado é estritamente proibido de tomar empréstimos de qualquer organização, nacional ou estrangeira, sob qualquer forma e por qualquer motivo. O ônus e a oportunidade de investir no desenvolvimento econômico pertencem inteiramente ao setor privado; eles mesmos tomarão empréstimos, investirão e colherão os benefícios.

2. Minimização do Risco de Corrupção através da Escala:

- Um dos mecanismos mais eficazes de combate à corrupção é a **redução drástica da escala do orçamento do Estado**. Quanto menos dinheiro um aparato estatal gerencia, mais as

oportunidades e a escala da corrupção são naturalmente limitadas. Mesmo que a taxa de perda por corrupção seja a mesma, o dano absoluto para a nação será muito menor. A perda de uma parte de um tesouro de 10 bilhões de dólares será muito menos dolorosa do que a perda da mesma proporção de um tesouro de 100 bilhões de dólares.

3. Redução do Orçamento e Tributação Minimalista:

Uma sociedade com uma base moral elevada, onde o crime diminui naturalmente e não há ambições expansionistas, não precisará de um aparato de defesa e segurança massivo. O orçamento público será reduzido ao mínimo. Isso permite a manutenção de um sistema tributário extremamente simples, composto por apenas dois tipos principais:

- **Imposto sobre Valor Agregado (IVA):** Baseado no princípio justo de "quem consome mais, contribui mais".
- **Imposto de Renda da Pessoa Jurídica:** Com uma alíquota razoável e estável.

Impostos de natureza "confiscatória" sobre o fruto do trabalho, como o Imposto de Renda da Pessoa Física, serão abolidos. Com base no Princípio Divino, na Lei

de Causa e Efeito e nas bênçãos, vejo que a aplicação de impostos como o IRPF atual é uma forma de "roubo descarado, porém legal".

4. O Estado é o Árbitro, não o Jogador:

O Banco Central existirá como um órgão independente, mas com um papel muito limitado: gerenciar a emissão de moeda de forma responsável e estabelecer um "teto para a taxa de juros" como uma linha moral contra a agiotagem. Além disso, o Estado não interferirá no mercado. Para grandes projetos de infraestrutura, o orçamento do Estado investirá apenas em obras que não podem gerar lucro (como diques).

Todos os projetos com potencial de lucro (pontes, estradas, aeroportos, portos...) serão totalmente abertos ao setor privado, incluindo investidores estrangeiros.

5. Processo Orçamentário e Descentralização da Responsabilidade:

O processo anual de aprovação e execução do orçamento será simplificado para garantir a decisão firme e a responsabilidade, substituindo completamente o papel de um Congresso:

- **Proposta do Chanceler:** Anualmente, o Chanceler e o governo serão responsáveis por

elaborar e apresentar ao Soberano Esclarecido um **plano orçamentário abrangente** para o ano seguinte.

- **Aprovação do Soberano Esclarecido:** O Soberano Esclarecido é a autoridade máxima e final na aprovação da alocação do orçamento para os grandes setores (defesa, administração, fundos de reserva...). Sua decisão baseia-se na adequação do plano à visão de longo prazo e aos princípios financeiros da nação.
- **Execução pelo Chanceler:** Após a aprovação do orçamento geral pelo Soberano Esclarecido, o Chanceler terá plenos poderes para dirigir, gerenciar e gastar dentro desse orçamento para operar o governo. Isso inclui o poder de decidir sobre o financiamento de projetos que surjam inesperadamente.

Este mecanismo estabelece a responsabilidade de forma absoluta: o Chanceler é responsável pela eficiência dos gastos, mas o Soberano Esclarecido tem a responsabilidade suprema pela sabedoria e clareza ao aprovar esse plano, bem como ao ter escolhido o Chanceler.

* * *

C. Sociedade (Educação, Saúde, Previdência, Partidos Políticos, Ciência, etc.)

- **Filosofia de "O Estado não intervém":**

O Estado não é o melhor professor nem o melhor médico. Esse papel pertence aos próprios educadores e médicos dedicados. Portanto, o Estado não interferirá na maioria das atividades sociais.

- **Religião: Liberdade Absoluta, Respeito Profundo**

Uma República Moral reconhece que a jornada espiritual é o caminho mais sagrado de cada alma. O papel do Estado é proteger o espaço para essa jornada, e não gerenciá-la ou censurá-la.

la. Portanto, a política religiosa operará com base nos seguintes princípios:

1. Liberdade de Crença e Prática sem Necessidade de Registro:

- O Estado não terá qualquer órgão para administrar a religião. O conceito de "religião reconhecida pelo Estado" não existirá.
- Todos os indivíduos e organizações têm liberdade absoluta para praticar, difundir e desenvolver suas crenças, sejam religiões tradicionais ou novas escolas de cultivo espiritual.
- Eles não precisam pedir permissão ou registrar suas atividades com o Estado, desde que tais atividades não violem as leis básicas da sociedade.

2. O Apoio do Estado: Facilitador, não Interventor:

- **Apoio Espiritual:** O Conselho de Sábios e o Soberano Esclarecido podem fazer declarações oficiais para reconhecer e enaltecer os belos valores morais com os

quais as comunidades religiosas contribuem para a sociedade.

- **Apoio Material (condicional):** O Estado pode considerar a **cessão de terras** para que organizações religiosas construam suas instalações de culto, se julgar razoável e houver o consentimento da comunidade local.
- Além deste apoio fundamental, o Estado **não terá nenhuma outra prioridade** financeira ou legal para qualquer religião.

3. Separação Clara entre Fé Pessoal e Função Pública:

- O Soberano Esclarecido, os membros do Conselho de Sábios e todos os funcionários públicos têm o direito de ter suas próprias crenças.
- No entanto, ao participar de atividades religiosas, eles devem fazê-lo na **qualidade de cidadãos individuais**, não podendo usar o nome ou os privilégios do Estado.

- O Soberano Esclarecido e todos os níveis de liderança são **estritamente proibidos** de usar o poder para forçar ou sugerir que alguém siga a mesma crença que eles.

4. "Templo para Adoração ao Céu": O Símbolo Espiritual e Moral da Nação:

- Embora respeitando a diversidade de todas as crenças, a nação construirá uma estrutura espiritual comum, he pertencente a nenhuma religião específica, chamada "**Templo para Adoração ao Céu**".
- **Filosofia e Design:** A arquitetura do "Templo para Adoração ao Céu" deve refletir um equilíbrio entre dois elementos: por um lado, deve refletir um **profundo respeito pelas tradições espirituais e crenças genuínas** da humanidade; por outro lado, deve destacar e ancorar os **valores morais universais e centrais** que a nação adota como fundamento. Todo o design deve ser imbuído da identidade cultural da nação.

- **Função e Papel Exclusivo:** O "Templo para Adoração ao Céu" é um espaço com um papel exclusivo, a ser usado apenas para as cerimônias mais importantes e sagradas da nação, presididas pelo Soberano Esclarecido ou pelo Conselho de Sábios. Para garantir a solenidade absoluta, quaisquer outras atividades de indivíduos, grupos ou organizações religiosas he serão permitidas de serem organizadas livremente aqui.
- **Cultura e Artes: O Fundamento da Alma da Nação**

Uma nação pode ser rica economicamente e forte militarmente, mas se sua cultura decair, essa nação é apenas um corpo sem alma. No sistema de valores de um líder sábio, **a Religião é a raiz da moralidade, a Cultura é o fluxo que nutre a alma, e a Educação é a ferramenta para a sua transmissão.** Portanto, a cultura e as artes (incluindo poesia, música, cinema, pintura...) são uma área valorizada ao mais alto nível. No entanto, a arte genuína não pode nascer de um decreto. O papel do Estado é criar um ambiente onde a Beleza e a Bondade possam brotar

naturalmente, e he ser um jardineiro que poda todos os galhos e folhas ao seu gosto.

1. O Estado não Intervém, Apenas Orienta:

- Não haverá nenhum "Ministério da Cultura" ou órgão de censura. O Estado não financiará, não controlará e não emitirá diretrizes sobre o conteúdo criativo.
- O artista tem liberdade absoluta para criar. Se uma obra será ou não aceita pela sociedade dependerá de seu próprio valor moral e profundidade.

2. Tomar a Moralidade e a Reverência ao Divino como Fundamento:

- A arte genuína é a expressão humana da beleza do Divino, é o louvor à bondade, é a exposição da falsidade para guiar as pessoas de volta à Verdade.
- A sociedade será orientada a valorizar obras que tenham a capacidade de **eleva**r a **alma humana**, em vez de formas de arte decadentes.

3. O Conselho de Sábios como o Farol Estético:

- O papel de orientação do Estado será realizado de forma sutil através do **Conselho de Sábios**.
- Quando o Conselho de Sábios valoriza publicamente uma obra que expressa profundamente os valores de Verdade-Compaixão-Tolerância, essa é a orientação mais preciosa, criando naturalmente uma corrente cultural voltada para o bem, sem a necessidade de coerção.

- **Educação:**

Não haverá um "Ministério da Educação" com poder absoluto como o atual. Em vez disso, será estabelecido um **Conselho Consultivo de Educação**. O papel deste conselho não é aconselhar o Soberano Esclarecido, mas ser um órgão de orientação geral para todo o sistema educacional, incluindo escolas, editoras, pais e alunos. Eles são o farol do conhecimento e da moralidade para todo o setor.

- **Estrutura e Benefícios:** O conselho é composto por 25 membros titulares e 25

suplentes, pagos pelo Estado. O salário é equivalente a cerca de 8 a 15 vezes a renda média do povo para os membros titulares, e de 5 a 10 vezes para os suplentes.

- **Mecanismo de Seleção:** Os membros serão selecionados de três fontes: 15 membros indicados e eleitos pelas escolas de todo o país; 5 membros indicados pelo Soberano Esclarecido; e os 5 restantes eleitos diretamente pelo povo. Ou seja, a cada eleição periódica de 5 anos, 5 pessoas serão substituídas, das quais o Soberano Esclarecido designa 1, o povo elege 1, e as outras 3 são escolhidas pelas escolas à sua maneira.
- **Princípio de Operação:** Os membros deste conselho não serão políticos profissionais; eles continuarão a manter seus trabalhos e papéis existentes na sociedade (ex: advogado, CEO, cientista, monge...). O papel no conselho é um serviço em tempo parcial, porque o Estado precisa de sua virtude e sabedoria, não de todo o seu tempo. Assim como o Conselho Consultivo Legislativo, os membros também podem ser

estrangeiros, selecionados com base na sabedoria e experiência em vez da nacionalidade (no entanto, ao aceitar este cargo, eles também terão o status de cidadãos oficiais).

Este conselho não interfere na operação específica das escolas. Não haverá um currículo nacional ou exames unificados. A autonomia sobre o currículo e os métodos pedagógicos é totalmente concedida às escolas privadas.

- Não haverá um currículo nacional ou exames unificados. A autonomia sobre o currículo e os métodos pedagógicos é totalmente concedida às escolas.

Rede de Segurança Educacional: Para garantir que nenhuma criança fique sem estudar, o Estado manterá um sistema minimalista de escolas públicas no nível fundamental, dedicado exclusivamente a famílias em circunstâncias especialmente difíceis.

- **Órgão Operacional:** Este sistema será gerenciado por uma enxuta "Diretoria de Operações da Educação Pública", responsável apenas pela administração (alocação de orçamento, coordenação de

pessoal, instalações) e sem poder para interferir na especialização do ensino.

- **Recursos de Professores:** O corpo docente será composto principalmente por jovens que estão cumprindo o "Serviço Nacional". Para garantir a qualidade, a seleção dará prioridade ao grupo dos 10% mais excelentes do programa. Isso transforma o ensino na escola pública em uma nobre missão de serviço para a juventude de elite do país.

Claro, essas escolas públicas podem ter uma qualidade inferior à das escolas privadas e podem ser vistas pela sociedade com um certo estigma. Mas, de acordo com a Lei de Causa e Efeito, essa é a bênção e o carma de cada um. O fato de o Estado, por compaixão, garantir que todas as crianças possam ir à escola e adquirir conhecimento básico gratuitamente já é um privilégio. A responsabilidade de superar as dificuldades para mudar o próprio destino ainda pertence ao esforço de cada indivíduo.

- **Ciência e Tecnologia: A Força Motriz do Setor Privado, não uma Tarefa do Estado**

Na República Moral, o progresso da ciência e da tecnologia é visto como o resultado natural da criatividade e da necessidade da sociedade, não como um objetivo estratégico que o Estado deva perseguir com o orçamento.

- **Socialização de Todas as Atividades de Pesquisa e Produção:** O Estado não investirá, possuirá ou operará qualquer instituto de pesquisa ou fábrica. Todas as atividades de P&D e produção de alta tecnologia, incluindo a indústria de defesa, pertencerão ao setor privado. Quando necessário para fins de defesa, o governo adquirirá armas de fornecedores privados em quantidades limitadas.
- **Sem Aparato de Gestão da Ciência:** Para demonstrar a total não intervenção, o Estado não terá um "Ministério da Ciência e Tecnologia". O Estado não terá o papel de avaliar ou conceder patentes. Essa responsabilidade pertencerá a organizações profissionais independentes estabelecidas e operadas pela sociedade civil e pelo setor privado. O Estado manterá apenas um órgão administrativo minimalista para registrar e reconhecer legalmente as patentes que foram

concedidas por essas organizações de prestígio, a fim de garantir que os direitos de propriedade intelectual dos cidadãos sejam protegidos perante os tribunais.

- **Grupos e Partidos Políticos: Voz Respeitada, Poder Limitado**

As democracias modernas foram profundamente feridas pelas lutas partidárias, onde a lealdade ao partido é frequentemente colocada acima do interesse da nação. Para quebrar este ciclo, a República Moral estabelecerá um modelo completamente novo para as atividades político-sociais, baseado no princípio fundamental de: **separar a voz do poder**.

- 1. Liberdade de Associação e Neutralidade Absoluta:**

- Todos os cidadãos têm liberdade absoluta para formar grupos, organizações sociais ou partidos políticos **sem a necessidade de registro ou permissão** do Estado.

- O governo manterá uma atitude de **neutralidade absoluta**: não haverá nenhuma ação específica de apoio ou oposição. Todas as atividades dessas organizações, incluindo os custos operacionais, são de sua própria responsabilidade.

2. Voz Respeitada, Poder Anulado: Este é o princípio mais revolucionário para garantir que os partidos não possam dominar o Estado:

- **O Direito à Voz:** Os partidos têm permissão para atuar como fóruns de pensamento. Eles podem apresentar plataformas, organizar seminários, comícios e fazer críticas e contrapontos publicamente às políticas do governo.
- **Poder Anulado:** No entanto, os partidos **não terão nenhum papel oficial no processo de eleição ou nomeação do Estado**. Eles **não têm o direito de enviar representantes** ou indicar candidatos para posições de poder centrais como o Soberano Esclarecido, membros do Conselho de Sábios ou cargos de Ministro.

- **Propósito:** Este princípio garante que os líderes nacionais sejam escolhidos com base no talento e na virtude individuais, e não no apoio de um partido. Ele transforma os partidos de "máquinas eleitorais" em "centros de pensamento" (think tanks), contribuindo para a sociedade com sabedoria, não com poder.

3. Separação entre Filiação Partidária e Responsabilidade Pública:

- Um líder, incluindo o Soberano Esclarecido, pode ser membro de um partido. Este é seu direito de liberdade individual.
- No entanto, ao exercer a função pública, eles devem agir com a única qualidade de um servidor da nação, responsável perante todo o povo, **não podendo agir em nome ou em benefício de seu partido**. O uso do poder do Estado para promover a agenda de um partido é estritamente proibido.

Com este modelo, a energia da sociedade não será desperdiçada em lutas partidárias inúteis. Em vez disso, será usada para construir uma

política baseada na sabedoria e na responsabilidade individual.

- **Saúde: A Bondade dentro dos Limites do Princípio Divino**

Na perspectiva dos Sábios, nada acontece por acaso. A doença e a adversidade de uma pessoa não são meramente uma falha do corpo, mas muitas vezes são parte do **arranjo do Divino** para ajudar essa alma a ter a oportunidade de sofrer para **eliminar o carma**. Mesmo um Buda com poderes ilimitados não curaria arbitrariamente todas as doenças da humanidade, pois fazer isso seria quebrar a Lei de Causa e Efeito. Portanto, o papel de um Estado que segue o Princípio Divino não é usar o poder do mundo humano para **interferir nesse arranjo**. A política de saúde, portanto, deve ser construída sobre a bondade, mas uma bondade acompanhada de humildade e sabedoria. Em vez de um sistema de bem-estar abrangente, o Estado estabelecerá apenas uma **"Rede de Segurança da Saúde"** como um gesto humanitário final, operando com base nos seguintes princípios:

- **Beneficiários:** Apenas para indivíduos desamparados, sem bens, e confirmados pela comunidade local como **totalmente incapazes de trabalhar** para se sustentarem financeiramente.
- **Método de Operação:** Uma enxuta "Diretoria de Operações de Saúde Humanitária" pagará os custos de tratamento para pessoas qualificadas em instalações de saúde privadas.
- **Limite Duplo (Frequência e Custo):** A razão para este limite duplo rigoroso é que um estado no mundo humano não pode, em nome da "humanidade", intervir continuamente, tirando inadvertidamente a oportunidade de uma pessoa pagar seu carma. Este limite é a linha moral:
 - **Quanto à Frequência:** O Estado apoiará os custos de no **máximo 3 vezes** para hospitalização ou tratamento de doenças graves ao longo da vida.
 - **Quanto ao Custo:** O custo total acumulado para essas 3

assistências **não excederá** um orçamento vitalício, equivalente a **1 ano de renda média** do povo.

Este limite demonstra que o Estado cumpriu seu dever com toda a bondade e, depois disso, **inclina a cabeça humildemente, não ousando ultrapassar sua posição** para interferir mais profundamente nos arranjos do Altíssimo em relação à bênção e ao carma daquela pessoa.

- **Reforma do Serviço Público: Serviço de Elite, Responsabilidade Máxima**

Para eliminar completamente a mentalidade de "acomodação e privilégio" e a praga da corrupção, o aparato do serviço público será reestruturado com o objetivo de construir uma equipe de **elite, adequadamente remunerada e responsabilizada no mais alto grau**. Este modelo é construído sobre os seguintes princípios fundamentais:

1. **Princípio da "Digitalização Máxima" e Socialização dos Serviços Públicos:**

- A base de um aparato estatal enxuto é a **transformação radical do método de prestação de serviços públicos.**
- A maioria dos serviços administrativos públicos será realizada inteiramente online através de um único portal de serviços nacional.
- Os serviços que não pertencem às funções essenciais do Estado serão **transferidos integralmente para o setor privado.**
- **Consequência:** Este princípio tornará o aparato do serviço público **extremamente enxuto**, restando apenas uma pequena equipe, especializada em formulação de políticas, supervisão e operação dos sistemas centrais.

2. Remuneração Digna para Eliminar a Corrupção pela Raiz:

- Como o aparato foi enxuto, o Estado tem recursos suficientes para investir em talentos. O salário dos funcionários públicos será fixado em um nível **alto e**

competitivo, cerca de 30% acima da média do mercado.

- **Propósito:** A alta remuneração visa **atrair os talentos mais brilhantes e eliminar completamente a desculpa para a corrupção.**

3. Mecanismo de Recrutamento: Empoderamento e Responsabilidade:

- O governo central emitirá apenas um "Quadro Geral de Recrutamento" com os princípios fundamentais de competência e moralidade.
- Dentro desse quadro, o chefe de cada órgão tem **plena autonomia** para projetar seu próprio processo de recrutamento, a fim de encontrar o talento mais adequado para sua unidade.

4. Igualdade na Previdência, Abolição do Privilégio da Aposentadoria:

- Assim como todos os outros cidadãos da sociedade, os **funcionários públicos terão um regime de aposentadoria separado fornecido pelo Estado.**

- A aplicação de um princípio de previdência comum para todo o povo eliminará completamente a mentalidade do "assento seguro", garantindo que todos tenham a mesma responsabilidade ao planejar sua velhice.

- **Projeto de um Sistema Anticorrupção a partir da Raiz**

Um serviço público de elite e bem remunerado deve andar de mãos dadas com um sistema projetado para **erradicar a corrupção pela raiz**. Em vez de focar apenas na punição final, este modelo se concentra em eliminar tanto o **motivo** quanto a **oportunidade** para cometer o ato ilícito.

1. Eliminar o Motivo da Corrupção:

- **Remuneração Digna:** Um salário 30% acima do mercado elimina a desculpa de "corrupção por pobreza".
- **Renda Vinculada à Eficiência:** Aplicar bônus baseados no desempenho e na satisfação do povo, incentivando os

funcionários a trabalharem pelo bem comum.

2. Minimizar ao Máximo a Oportunidade de Corrupção:

- **Aplicar um "Mecanismo Anônimo" para Grandes Decisões:** Para evitar conluios em grandes projetos, será aplicado um processo de aprovação anônimo, semelhante à correção de provas de vestibular. Tanto o licitante quanto o avaliador não conhecerão a identidade um do outro; a decisão final será baseada em um sistema de pontuação objetivo.
- **Operar Serviços Públicos pelo Princípio de "Prioridade Online, Processamento Anônimo":**
 - **Canal Prioritário (Online):** A maior parte dos serviços será realizada online. O sistema distribuirá automaticamente os processos aos funcionários de forma **aleatória e anônima**.
 - **Canal de Apoio (Offline em Duas Camadas):** Para casos especiais, os

cidadãos irão a empresas privadas de serviços públicos. Essas empresas apenas recebem e digitalizam os processos, que depois também serão inseridos no sistema de processamento aleatório e anônimo do Estado.

- **Resultado:** Independentemente de como o processo for submetido, a conexão direta entre o solicitante e o tomador de decisão é **completamente cortada**.
- **Rotação Obrigatória e Limite de Mandato:** Nenhum funcionário poderá permanecer em um cargo com poder de decisão por mais de **5-7 anos**, para quebrar a formação de "redes de interesse".

3. Respeito à Privacidade e Ênfase na Responsabilidade:

- O mecanismo de declaração obrigatória de bens e presentes será completamente abolido. Esta decisão baseia-se no princípio fundamental: "**Escolha bem as**

pessoas; uma vez que as use, deve confiar nelas".

- Um sistema bem projetado não precisa de uma medida que implique suspeita e ofenda a honra do funcionário público. O fato de eles terem renda adicional legal a partir de sua capacidade pessoal é algo a ser respeitado.

4. Punição Final para o Crime de Traição Intencional:

- **Escopo de Aplicação:** Esta punição é reservada apenas para os crimes mais graves, que demonstram traição intencional, como o **desvio deliberado de fundos públicos em grande escala** ou o **conluio com empreiteiros para desviar recursos, reduzindo a qualidade das obras públicas**.
- **Natureza do Crime:** Isso é considerado o crime de **"Trair Intencionalmente a Generosidade e a Confiança da Nação"**.
- **Punição:** **Confisco de todos os bens e a proibição permanente** de ocupar qualquer cargo público, sem

oportunidade de clemência para este crime.

5. Títulos e a "Doença do Desempenho" Para construir um serviço público íntegro e uma sociedade autêntica, o Estado não estabelecerá um mecanismo para gerenciar ou conceder qualquer tipo de título, prêmio ou medalha oficial. Este princípio previne desde o início a "doença do desempenho" e os comportamentos negativos que surgem da corrida pelo reconhecimento do governo. Em um serviço público íntegro, o único e mais nobre reconhecimento para um funcionário é a satisfação do povo, uma remuneração digna e o orgulho de servir. Ao mesmo tempo, a avaliação e a concessão de prêmios em campos profissionais pertencerão à liberdade da sociedade civil. Associações profissionais, organizações culturais, científicas... têm total liberdade para criar e homenagear indivíduos e obras de destaque de acordo com seus próprios critérios. O Estado mantém uma atitude de neutralidade absoluta e não interfere nessas atividades.

- **Previdência Social: Restaurando a Responsabilidade e a Piedade Filial**

Uma das decisões fundamentais e mais revolucionárias da República Moral é a **abolição completa do sistema de aposentadoria e seguro social obrigatório** gerenciado pelo Estado. Esta decisão não se deve a razões financeiras, mas a uma profunda percepção da moralidade e do Princípio Divino. O sistema de aposentadoria moderno, apesar de sua boa intenção inicial, infligiu inadvertidamente três profundas feridas na alma da sociedade:

- **Erosão da Piedade Filial:** Quebrou o vínculo sagrado e a responsabilidade natural dentro da família. Ao criar um "fundo de pensão" anônimo, o Estado inadvertidamente tirou dos filhos a oportunidade e o dever de expressar sua gratidão através do cuidado com os pais.
- **Criação de um Fardo Imoral:** Força as gerações futuras a arcar com uma dívida que não criaram, para pagar por um sistema do qual elas mesmas podem não se beneficiar.

- **Contraria o Princípio de "Trabalhar para Receber":** Viola o princípio fundamental de Causa e Efeito: "Quem faz muito, recebe muito; quem faz pouco, recebe pouco; quem não faz, não recebe". Ao separar o esforço individual do resultado recebido, ele inadvertidamente nutre uma **mentalidade de dependência, preguiça e corrói a autonomia.**

Em vez de delegar a uma máquina estatal, este modelo restaurará os **três pilares de previdência naturais e sustentáveis**, que foram a base de sociedades morais por milhares de anos:

- **Pilar 1: Responsabilidade Individual (A Base da Autonomia):** Cada adulto tem a responsabilidade básica de planejar e poupar para o seu próprio futuro. O Estado criará um ambiente econômico estável e com baixos impostos para incentivar duas formas principais de autonomia:
 - **Poupança e Investimento Pessoal:** As pessoas são livres para acumular seus próprios bens.

- **Planos de Aposentadoria Voluntários:** Todos podem participar livremente de planos de previdência, fundos de investimento privados para garantir sua velhice de forma proativa e eficaz.

- **Pilar 2: Responsabilidade Familiar (O Coração da Previdência):** O pilar mais sólido e nobre da previdência social é a família. Os filhos têm o **dever moral natural** de sustentar e cuidar dos pais na velhice. Esta não é apenas uma responsabilidade material, mas também a continuação da gratidão e a forma como as bênçãos e méritos são transmitidos na família.
- **Pilar 3: A Bondade e o Apoio da Comunidade (A Rede de Segurança Voluntária):** Para os menos afortunados (sem família, filhos ou que enfrentam adversidades), sua rede de segurança virá da **bondade e do apoio** da comunidade: sociedades de ajuda mútua, organizações de caridade, grupos religiosos e vizinhos.

Uma sociedade onde as pessoas cuidam de si mesmas, os filhos são devotados aos pais e a comunidade se apoia mutuamente não será apenas mais sustentável financeiramente, mas também muito mais nobre moralmente do que uma sociedade que delega a responsabilidade ao Estado.

D. Serviço Nacional: Servir é uma Responsabilidade Comum

Em vez do modelo tradicional de serviço militar obrigatório, o Estado estabelecerá um sistema de "Serviço Nacional" para todos os jovens, homens e mulheres, com idades entre 18 e 30 anos. Existem duas modalidades principais de serviço:

1. Modalidade Comum:

Esta é a opção padrão, com um período de serviço flexível de 6 meses a 1 ano. Os cidadãos podem se inscrever para o período desejado e escolher entre uma variedade de trabalhos, desde apoio administrativo e proteção ambiental até funções básicas nas forças armadas e na polícia. Aqueles que trabalharem longe

de casa terão alojamento e alimentação fornecidos pelo Estado. Os demais receberão um subsídio básico, equivalente a 70% do salário médio de um recém-formado.

2. Modalidade Alternativa (Para talentos especiais):

Indivíduos com habilidades especiais (empresários, cientistas, artistas, atletas...) podem solicitar a realização do serviço na modalidade alternativa. Para serem aprovados, eles devem atender a duas condições:

- **Contribuição Financeira Especial:** Pagar uma quantia ao orçamento equivalente a, por exemplo, 3 anos da renda per capita.
- **Contribuição com Expertise:** Comprometer-se a dedicar um certo número de horas para usar seu talento em serviço à comunidade (ex: mentoria para startups, atendimento médico gratuito, ensino...).

Mecanismo de Regulação e Isenção:

Para garantir a sustentabilidade, o Estado tem o direito de regular o programa, reduzindo temporariamente a duração ou o número de pessoas aprovadas, se necessário. Além disso, a análise dos casos de "Serviço

Alternativo" ou "Isenção Especial" (para indivíduos com contribuições extraordinárias) será decidida por um órgão especializado em Serviço Nacional ou pelo governo Provincial, com base em critérios transparentes. O Soberano Esclarecido e o Conselho de Sábios apenas estabelecem o princípio geral, não interferindo em casos específicos.

E. Preservando a Ordem Divina: As Linhas Limítrofes sobre a Vida e a Tecnologia

Uma república moral deve reconhecer que a arrogância do intelecto humano foi longe demais, ultrapassando a fronteira entre "curar" e "recriar" a vida, gerando atos que perturbam o Divino e contrariam o Princípio Divino.

Portanto, o Estado deve estabelecer linhas limítrofes claras. Para atos que quebram a ordem sagrada da vida e o livre-arbítrio, o Estado não os reconhecerá, não os protegerá, não os financiará e apenas emitirá recomendações com base em uma perspectiva moral. Tais atos incluem:

- **Aborto:** Isto não é um "direito de escolha", mas o ato de privar uma alma, cujo destino era vir ao mundo, da sua oportunidade de reencarnar.
- **Inseminação artificial por doador e barriga de aluguel:** Estes métodos rompem os laços sagrados de linhagem e os laços cármicos da família.
- **Violação da Vontade e do Pensamento:** Toda tecnologia, especialmente a Inteligência Artificial (IA) e os robôs, deve ser desenvolvida dentro dos limites de servir aos seres humanos, e não para controlá-los. Os seguintes atos, por violarem o nível mais profundo da alma e apagarem a fronteira sagrada entre a criação e a máquina, não serão apoiados:
 - Usar IA ou qualquer tecnologia para controlar ou manipular os pensamentos e o livre-arbítrio de um ser, seja humano ou animal.
 - Implantar chips ou dispositivos eletrônicos no cérebro de humanos ou animais com o propósito de controlar ou alterar sua natureza. Mesmo que esses projetos sejam feitos em nome da ciência e do progresso, eles ainda representam

um perigo incalculável para o futuro da humanidade e da ordem natural.

- Combinar o cérebro ou a consciência de um ser humano com um corpo de robô ou um sistema de computador, transformando o ser humano em uma forma de vida semimecânica.
- **Modificação genética em humanos e clonagem:** Este é o ato mais arrogante de "brincar de Deus", interferindo no código da vida que o Divino criou.
- **Interferência na ordem das espécies:** O uso da tecnologia para modificar genes, criar híbridos não naturais, tentar reviver espécies extintas ou criar espécies inteiramente novas são todos atos de arrogância. Essas ações quebram o equilíbrio do ecossistema que a Natureza levou milhões de anos para criar. Os métodos tradicionais de enxerto e cruzamento, em harmonia com a natureza, praticados pelos agricultores por gerações, não pertencem a esta categoria.
- **Transplante de órgãos:** A remoção de um órgão de um corpo para outro, mesmo que voluntária, também é uma interferência no todo perfeito que o Divino concedeu. Não é apenas uma troca

material, mas também uma perturbação de informações e da força cármica entre os seres.

- **Interferência em outros mundos:** Se um dia a ciência humana puder viajar para outros planetas ou entrar em outras dimensões, o princípio da inviolabilidade deve ser absolutamente respeitado. Não devemos interferir arbitrariamente no meio ambiente, apropriar-nos de recursos ou perturbar o funcionamento social dos seres desses lugares. O ato de sequestrar ou enganar seres de outros mundos para trazê-los à Terra como "cobaias" de laboratório ou exibi-los como "criaturas estranhas" também é um ato não apoiado. A violação de outros mundos também é uma expressão de arrogância e criará um carma imprevisível.

É preciso enfatizar que essas linhas morais são estabelecidas para cientistas e pessoas comuns que agem com base no intelecto e nos desejos humanos. Elas não se aplicam a casos especiais, quando um verdadeiro cultivador, com grande compaixão e virtude, recebe orientação e permissão direta do Divino para realizar uma determinada missão. Nesse caso, suas ações não são mais uma interferência do homem, mas já se tornaram parte dos arranjos da Vontade Divina.

O Estado não punirá automaticamente qualquer indivíduo ou organização que pratique os atos acima, a menos que haja uma queixa da vítima, ou quando as autoridades encontrarem evidências de crime como coação, fraude ou tráfico de partes do corpo humano. Uma sociedade que realmente respeita a vida não buscará "recriá-la" de acordo com sua própria vontade, mas viverá humildemente em harmonia com as leis que foram pré-estabelecidas.

F. Meio Ambiente

Uma sociedade moral deve saber respeitar o Céu e a Terra. A política ambiental deve abordar ambos os aspectos: modificar o comportamento no reino humano e compreender as causas em um nível mais profundo. Adotaremos os padrões mais rigorosos do mundo para o tratamento de emissões e efluentes, semelhantes ao modelo dos países nórdicos e do Japão. Ao mesmo tempo, a política de reflorestamento proibirá o plantio de monoculturas de árvores prejudiciais ao solo, como o eucalipto, focando-se, em vez disso, na restauração de ecossistemas florestais naturais e diversificados.

* * *

Parte VII: Relações com o Mundo Exterior

Uma nação moral não pode ser uma ilha isolada, mas também não pode ser arrastada para os jogos de poder do mundo. A política externa deve ser um reflexo da filosofia interna: respeito, humildade e firmeza.

A. Política Diplomática: Pacifismo e a Linha da Não Intervenção

Esta nação estará disposta a estabelecer relações diplomáticas e a cooperar com todos os países, independentemente do sistema político ou da ideologia. A base de todas as relações é o respeito

absoluto pelas crenças, cultura e soberania independente de cada um.

No entanto, o princípio de "não intervenção nos assuntos internos" precisa ser claramente definido:

- **No Discurso - A Responsabilidade de um Farol Moral:** Quando um regime pratica atos cruéis que violam os valores morais universais – como a perseguição religiosa ou o genocídio – denunciar a verdade não é intervir. O silêncio diante do mal é cumplicidade com o mal. Nosso papel é lançar luz sobre os lugares escuros, e não ser um exército de conquista.
- **Na Ação - O Respeito Absoluto pela Soberania:** A verdadeira intervenção ocorre apenas quando uma nação usa medidas coercitivas (econômicas, militares) para forçar outra nação a mudar suas políticas internas. Mas quando uma nação invade outra nação soberana, isso não é mais um "assunto interno". Nesse caso, temos o direito de tomar ações concretas, como sanções econômicas, não para intervir nos assuntos internos da nação agressora, mas para proteger a ordem e a paz internacional.

B. Militar: Doutrina de "Defesa Neutra"

Com uma defesa que visa apenas à autoproteção, esta nação não participará de nenhuma aliança militar em tempos de paz. As alianças militares geralmente vêm com compromissos que podem arrastar o país para conflitos que não são seus, contrariando o espírito de pacifismo. Somente no caso em que a independência e a sobrevivência da nação estiverem verdadeiramente ameaçadas, a formação de uma aliança temporária para fins de defesa legítima será considerada.

C. Comércio Internacional: Liberdade Absoluta e a Eliminação do "Contrabando"

Nossa filosofia econômica doméstica é o respeito ao mecanismo de mercado. A política de comércio internacional deve ser uma extensão dessa filosofia. O Estado não imporá qualquer tipo de tarifa de importação ou exportação.

Uma consequência natural desta política é que o conceito de "contrabando" para a maioria das mercadorias deixará de existir. Todos os cidadãos terão permissão para comprar, vender e transportar livremente através das fronteiras nacionais ativos como ouro, câmbio estrangeiro ou moedas digitais. A

única exceção é uma lista muito restrita de produtos absolutamente proibidos por serem claramente prejudiciais à sociedade, como narcóticos ou armas de destruição em massa.

D. Organizações Globais: O Papel de "Observador com Voz"

Esta nação participará da maioria das grandes organizações internacionais, mas com um papel especial: "Observador com Voz". Estaremos presentes nas discussões para ouvir e compartilhar pontos de vista, mas não participaremos de votações juridicamente vinculativas ou de operações militares internacionais. Isso garante a absoluta independência da nação. No entanto, estaremos sempre prontos para contribuir voluntariamente com recursos financeiros e humanos para atividades de ajuda humanitária internacional.

E. Imigração e Cidadania: Acolhendo os Autossuficientes, Filtrados pela Comunidade

Nossa filosofia é a de uma nação aberta. O Estado não desempenhará o papel de um "juiz moral" para julgar a alma de uma pessoa.

- **Critérios de Cidadania:** Haverá apenas dois critérios objetivos:

- **Autossuficiência Econômica:**

Comprovar ter um emprego estável (exemplo: 1 ano para um indivíduo, 3 anos para patrocinar a família).

- **Histórico Judicial:** Aplicamos o princípio da "Redenção e Proteção da Consciência". Pessoas com antecedentes criminais comuns ainda poderão entrar, mas serão monitoradas. Para criminosos procurados internacionalmente, o Estado cooperará com as organizações de justiça internacionais com base nos princípios de justiça, evidências claras e respeito à soberania, garantindo que a nação não se torne um refúgio para criminosos. Em especial, os "**prisioneiros de consciência**" condenados por outros regimes por motivos de crença ou opinião política terão todas as condições para obter a cidadania e serão protegidos como cidadãos de pleno direito.

- **Mecanismo de Filtragem Natural:** Não teremos um "teste de moralidade". Em vez disso, uma sociedade com uma base moral elevada será, por si só, um ambiente inadequado para pessoas com intenções desonestas. Elas se sentirão deslocadas e partirão por conta própria.

F. Superando a Questão da Escala Nacional

Este modelo não depende da escala; ele torna a questão da escala irrelevante. Como o poder real foi devolvido às comunidades locais, uma nação, seja grande ou pequena, pode funcionar bem. Isso ajudará a garantir que mesmo uma nação de escala gigantesca como os EUA ou a China não se torne mais "temível e arrogante", pois o motivo para o expansionismo foi eliminado pela raiz.

* * *

Parte VIII: Gestão de Crises e a Fase de Transição

A. Mecanismo Nacional de Resposta a Crises: Refletir Primeiro, Combater o Fogo Depois

No mundo moderno, quando ocorre um desastre – seja uma pandemia, um supertufão ou um terremoto – as pessoas tendem a chamá-lo de "desastre natural" e a recorrer imediatamente a soluções técnicas. Mas uma república moral deve ter uma visão mais profunda.

Devemos entender que nada é por acaso. Um desastre de escala nacional não é meramente um movimento anômalo da natureza. É o mais severo aviso dos Céus Superiores, um espelho que reflete os erros morais que tanto a sociedade quanto seus líderes acumularam.

Portanto, o papel dos líderes em diferentes níveis durante uma crise é muito claramente definido:

- **O Papel dos Líderes Provinciais:** A responsabilidade de "combater o incêndio" – evacuar pessoas, prestar socorro, remediar as consequências materiais – pertence aos líderes locais. Eles são os que devem agir da forma mais rápida e eficaz para minimizar os danos ao povo. O governo central, neste momento, desempenha um papel de coordenação, abrindo as reservas nacionais e facilitando o apoio mútuo entre as províncias.
- **O Papel do Soberano Esclarecido e do Conselho de Sábios:** Sua tarefa não é correr de um lado para o outro dirigindo subordinados, nem aparecer nos locais mais atingidos para mostrar uma preocupação superficial. Sua mais nobre tarefa neste momento é a **Reflexão**. Quando os Céus Superiores enviam um aviso, o chefe da nação deve ser o primeiro a ouvir. O Soberano Esclarecido e o Conselho de Sábios precisam se sentar em calma, voltar-se para dentro com sinceridade para reexaminar a si mesmos, para ver quais decisões e diretrizes prejudicaram o povo e o país, danificaram a moralidade social e foram contra o Princípio Divino.

A verdadeira ação do Soberano Esclarecido não é ficar no meio da tempestade, mas apontar o caminho da

reforma a partir da raiz, para que tempestades como essa não ocorram mais.

B. Roteiro de Transição: O Despertar Natural da História

Muitas pessoas, após lerem até aqui, farão a pergunta mais prática: Como ir do nosso mundo caótico para tal república? Quais são os passos concretos?

Sinceramente, eu não tenho e não oferecerei um roteiro detalhado. Qualquer plano de transição específico traçado a partir de hoje seria um ato de arrogância e miopia. Porque este modelo não pode ser imposto por uma revolução política ou um decreto de cima para baixo. Não é um software que pode ser "instalado" em uma sociedade. Deve ser um "brotar" natural de dentro.

A transição não começará com os políticos, mas com os indivíduos comuns – quando um número suficiente deles se sentir cansado demais da falsidade e começar a jornada de volta à sua própria verdade. Começará nas famílias, nas pequenas comunidades, antes de se espalhar como uma onda de despertar por toda a sociedade.

A conclusão para um futuro aberto, portanto, não é um plano, mas uma fé inabalável:

"Não espero ver este sonho se tornar realidade em minha vida, mas acredito que, quando a humanidade se cansar das instituições artificiais, eles retornarão às verdades simples: tomar o Dao como raiz, o coração como mestre e os sábios e talentosos como pilares."

A história tem suas próprias leis. Nossa tarefa não é desenhar o mapa para o futuro, mas semear as sementes da moralidade no presente.

* * *

Parte IX: Apêndice sobre Números Ilustrativos

Caro Julian, os números e processos abaixo não são leis imutáveis, mas apenas meus esboços iniciais de como os princípios acima podem ser realizados. O projeto detalhado final deve pertencer à sabedoria e ao consenso dos sábios daquela época, com base em suas circunstâncias reais.

Apêndice A: Princípios sobre a Liderança Suprema e as Instituições Centrais

1. Direitos de Propriedade e Liberdade da Família do Soberano Esclarecido:

Princípio 1: Respeito à Propriedade Pessoal antes e depois do Mandato.

Preservação do Direito de Propriedade Pessoal: O fato de um indivíduo assumir o cargo de Soberano Esclarecido é um ato de serviço à nação, não uma renúncia aos seus direitos civis. Portanto, todos os bens legais que o Soberano Esclarecido e sua família adquiriram antes de sua posse, bem como os bens formados legalmente a partir de salários e atividades pessoais durante e após o mandato, são reconhecidos como propriedade privada e inviolável, como os de qualquer outro cidadão.

Princípio 2: O Direito à Liberdade de Trabalho e Negócios da Família.

Direito à Liberdade de Desenvolvimento de Carreira dos Parentes: Os membros da família do Soberano Esclarecido têm total liberdade para estudar, trabalhar, fazer negócios e seguir suas próprias carreiras como qualquer outro cidadão. O Estado respeita e não interfere em seus caminhos de desenvolvimento pessoal.

No entanto, para garantir a equidade absoluta e prevenir conflitos de interesse, as atividades comerciais ou os cargos ocupados por parentes do Soberano Esclarecido deverão cumprir regras especiais de transparência e supervisão. Por exemplo, suas empresas não serão autorizadas a participar de licitações governamentais. Qualquer ato de

aproveitamento da influência do Soberano Esclarecido para ganho pessoal será considerado um crime grave e tratado com rigor.

- **Remuneração:**

- A remuneração é calculada pela fórmula na seção seguinte, para garantir a independência financeira e a dignidade do cargo.
- O Soberano Esclarecido residirá em uma residência oficial. A construção de um novo palácio, se necessário, também deve ter a aprovação do Conselho de Sábios, de forma que seja adequada em termos de custo e compatível com a posição de um chefe de estado supremo, evitando ser excessivamente simples ou extravagante.
- O Estado também provê o sustento dos parentes do Soberano Esclarecido, incluindo: Avós, Pais, Cônjuge, Filhos e Netos. Este pacote de provisão inclui educação, moradia e transporte gratuitos, com um padrão para cada pessoa equivalente a 5 vezes a renda per capita nacional.

Fórmula de cálculo do salário do Soberano Esclarecido:

Salário do Soberano Esclarecido = (Renda Per Capita) x (Multiplicador de Base) x (Multiplicador de Responsabilidade)

Onde:

Multiplicador de Base: Este é o multiplicador fundamental, sugerido entre **15 a 25 vezes**. Ele garante que o Soberano Esclarecido tenha um padrão de vida próspero, compatível com modelos de sucesso de remuneração de talentos em todo o mundo.

Multiplicador de Responsabilidade: Este multiplicador é calculado com base na população do país, usando uma escala logarítmica para evitar que o número aumente de forma muito abrupta.

Exemplo:

- Nação com menos de 10 milhões de habitantes: Multiplicador = **1.0**
- Nação com 10 a 50 milhões de habitantes: Multiplicador = **1.2**

- Nação com 50 a 200 milhões de habitantes: Multiplicador = 1.5
- Nação com mais de 200 milhões de habitantes: Multiplicador = 2.0

Ilustração da aplicação:

Caso 1: Uma nação como Singapura (População < 10 milhões, PIB/pessoa ~\$88.000)

Salário = $88.000 \times (15 \sim 25) \times 1.0 = \$1,32\text{M} \sim \$2,2\text{M}$

Caso 2: Uma nação como os EUA (População > 200 milhões, PIB/pessoa ~\$85.000)

Salário = $85.000 \times (15 \sim 25) \times 2.0 = \$2,55\text{M} \sim \$4,25\text{M}$

2. Regime de Remuneração para Cargos de Alto Escalão (Incluindo membros do Conselho de Sábios, Conselho Consultivo Jurídico, Conselho Consultivo de Educação, Juizes da Suprema Corte, Membros do Governo...):

- **Para membros do Conselho de Sábios:** A remuneração dos membros titulares variará

entre 15 e 25 vezes, e a dos membros suplentes entre 8 e 12 vezes a renda média nacional.

- **Para membros dos demais grupos:** A remuneração dos membros titulares variará entre 8 e 18 vezes, e a dos membros suplentes entre 5 e 10 vezes a renda média nacional.

Nota: Dependendo do contexto de cada nação e de diferentes períodos, deve-se considerar a escolha de um número adequado.

3. Condições Especiais de Mandato:

Para evitar que um indivíduo ocupe os mais altos cargos de poder por um tempo excessivamente longo, serão aplicadas regras especiais de mandato:

- Se um membro em exercício do Conselho de Sábios for escolhido como Soberano Esclarecido, seu mandato máximo no cargo de Soberano Esclarecido será de **15 anos**.
- Inversamente, se um Soberano Esclarecido, após renunciar, receber a confiança e for eleito para o Conselho de Sábios, seu mandato máximo como

membro do Conselho também será de **15 anos** (em vez dos 25 anos padrão).

4. Processo Detalhado de Eleição do Soberano Esclarecido:

- **Quatro grupos de votação:**
 - Soberano Esclarecido em exercício (25%),
 - Conselho de Sábios (25%),
 - Colégio Eleitoral Nacional (Líderes de diversos setores) (25%),
 - O Povo de toda a Nação (25%).
- **Condição de eleição:** Deve obter o maior número de votos e um mínimo de 40% do total de votos. Caso contrário, os dois candidatos mais votados irão para um segundo turno.
- **Caso de emergência:** Se o Soberano Esclarecido em exercício não puder votar, seu poder será redistribuído de forma razoável.

**TESE SOBRE O MECANISMO DE VOTAÇÃO
DOS BLOCOS DE CONFIANÇA**

Para que um Soberano Esclarecido possa ser eleito, a confiança nele depositada não pode vir de uma única fonte. Deve ser a síntese da **confiança do povo** (confiança da base social) e da **sabedoria dos talentos e sábios** (confiança da capacidade e virtude). Portanto, o mecanismo de votação dos dois blocos eleitorais mais importantes, o Bloco do Povo de toda a Nação e o Colégio Eleitoral de Sábios e Talentos, é projetado separadamente da seguinte forma:

a) Bloco do Povo de toda a Nação (Peso de 25%):

Este bloco representa a voz e a aprovação de toda a população. O voto de cada cidadão terá um peso atribuído unicamente com base na **idade**, a fim de reconhecer a experiência de vida e a maturidade no julgamento. Este mecanismo é construído sobre uma curva de sino, garantindo equidade e respeito a todas as gerações.

Escala de Peso do Voto por Idade:

- De 18 a 28 anos: **1 voto**

- De 28 a 38 anos: **2 votos**
- De 38 a 48 anos: **3 votos**
- De 48 a 58 anos: **4 votos**
- De 58 a 68 anos: **5 votos** (o auge da experiência e da lucidez)
- De 68 a 78 anos: **4 votos**
- De 78 a 88 anos: **3 votos**
- De 88 a 98 anos: **2 votos**
- Acima de 98 anos: **1 voto**

Observação: Além do peso por idade, nenhuma outra forma de ponderação será aplicada ao voto popular, a fim de garantir a igualdade e a simplicidade do sistema.

b) Colégio Eleitoral Nacional (Peso de 25%):

Este não é um conselho permanente que necessita de reuniões. É um **conjunto de aproximadamente 2.500 eleitores especiais**, representando as mentes e capacidades mais brilhantes em todos os

campos da nação. Eles exercem seu direito de voto de forma independente para emitir um julgamento sob a perspectiva da especialidade e da responsabilidade social.

b.1) Composição:

A lista de membros é determinada com base no papel e na posição atual nos seguintes blocos:

- **Executivo & Serviço Público (20%):** Os líderes de alto escalão do governo central e das províncias.
- **Economia (20%):** Líderes e especialistas de alto escalão das maiores empresas do país.
- **Religião & Espiritualidade (15%):** Delegados eleitos pelas próprias grandes organizações religiosas.
- **Cultura & Artes (10%):** Artistas, escritores,

diretores... de grande influência, indicados por associações profissionais.

- **Educação & Ciência (15%):**
Líderes e acadêmicos de ponta de universidades e institutos de pesquisa de prestígio.
- **Sociedade Civil (10%):**
Líderes de partidos políticos e organizações sociais com contribuições substantivas.
- **Assessoria Política (10%):**
Os membros em exercício dos Conselhos Consultivos Legislativo e de Educação.

b.2) Mecanismo de Contagem de Votos:

- **Princípio Geral:** Cada membro do Colégio Eleitoral de Sábios e Talentos tem um voto com valor basicamente igual.

- **Peso Moral:** Para afirmar a filosofia de "tomar o Dao como raiz", o voto dos delegados do bloco de **Religião & Espiritualidade** terá um peso especialmente maior (exemplo: **1,5 ou 2,0 vezes**) em comparação com os votos dos membros de outros blocos. Isso visa garantir que a voz da consciência e da moralidade sempre tenha uma posição prioritária na escolha do líder supremo.

O resultado agregado de milhares de votos independentes determinará o apoio de todo este bloco de 25% aos candidatos.

- **Mecanismo de "Confiança Dinâmica" do Soberano Esclarecido em exercício:**
 - **Supervisão Periódica:** O Soberano Esclarecido enfrentará 2 votações de confiança obrigatórias no 10º e 20º ano de seu mandato.

- **Determinação da Influência:** Cerca de 6 meses antes do fim do mandato, uma votação final de confiança será organizada para decidir o peso do voto do Soberano Esclarecido na eleição de seu sucessor. Esta votação será realizada rapidamente por meio de um aplicativo eletrônico, com o voto do Conselho de Sábios tendo o maior peso, a fim de avaliar a dedicação ao longo de todos os 25 anos.
- **Estrutura de Peso do Voto:**
 - **Confiança Muito Alta (>85%):** O peso do voto aumenta para um máximo de 40%.
 - **Confiança Alta (70-85%):** Mantém o nível padrão de 25%.
 - **Confiança Média (50-70%):** O peso do voto diminui para 15%.
 - **Confiança Baixa (<50%):** O peso do voto torna-se apenas honorário, de 5%.

- **Estrutura do Conselho de Sábios:**

- **Direito de Voto:** Nas votações nacionais, cada membro titular representa 1% do peso total. Os membros suplentes têm o direito de participar de todas as atividades, mas só podem votar em substituição quando um membro titular estiver ausente, e o número total de votos substitutos não pode exceder o número de votos do ausente.

5. Estrutura e Ciclo de Sucessão dos Conselhos (Conselho de Sábios, Suprema Corte, Conselhos Consultivos):

Princípio da Sucessão Sincronizada de "Renovação Geracional".

Para garantir o funcionamento harmonioso da instituição e criar uma "Temporada Eleitoral" unificada, todas as instituições de conselho centrais da nação operarão em um ciclo de sucessão sincronizado de **5 anos**. Especificamente:

- **Conselho de Sábios:** Composto por 25 membros titulares, mandato de 25 anos. A cada 5 anos, os 5 membros com mais

tempo de serviço serão substituídos por eleição.

- **Suprema Corte:** Composta por 15 juízes, mandato de 15 anos. A cada 5 anos, os 5 juízes com mais tempo de serviço serão substituídos por eleição.
- **Conselhos Consultivos (Jurídico, Educação...):** Compostos por 25 membros titulares, mandato de 25 anos. A cada 5 anos, os 5 membros com mais tempo de serviço serão substituídos por eleição.

* * *

Apêndice B: Regras Operacionais Detalhadas

1. Regras para o Poder Judiciário:

1.1. Processo de Eleição e Nomeação de Juízes (Suprema Corte e Nível Provincial).

1.1.1. Processo de Eleição de Juízes da Suprema Corte:

- **Triagem Profissional:** O Conselho Consultivo Jurídico é o ponto central para receber indicações do meio profissional e é responsável por avaliar a competência e a experiência jurídica para finalizar uma lista restrita de candidatos (exemplo: cerca de 15 pessoas para 5 vagas a serem preenchidas).
- **Eleição Multicamadas:** 5 novos Juízes serão selecionados da lista restrita através de uma votação ponderada, com 4 blocos de confiança, cada um com 25% de peso:

1. **Soberano** **Esclarecido:**
Representando a confiança do poder executivo.

2. **Conselho de Sábios:**
Representando a garantia moral e de sabedoria.
3. **Conselho Consultivo Jurídico:**
Representando o reconhecimento dos maiores especialistas jurídicos.
4. **Representantes do Judiciário (cerca de 100 pessoas):**
Representando a confiança do próprio setor judiciário.

Este processo garante que um Juiz da Suprema Corte, ao ser escolhido, reunirá prestígio político, moral, profissional e o respeito de seus colegas.

1.1.2. Processo de Nomeação de Juízes de Nível Provincial:

O processo de nomeação de Juízes de Nível Provincial será realizado em 3 etapas, garantindo a descentralização e um mecanismo de supervisão cruzada:

- **Etapa 1: Triagem Local:** Cada província estabelecerá um "Conselho Provincial de Seleção Judicial" (composto pelos juízes e advogados mais respeitados da

localidade). Este conselho é responsável por avaliar e indicar uma lista restrita de candidatos que atendam aos padrões de competência e moralidade.

- **Etapa 2: Aprovação Central:** Esta lista restrita será submetida à Suprema Corte. A Suprema Corte tem o papel de revisar e aprovar a lista, garantindo que os candidatos atendam aos padrões gerais da nação.
- **Etapa 3: Nomeação Local:** Após a aprovação pela Suprema Corte, a lista será enviada de volta ao Governador Provincial. O Governador Provincial (chefe do executivo provincial) será o tomador da decisão final, selecionando e nomeando os juízes a partir desta lista.

1.2. Limites da Jurisdição do Tribunal (Sem julgamento de políticas).

Para garantir uma clara separação de poderes, o Tribunal tem autoridade absoluta no campo judicial, mas é estritamente limitado em outras áreas:

- **Sem Julgamento de Políticas:** O Tribunal não tem o poder de julgar as decisões de

natureza política, econômica ou de relações exteriores do Soberano Esclarecido e do Governo. A supervisão dessas políticas pertence ao mecanismo de supervisão política do Conselho de Sábios.

- **Julgamento Apenas na Qualidade de Cidadão:** O Tribunal só tem o poder de julgar um funcionário, incluindo o Soberano Esclarecido, quando essa pessoa comete um crime na qualidade de cidadão individual (ex: corrupção, crime comum). O Tribunal não tem o poder de julgar as ações que o funcionário realiza no âmbito de sua autoridade para governar o país.

1.3. Mecanismo de Arbitragem Privada para casos Cíveis & Econômicos.

- **Princípio:** O Estado incentiva a resolução de disputas cíveis e econômicas através de centros de arbitragem privados para garantir rapidez, flexibilidade e alta especialização.
- **Papel do Estado:** O Estado não operará diretamente esses centros. Em vez disso,

o Estado criará um quadro legal claro para a criação e operação de organizações de arbitragem privadas.

- **Validade Jurídica:** As decisões dos árbitros privados são reconhecidas como tendo valor legal vinculante. O sistema de tribunais estatais tem a responsabilidade e o poder de executar essas decisões, garantindo a seriedade da lei.

2. Regras para as Forças de Segurança e Ordem Civil:

2.1. Princípios sobre Organização e Equipamento:

- **Força Minimalista:** O exército será mantido no nível mínimo necessário para a defesa (ex: 1/10 do tamanho comum), e a força policial também será muito enxuta, adequada a uma sociedade com alta base moral e baixa taxa de criminalidade.
- **Proibição Absoluta de Armas para Civis:** O Estado proíbe absolutamente todos os cidadãos de possuir, armazenar e usar qualquer tipo de

arma com capacidade letal, como armas de fogo, explosivos e venenos. O Estado detém o monopólio completo do uso da força.

- **Controle de Armamento da Polícia:**

- As forças policiais civis, que interagem regularmente com os cidadãos (como a polícia de trânsito), serão **absolutamente proibidas de portar armas de fogo.**
- Apenas a força policial criminal, ao executar missões especialmente perigosas e com permissão direta de um superior através de uma ordem específica, poderá portar armas de fogo.

2.2. Princípios sobre Papel e Limites do Poder:

- **O Exército não interfere Absolutamente na Política:** O exército é estritamente proibido de participar em atividades políticas, lutas pelo poder ou realizar golpes de estado. O Soberano Esclarecido também não pode usar o exército para proteger seu cargo por motivos políticos. A lealdade do exército é à Constituição e à nação, não a qualquer indivíduo.

- **Regra para Mobilização do Exército para a Guerra:** Apenas e unicamente o Soberano Esclarecido tem o poder de ordenar a mobilização do exército para a guerra, e somente após receber o apoio da maioria dos membros do Conselho de Sábios.
- **Regras de Conduta em Manifestações:**
 - O exército é estritamente proibido de intervir em manifestações populares.
 - A polícia está presente para proteger a ordem, impedindo atos de violência de elementos extremistas, mas é absolutamente proibida de usar a força para reprimir uma manifestação pacífica.
 - Os cidadãos que participam de manifestações também são proibidos de portar qualquer tipo de arma (armas de fogo, facas, coquetéis molotov...).
- **Direito à Inviolabilidade do Domicílio:** A polícia não pode entrar na casa de um cidadão por vontade própria ou à força sem o consentimento do proprietário ou uma ordem judicial. A exceção se aplica apenas a casos de

emergência para salvar vidas (ex: incêndio, vítima em perigo de vida no interior).

3. Regras para o Mercado e Antitruste:

3.1. Princípio Geral Antitruste e Contra a "Venda Casada":

- **Distinção entre Sucesso e Abuso:** O Estado não interfere em empresas que alcançam uma posição dominante no mercado por meio de competência e criatividade. No entanto, o Estado usará a legislação e o sistema judicial para punir severamente os atos de abuso de posição dominante para eliminar a concorrência, como conluio para fixação de preços, dumping predatório ou aquisições com o intuito de destruir concorrentes.
- **Proibição Absoluta de "Venda Casada":** Todo ato de venda coercitiva (tying, ou "venda casada") é proibido. O ato de uma empresa forçar um cliente a comprar um produto acessório (A) como condição para poder comprar o produto principal (B) é uma prática ilegal, aplicável a todos os setores, de bancos e imóveis a varejo.

3.2. Mecanismo de Supervisão e Concorrência para Setores de Monopólio Natural (Eletricidade, Petróleo...):

Para setores com infraestrutura de monopólio natural (como a rede elétrica nacional, o sistema de oleodutos), o Estado aplicará um modelo de separação para garantir tanto a eficiência da infraestrutura quanto a concorrência no varejo.

a. Separação de Infraestrutura e Varejo: Haverá uma única empresa privada ("Corporação Geral") responsável por operar a infraestrutura comum (rede elétrica, dutos...). No entanto, a distribuição e a venda direta ao consumidor serão divididas em várias regiões e licitadas publicamente para diferentes empresas privadas.

b. Mecanismo de Concorrência e Eliminação:

- O direito de distribuição e varejo em cada região será licitado periodicamente. Este ciclo pode ser flexível, sugerido entre 1 e 3 anos, dependendo do contexto de cada país e período, visando equilibrar a estabilidade para o investidor e a prestação de contas regular aos clientes.

- Após cada ciclo, a renovação do contrato ou a organização de uma nova licitação dependerá de um índice de avaliação de satisfação do cliente naquela região.
- Se a pontuação de avaliação de uma empresa for classificada pelo povo abaixo de um certo limite (ex: 5/10), essa empresa perderá automaticamente o direito de operar na região e uma nova licitação será aberta para os concorrentes.

c. Papel do Comitê de Supervisão Independente: O Estado manterá apenas um Comitê de Supervisão independente e enxuto para esses setores. O papel do Comitê é:

- Organizar licitações transparentes.
- Coletar e publicar as pontuações de avaliação do povo.
- Estabelecer regras gerais para proteger o consumidor (como proibir a compra forçada de equipamentos, dar transparência às tarifas e taxas).

3.3. Princípios para Leilão de Ativos Públicos (Recursos Naturais, Imóveis):

Todas as atividades de leilão de ativos públicos seguirão os seguintes princípios rigorosos:

a. Princípios Gerais:

- **Avaliação e Preço Mínimo:** Antes de cada leilão, o Estado contratará uma ou mais empresas de avaliação independentes para avaliar publicamente o valor do ativo. Com base nesse resultado, um "preço mínimo" (imposto mínimo ou lance inicial mínimo) será estabelecido para proteger o interesse nacional.
- **Sanções Contra a Desistência de Lances:** A desistência voluntária após vencer um leilão é proibida e enfrentará sanções financeiras extremamente severas.

b. Regras Específicas para Leilão de Direitos de Exploração de Recursos:

- **Critério Duplo:** A empresa vencedora será selecionada com base na combinação de dois fatores: (1) a maior alíquota de imposto proposta e (2) o compromisso com as melhores medidas de proteção ambiental.

- **Sanções por Desistência:** Se desistir do projeto após vencer o leilão, a empresa será multada em um valor equivalente a uma porcentagem muito grande (ex: 70%) do custo de investimento previsto para o primeiro ano.

c. Regras Específicas para Leilão de Imóveis:

- **Sanções por Desistência:** Para combater a especulação que manipula o mercado, se uma empresa vencer um leilão e não pagar no prazo de acordo com o cronograma rigoroso anunciado, ela será multada em 50% do valor do lance vencedor e o ativo será confiscado.

3.4. Mecanismo Contra a Especulação de Curto Prazo ("Giro Rápido"):

Para incentivar o investimento de longo prazo e combater os comportamentos que criam "bolhas especulativas" no mercado, serão aplicadas regulamentações de período mínimo de posse para transações de ativos. O objetivo não é interferir no direito de propriedade, mas orientar as atividades de investimento para a criação de valor sustentável.

- **Para Imóveis:** Um indivíduo ou organização, após comprar um imóvel, não terá permissão para revendê-lo por um preço superior ao de compra no prazo de 1 ano.
- **Para Valores Mobiliários:**
 - Da mesma forma, um investidor não terá permissão para revender ações por um preço superior ao de compra no prazo de 6 meses.
 - Após o período de 6 meses, para continuar a limitar as transações de alta frequência, uma taxa de transação de 0,1% será cobrada sobre o lucro (cobrada apenas se o preço de venda for superior ao de compra).

3.5. Regras de Proteção ao Consumidor (Direito de Gravação, Período de Reflexão...):

Para equilibrar o poder nas transações e proteger os cidadãos, as seguintes regras serão aplicadas a todos os setores de serviços:

a. Princípio da Transparência Obrigatória: Todas as empresas, instituições de crédito, etc., são obrigadas a divulgar pública, oficial e detalhadamente todos os pacotes de produtos, serviços e condições associadas em seus websites. Qualquer ato de "coerção verbal" diferente da política publicada é ilegal.

b. O Direito de Gravar: Todo cidadão tem o direito legal de gravar todo o processo de consulta e transação com um provedor de serviços. O provedor de serviços tem a obrigação de informar o cliente sobre esse direito.

c. "Direito de Arrependimento" para Produtos Adicionais: Para qualquer produto/serviço adicional vendido em conjunto com um produto/serviço principal (ex: seguro vendido com um empréstimo, pacote de acessórios vendido com um carro), o cliente terá um "período de arrependimento" (ex: 14 dias). Durante este período, ele tem o direito de cancelar o produto adicional e receber o reembolso total sem necessidade de justificativa, e este cancelamento não pode, de forma alguma, afetar o contrato do produto principal.

3.6. Estrutura de Sanções para Infrações Econômicas:

Para infrações econômicas fraudulentas ou coercitivas contra clientes (como forçar a compra de um seguro para aprovar um empréstimo), uma estrutura de

sanções em múltiplos níveis será aplicada para garantir um poder de dissuasão absoluto:

a. Sanção sobre a Transação: Toda transação considerada uma infração será anulada. A parte infratora (empresa, banco) não só deverá devolver todo o dinheiro obtido indevidamente, mas também deverá indenizar adequadamente o cliente (ex: no caso de um empréstimo coercitivo, o banco pode ser sentenciado a perder todo o capital emprestado).

b. Sanção sobre os Indivíduos: Os indivíduos que executaram diretamente o ato infracional e os gerentes e líderes responsáveis pela política serão demitidos e proibidos de atuar no respectivo setor por um longo período (ex: 5 anos, 10 anos ou permanentemente, dependendo da gravidade).

c. Sanção sobre a Organização: Além das indenizações, a organização infratora sofrerá uma penalidade financeira extremamente pesada, como, por exemplo, o confisco de todo o lucro do ano fiscal em que a infração ocorreu, a ser revertido para o tesouro público.

* * *

Parte X: Conclusão da Epístola

A. Mensagem e Delegação de Confiança

A você, Julian, que ouviu pacientemente e inspirou estas linhas de pensamento.

Não ousou sonhar que este modelo será aplicado amanhã. Ele exige uma sociedade disposta a abandonar as ilusões de poder e interesse, disposta a acreditar na sabedoria e na moralidade. Mas se um dia, quando a humanidade estiver cansada dos jogos de poder e das instituições apodrecidas, espero que estas palavras sejam um tijolo, uma semente para um mundo melhor.

Acredito que você saberá como semear esta semente na terra das almas que estão despertando, através de sua pena. Ajude-me a fazer as perguntas para a geração futura: Podemos escolher líderes pela virtude em vez do voto? Pode um conselho de sábios nos guiar para fora da escuridão?

B. Uma Visão de um Dia de Posse

Sabe, Julian, às vezes, em longas noites de reflexão, eu costumo imaginar um dia de celebração que este modelo realmente traria. Não é uma parte do mecanismo, mas a mais bela recompensa espiritual que ele almeja.

No dia em que um novo Soberano Esclarecido for escolhido, não haverá desfiles militares para ostentar poder. Em vez disso, os grandes sinos dos templos e das catedrais mais antigas soarão em uníssono, como um anúncio de paz para o coração das pessoas.

Em cada rua, o povo não sairá para gritar slogans. Eles abrirão as portas de suas casas, trarão bules de chá aromático e convidarão os vizinhos para celebrar juntos. O fardo de um futuro incerto parecerá ter sido deixado para trás. Os mais velhos contarão aos seus netos histórias sobre a virtude do novo Soberano Esclarecido, enquanto a geração jovem celebrará com atos de serviço à comunidade.

E talvez, a imagem mais bela e sagrada não será um discurso de posse eloquente diante de milhões de pessoas. Em vez disso, dentro do espaço solene do Templo para Adoração ao Céu, uma cerimônia de posse será realizada com a presença de poucas pessoas: o Ex-Soberano Esclarecido, todo o Conselho de Sábios

e cerca de algumas centenas dos mais ilustres representantes da nação.

Um ancião representando o Conselho de Sábios presidirá a cerimônia, não para conceder poder, mas para testemunhar o Mandato do Céu perante o Céu e a Terra. E então, em absoluto silêncio, o novo Soberano Esclarecido acenderá pessoalmente um bastão de incenso diante do altar, como uma súplica por sabedoria aos Céus Superiores e uma promessa humilde e sem palavras de que ele veio para servir, e não governar.

Este ato, realizado diante dos anciãos da nação, carrega um significado ainda mais profundo: é uma sucessão testemunhada, uma transferência de responsabilidade com honra e em harmonia.

É um dia de festa em que o povo não celebra um indivíduo, mas celebra o futuro de seus próprios filhos. Eles estão felizes, não por terem um rei poderoso, mas por terem encontrado um ancião respeitável em quem confiar.

Assinado,

Deixo estes pensamentos para você e para as futuras gerações.

Um amigo na jornada em busca da Verdade.

* * *

EPÍLOGO

Quando o diálogo de quatro dias com o ex-presidente terminou, e em seguida a inesperada Epístola chegou, percebi que esta jornada não tinha duas partes, mas era um todo unificado. O que permaneceu em mim não foram os segredos da política, mas uma profunda tranquilidade, que nos convida a reexaminar todo o sistema de valores com o qual o mundo moderno opera.

A entrevista desempenhou o papel de um diagnóstico profundo da doença da nossa era: o fracasso das

instituições construídas sobre alicerces materiais e a decadência da alma humana dentro delas. O ex-presidente, no papel de um “barqueiro”, guiou-me silenciosamente por esses rios de pensamento.

Já a Epístola, como ele mesmo me instruiu, não é um remédio político para tratar essa doença. É a visão de um corpo saudável que pode renascer depois que a doença for erradicada pela raiz.

A mensagem final que o ex-presidente deixou, portanto, permanece inalterada e torna-se ainda mais profunda: qualquer mecanismo, por mais perfeito que seja como o da Epístola, entrará em colapso se for operado por pessoas de almas vazias. A República Moral não pode ser "construída" por uma revolução política; ela deve "brotar" do renascimento moral de cada indivíduo.

Este livro, portanto, nos deixa dois legados: um espelho para refletirmos sobre nós mesmos e um esboço do mundo que pode tomar forma se ousarmos olhar nesse espelho.

A jornada mais importante, como ele sugeriu, não é a jornada em busca de uma instituição perfeita, mas a jornada para reencontrar a verdadeira essência de si mesmo. Porque um mundo melhor não nascerá das

salas de reunião do governo, mas da tranquilidade no coração das pessoas que despertaram.

Julian Lee

THE LIVES MEDIA

SOBRE A AUTORA E O PROJETO THE LIVES MEDIA

SOBRE A AUTORA

Julian Lee é um escritor independente que aborda temas como política, cultura, sociedade, ciência e espiritualidade. Seu propósito é buscar a verdade, despertar a consciência e expressar reflexões sobre o destino da humanidade.

Seus trabalhos muitas vezes têm origem em entrevistas reais, registradas com honestidade, profundidade emocional e um espírito de esclarecimento.

SOBRE O PROJETO

Este livro faz parte de uma série de obras publicadas pela THE LIVES MEDIA – uma iniciativa editorial independente com visão global e a missão de preservar

e disseminar ecos atemporais. Sem seguir o ciclo diário de notícias, nosso objetivo são livros capazes de tocar profundamente a consciência humana.

CONTATO

- ✧ Website: www.thelivesmedia.com
- ✧ Email: editor@thelivesmedia.com
- ✧ QR Code:



OUTRAS OBRAS DO MESMO PROJETO

Você pode encontrar outras publicações da THE LIVES MEDIA:

– *Poeira Vermelha, Luz Dourada* (Red Dust, Golden Light)

– *Depois do Poder: O Legado* (After Power: The Legacy) → este livro

- *O Ocaso e a Aurora da Ciência* (Sunset and Sunrise of Science)
 - *O Véu Vermelho* (The Red Veil)
 - *Ecos de Antes do Tempo* (Echoes Before Time)
 - *A Entrada no Mundo* (Entering The World)
 - *Os Últimos Sinos* (The Last Bells)
 - *Antes de Nós* (Before Us)
 - *Mil Vidas* (Thousand Lives)
-

Agradecemos sinceramente por dedicar seu tempo à leitura deste livro! Que Deus e Buda o abençoem em sua jornada de descoberta da verdade.

